

UNIVERSIDADE SAGRADO CORAÇÃO

GLEICY NATALY LOPES

**TERRORISMO E A HUMANIDADE: A EVOLUÇÃO
HISTÓRICA DO TERROR DA ANTIGUIDADE ATÉ
A ATUALIDADE**

BAURU

2016

GLEICY NATALY LOPES

**TERRORISMO E A HUMANIDADE: A EVOLUÇÃO
HISTÓRICA DO TERROR DA ANTIGUIDADE ATÉ
A ATUALIDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentando ao Centro de Ciências
Exatas e Sociais Aplicadas como parte
dos requisitos para obtenção do título de
Bacharel em Relações Internacionais,
sob da Prof^a. M.^a Beatriz Sabia Ferreira
Alves

BAURU

2016

Lopes, Gleicy Nataly

L8641t

Terrorismo e humanidade: a evolução histórica do terror da antiguidade até a atualidade / Gleicy Nataly Lopes. -- 2016.

106f. : il.

Orientadora: Profa. M.^a Beatriz Sabia Ferreira Alves.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Relações Internacionais) - Universidade do Sagrado Coração - Bauru – SP.

1. Terrorismo. 2. Fundamentalismo. 3. Totalitarismo. I. Alves, Beatriz Sabia Ferreira. II. Título.

GLEICY NATALY LOPES

**TERRORISMO E HUMANIDADE: A EVOLUÇÃO HISTÓRICA DO
TERROR DA ANTIGUIDADE ATÉ A ATUALIDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentando ao Centro de Ciências
Exatas e Sociais Aplicadas como parte
dos requisitos para obtenção do título de
Bacharel em Relações Internacionais,
sob da Prof^a. M.^a Beatriz Sabia Ferreira
Alves

Banca examinadora:

Prof^a M.^a Beatriz Sabia Ferreira Alves
Universidade Sagrado Coração

Prof^a M.^a Roberta Cava
Universidade Sagrado Coração

Prof. Dr. Bruno Vicente Lippe Pasquarelli
Universidade Sagrado Coração

Bauru, ___ de Dezembro de 2016.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aos meus pais que desde sempre me apoiaram em tudo, me incentivando e colaborando de todas as formas possíveis para que pudesse prosseguir nos estudos tendo a oportunidade de estudar, nada disso seria possível sem o apoio incondicional que me deram.

Agradeço também a minha irmã Glaucy que desde sempre me ajudou permanecendo ao meu lado mesmo nos momentos mais difíceis.

As minhas madrinhas Lurdes e Emília. Aos meus avós Carmelina e José “in Memoriam”, assim como toda a família Sebin que apesar de não estarem em Bauru sempre foram exemplos de persistência e lutaram sempre de cabeça erguida.

Agradeço também a professora Roberta, sempre amigável e divertida, agradeço também a coordenadora do curso de Relações Internacionais e minha orientadora Beatriz sempre me ajudou com paciência e prontidão na elaboração deste trabalho e em tantos outros desafios durante a vida acadêmica e acima de tudo, grandes educadoras e amigas durante esses anos. Obrigada a todas professoras e todos professores que nos acompanharam e ajudaram em nossa formação durante esses quatro anos, assim como todos os funcionários da Universidade Sagrado Coração.

São esperados dos Voluntários encarregar uma guerra de libertação contra o inimigo numericamente superior. Isso envolve o uso de armas e explosivos. Primeiramente o uso de armas. Quando voluntários são treinados para usar armas devem entender que armas são perigosas, e seu principal propósito é tirar a vida humana, em outras palavras para matar pessoas, e voluntários são treinados para matar pessoas. Não é fácil pegar uma arma e ir matar alguém sem convicções ou justificativas (...) Convicções que são fortes o bastante para dar-lhes confiança para matar alguém sem hesitação e sem arrependimento. De novo todas pessoas que desejam se alistar ao Exército devem perceber que quando a vida é tomada, pode muito bem significar que que seja a própria (Livro verde do IRA, tradução nossa)

Sumário

| | |
|--|-----------|
| 1. Introdução. | 11 |
| 2 Entendendo o terrorismo e seu funcionamento | 13 |
| 2.1 O debate entorno da definição da palavra Terrorismo..... | 13 |
| 2.2 Como surgem grupos terroristas?..... | 15 |
| 2.3 A organização dentro de um grupo terrorista..... | 16 |
| 2.4 Diferenças entre um grupo terrorista e um grupo guerrilheiro..... | 20 |
| 2.5 Os efeitos dos atos terroristas..... | 24 |
| 3 Os primeiros grupos terroristas fundamentalistas da história | 26 |
| 3.1- Os Sicarii: o primeiro grupo terrorista fundamentalista da história. | 26 |
| 3.1.1. Organização e Táticas dos homens dos punhais..... | 28 |
| 2.1.2 O Mundo da Galileia | 29 |
| 3.3 Os Assassinos e a origem do martírio e o primeiro grupo terrorista islâmico. | 33 |
| 3.3.1. Quem eram os Assassinos? | 33 |
| 3.3.2. Uma breve introdução sobre o Islamismo: quem são os Ismaelitas?..... | 34 |
| 3.3.3. Din wa Dawla: O conceito islâmico de Estado e Religião..... | 38 |
| 3.3.4. A origem da ordem dos Assassinos | 39 |
| 3.3.5. Conhecendo mais a ordem: Da vida comum, Modus operandi aos assassinatos mais famosos atribuídas à ordem. | 41 |
| 3.3.6 O fim da ordem dos Assassinos..... | 44 |
| 4. Terrorismo de Estado | 47 |
| 4.1. Conceituação do Estado terrorista. | 47 |
| 4.2. Terrorismo de Estado contra sua própria população, diferença entre regimes autoritários e totalitários e exemplos de regimes totalitários do século XX..... | 48 |
| 4.3. Ascensão dos Regimes Socialista soviético, Fascista italiano e Nazista alemão. | 52 |
| 4.4. O controle estatal sobre a vida dos cidadãos a produção cultural e a educação..... | 56 |
| 4.5. O Totalitarismo na questão familiar: o papel da mulher na sociedade e na formação da “família ideal”..... | 62 |
| 4.6. Estado de vigilância constante | 64 |
| 5 Terrorismo na atualidade | 75 |
| 5.1. ETA, IRA e os atentados. | 75 |
| 5.2. ETA (Euskadi ta Askatasuna), grupo de independência ou separatista Basco..... | 75 |
| 5.3. IRA (Irish Revolutionary Army) | 79 |
| 5.4. 11 de Setembro de 2001 e a Guerra ao Terror. | 84 |

| | |
|--|------------|
| 5.3. Como países reagem a grupos? As táticas e estratégias para prevenir e combater o terrorismo. | 94 |
| 6. Considerações Finais..... | 100 |
| Referências Bibliográficas | 104 |

RESUMO

Para avaliar o terrorismo proveniente de grupos, principalmente de orientação fundamentalista que atuaram na antiguidade, ou seja, antes a Revolução Francesa é preciso detectar semelhanças entre grupos antigos e modernos independente da orientação religiosa. Além de conhecer mais sobre o funcionamento de grupos terroristas, como se diferenciam com outras modalidades dentro da guerra irregular como as guerrilhas. Busca-se também demonstrar o terrorismo vindo de Estados que usaram o seu poder e o empregaram a violência contra seus cidadãos tendo os maiores exemplos nos regimes totalitários que perduraram durante o século XX apontando semelhanças entre os regimes stalinista, nazista e fascista. Será avaliado grupos nacionalistas e separatistas europeus que atuaram desde a metade do século XX, fazendo o histórico dos atentados do 11 de setembro de 2001 até a Guerra ao Terror promovido pelo Bush e finalizando com a abordagem das diferentes estratégias de antiterrorismo empregados pelos países demonstrando quais são os desafios dos países em combater novos grupos terroristas.

Palavras Chave: Terrorismo, Fundamentalismo, Totalitarismo.

ABSTRACT

To evaluate terrorism coming from groups, mainly fundamentalist orientation that acted in antiquity, that is, before the French Revolution, it is necessary to detect similarities between ancient and modern groups regardless of religious orientation. In addition to knowing more about the functioning of terrorist groups, how do they differ other modalities within the irregular war as the guerrillas. It also seeks to demonstrate terrorism from states that have used their power and have used violence against their citizens, having the greatest examples in the totalitarian regimes that persisted during the twentieth century by pointing out similarities between the Stalinist, Nazi, and Fascist regimes. It will be evaluated nationalists and separatists European groups that operate since mid-twentieth century, tracing historically about the attack of September 11th, 2001 until to the Bush-led War on Terror and finalizing the approach to the different counterterrorism strategies employed by countries demonstrating the challenges of countries in combating new terrorist groups.

Keywords: Terrorism, Fundamentalism, Totalitarianism.

1. Introdução.

Com final da II Guerra Mundial e durante a Guerra Fria, grupos terroristas assim como guerrilhas surgiram por todo o globo como uma arma política usada pelas pessoas para lutar contra governos, etnias e países estrangeiros, no entanto, com os atentados no dia 11 de setembro de 2001 nos EUA demonstram que com a globalização no contexto da facilidade nas comunicações e transportes, grupos terroristas passaram a ter abrangência internacional e praticar atos terroristas em qualquer lugar do mundo transformando o sistema internacional, desde então surgiram estudos abordando os diversos aspectos do terrorismo a fim de tentar explicar o fenômeno, definir e diferenciar vários grupos com outras formas de guerra irregular, apesar de ser uma palavra muito usada por países, pessoas e jornais, não existe definição clara e aceita universalmente.

No entanto, carece-se de fontes em português que abordam manifestações do terrorismo principalmente de grupos que remontam ao período anterior a Revolução Francesa, quando oficialmente passou a estudar o terrorismo usando as fontes principalmente de língua inglesa.

O trabalho tem como intuito demonstrar o terrorismo com o primeiro capítulo abordando e esclarecendo as diferenças com Terror e terrorismo, as origens da palavra e como um grupo terrorista funciona, suas estruturas de comando, cenários ideais para o surgimento do terrorismo, como é o processo de planejamento para que ocorra ataques e as diferenças com grupos guerrilheiros.

Em seguida, o segundo capítulo abordará os grupos terroristas que atuaram na antiguidade, ou período anterior a Revolução Francesa, o primeiro grupo agiu no século I d.C. na antiga Judeia, atualmente é a região de Israel e Palestina, os Sicarii, mostrando como era a realidade do povo, os alvos e quais ações que tornaram o grupo tão temido tanto pelos romanos quanto pelo próprio povo que habitava a região assim como o término do grupo. O segundo grupo a agir foi a ordem islâmica de orientação ismaelita, os Assassinos que atuaram por mais de duzentos anos durante a Idade Média que aterrorizaram autoridades de sua época, inaugurando o martírio.

O terceiro capítulo trará o uso do Terror pelos maiores regimes Totalitários do século XX, mas antes será esclarecido as diferenças com os regimes Autoritários, depois

O trabalho tem como intuito demonstrar como o terrorismo influencia e acompanha a história humana, como grupos terroristas fundamentalistas que atuaram no período anterior a Revolução Francesa influenciaram as regiões que estavam atuando destacando sua história, líderes organização, armas e táticas usadas para alcançar e seus objetivos para que depois sejam apontadas diferenças e semelhanças entre grupos fundamentalistas antigos com os atuais.

Por fim no quarto capítulo será analisado os grupos terroristas nacionalistas e independentistas ETA e o IRA que agiram no continente europeu a partir da segunda metade do século XX, avaliando seu histórico, organização, seus métodos de luta para conseguir a independência de suas regiões e como terminaram por abandonar o terrorismo durante o fim das décadas de 1990 e a primeira década dos anos 2000. Terminando por demonstrar a transformação dos EUA após o 11 de setembro e quais táticas e estratégias países costumam usar para tentar desbaratar grupos terroristas.

A partir da análise histórica, evidencia-se que o terrorismo sempre foi fator de mudanças na evolução do homem, transformando completamente a sociedade e o mundo, além de ser um fenômeno recorrente na história humana, o que demonstra a importância dos estudos em retrospectiva para um conhecimento completo acerca da temática relacionando a teoria com a prática.

2 Entendendo o terrorismo e seu funcionamento

2.1 O debate entorno da definição da palavra Terrorismo

Geralmente terrorismo e terror são entendidos como sinônimos, porém são palavras distintas e com significados diferentes:

TERRORISMO E TERROR. — Apesar de correntemente o terrorismo ser entendido como a prática política de quem recorre sistematicamente à violência contra as pessoas ou as coisas provocando o terror, a distinção entre esta última e o terrorismo representa o ponto de partida para a análise de um fenômeno que, ao longo dos séculos, viu constantemente aumentar seu peso político. Como terror entende-se, de fato, um tipo de regime particular, ou melhor, o instrumento de emergência a que um Governo recorre para manter-se no poder. (...) O recurso ao terror por parte de quem já detém o poder dentro do Estado não pode ser arrolado entre as formas de Terrorismo político, porque este se qualifica, ao contrário, como o instrumento ao qual recorrem determinados grupos para derrubar um Governo acusado de manter-se por meio do terror (BOBBIO; MATTEUCCI; PASQUINO, 1998, p. 1252)

Como Bobbio afirma, o terrorismo é uma ferramenta usada tanto por grupos quanto por Estados na forma de Terror que é a ação da violência voltada contra a população para manter-se no poder, isto é terrorismo abrange todas as modalidades enquanto o Terror define somente o mecanismo caracterizado como terrorismo de Estado.

Apesar de ter múltiplas definições que mudam de acordo com ponto de vista dos autores e com o contexto histórico e sua tipologia, a palavra terrorismo é relativamente recente em nossa história e tornou-se objeto de estudos na segurança internacional depois dos atentados do 11 de setembro de 2001 nos EUA, sendo considerado o maior ataque em solo norte americano desde o ataque da marinha do Japão à Pearl Harbor em 1941¹.

A primeira aparição das palavras terrorismo e terror foi em 1798 no Dictionnaire of Académie Française e tinha uma definição limitada apenas para “sistema, regime de terror” e após a Revolução Francesa o termo se expandiu para uma definição mais completa “qualquer pessoa que espalha suas ideias através da coerção e intimidação”,

¹ A diferença entre ambos os ataques foram, Pearl Harbor era alvos militares e apesar do sucesso do ataque os objetivos não foram alcançados, os 3 porta aviões estavam fora do porto, o ataque provocou a morte de 3.303 a maioria era de militares, o ataque mobilizou uma grande esquadra japonesa, foi empregado: 6 porta aviões 2 encouraçados, 3 cruzadores somando uma esquadra de 31 navios no total de 354 aviões foram usados no ataque ao arquipélago do Pacífico. O ataque a Pearl Harbor induziu a entrada dos EUA na II GM contra um inimigo reconhecido: o Eixo. Porém o 11 de setembro foi um ataque contra alvos psicológicos no caso, econômico (torres World Trade Center), militar (Pentágono) e político (o terceiro avião foi derrubado pelos terroristas durante a tentativa dos passageiros de retomar o controle da aeronave, mas cogita-se que o alvo seria o Capitólio ou a Casa Branca) dos EUA e matou mais de 3.071 pessoas a imensa maioria era civis inocentes com apenas 4 aviões sequestrados por um punhado de fundamentalistas em pleno território dos EUA (NY e Washington) em total sincronia que foi televisionada e transmitida pelo mundo, o inimigo era abstrato e difuso (VISACRO).

ainda assim não existe nenhuma definição abrangente para terrorismo que pode ser capaz de abordar todas suas manifestações ao longo da história (LAQUEUR, 2002, p. 7 e 16)

A diferença entre a violência advinda do terrorismo e a violência que é praticada por um criminoso comum é que o perpetrador justifica essa violência como um mal necessário à sua causa, que busca mudança política, social e talvez econômica ou como um meio de resistir a opressão seja ela vinda de seu país ou por ocupação estrangeira.

Terrorismo em várias formas, foi praticado através da história e cruzou uma ampla variedade de ideologias políticas. Existem muitas definições para a palavra *terrorismo*, assim como existem métodos para executá-la; o termo tem significados diferentes para diferentes pessoas, e tentar definir ou classificar terrorismo para satisfazer todos prova ser impossível. No entanto, a maioria das definições do terrorismo abrange três fatores: métodos (violência), o alvo (civis ou governo), e o propósito (para instilar o medo e mudança política ou social). (KUSHNER, 2003, p. 359).

Primeiro deve-se diferenciar a violência empregada no terrorismo e em crimes comuns, por exemplo, quando ocorre um sequestro, com objetivo de chamar atenção ou pressionar autoridades a agirem e o sequestrador acredita estar servindo a uma causa justificando suas ações, é terrorismo, quando o sequestro tiver objetivo de exigir um resgate onde o sequestrador se interessa apenas pela parte financeira é um crime comum.

Tabela 1. Diferenças entre criminosos comuns e terroristas

| TERRORISTA | CRIMINOSO COMUM |
|-----------------------------------|----------------------------|
| Objetivo Político | Crime de oportunidade |
| Motivação ideológica ou religiosa | Sem filosofia ou doutrina |
| Foco no grupo | Centro em si mesmo |
| Propósito | Sem causa |
| Treinado para a missão | Sem treino |
| Orientado para atacar | Orientado para escapar |
| Sem sentido de autopreservação | Sentido de autopreservação |

Fonte: (LEAL, 2012, p.9).

O grande desafio de definir terrorismo está na complexidade de analistas, estudiosos e observadores possuírem um entendimento em comum, porém a se depara

com como algumas pessoas enxergam as ações do sujeito como terrorista, para alguns esse sujeito é um herói que está lutando por sua liberdade, ou seja, a questão do ponto de vista é um dos maiores desafios que estudiosos, observadores e pesquisadores enfrentam ao definir os limites do terrorismo e que este termo seja aceito e interpretado corretamente (POLAND, 2005)

O tema das múltiplas definições propostas por estudiosos em relação ao que é terrorismo em termos práticos é bem apresentado:

Uma abordagem interessante para o problema de definir a palavra terrorismo foi feita por dois pesquisadores holandeses da Universidade de Leiden, Alex Schmid e Albert Jongman. Eles coletaram 109 definições acadêmicas e oficiais do terrorismo e analisaram a fim de encontrar os pontos centrais, eles encontraram o elemento de violência foi incluído em 83,5% das definições, objetivos políticos em 65%, enquanto que 51% enfatizaram o uso para infligir medo e terror. Somente 21% mencionaram arbitrariedade e ataques indiscriminados, e somente 17,7% incluíram a vitimização de civis, não combatentes, neutros ou de forasteiros (CHALIAND, BLIN, 2007, p.13- 14).

Levando em conta que muitos estudiosos divergem sobre o que é terrorismo sendo este centro de debate até os dias de hoje, ou seja, uma definição universalmente aceita para a palavra ainda é contestada, neste caso a palavra terrorismo será baseada na violência como um método aplicado por grupos ou Estados, que vai gerar efeitos psicológicos e provocará medo na população restante, independentemente de seus objetivos

2.2 Como surgem grupos terroristas?

Não sendo uma regra geral, o cenário mais fértil para a aparição de grupos, Insurgentes, guerrilhas e também terroristas é no momento em que ocorre a quebra do sistema social vigente, seja ele econômico, político ou social:

As *sociedades vulneráveis* foram completamente desvinculadas das amarras tradicionais do passado e ainda não chegaram à fase de modernização do desenvolvimento. Estas estão em *transição* e exibem o cenário mais provável para a insurgência. Estas *sociedades em transição* estão muitas vezes fora de equilíbrio e, portanto, não podem fornecer o equilíbrio como base para a estabilidade. O desequilíbrio primário dentro da sociedade reside na área da economia (LEAL, 2011a, p.10).

Devido ao rompimento do tradicional, isto é do modo de vida que a população estava adaptada e que por alguma razão sofre uma mudança abrupta e rápida, a sociedade vulnerável não é mais capaz de trazer estabilidade, geralmente sofre com a pobreza, analfabetismo, distribuição desigual da renda, impedindo o processo de desenvolvimento já que é necessária uma base educacional e instrucional, na parte política, as sociedades vulneráveis não existem uma organização governamental sólida,

tendo carência de líderes treinados, gerando a falta de estabilidade no sistema como a corrupção é comum, no sentido psicológico, essas sociedades sofreram influência do conservadorismo tradicional e também grande parte da população estar insatisfeita com situação de seu país, essa insatisfação será base de apoio a grupos insurgentes (LEAL, 2011a, p. 11).

O terror foi direcionado contra regimes autocratas assim como a regimes democráticos; algumas vezes existe uma desorganização social e crises econômicas, outras vezes não existe tal conexão. Como Movimentos de libertação e revolução social que podem pender para terrorismo depois que a ação política falha, no entanto não é uma regra geral, apesar de uma sociedade passar por estágio de instabilidade, seja econômico, social ou político, não necessariamente aparecerá grupos terroristas, exemplo disso está em grupos terroristas que surgirão em países desenvolvidos como a Inglaterra, França e Espanha (LAQUEUR, 2001, p. 88).

Como outras formas da guerra irregular, terrorismo é caracterizado como um dos objetivos de mudanças políticas para se obter poder para mudar o que se considera errado, no entanto, é a modalidade mais fraca da guerra irregular pois apesar de alterar o cenário político, grupos terroristas raramente possuem o apoio da população, caso contrário seria caracterizado como insurgência e/ou revolução, a razão da falta de apoio as suas causas seria porque os objetivos para mudanças são baseados em ideias extremistas. Os atentados ocorrem com o objetivo de afetar a opinião pública do alvo e aumentar o apoio das pessoas a sua causa como o 11 de setembro e a Invasão do Iraque foi visto pela Al-Quaeda como positivo no sentido de atrair mais recrutas, mas estes resultados podem aparecer depois de anos ou décadas (KIRAS, 2011).

Hoje em dia o terrorismo compete com a luta de guerrilhas como a arma exclusiva dos fracos contra os fortes. O Terrorismo é a forma mais violenta da guerra psicológica e é entendido como bem maior que o impacto físico provocado, tirando o significado mais comum do terrorismo, de criar poder na esperança de cercar o poder dos estados (CHALIAND, BLIN, 2007).

2.3 A organização dentro de um grupo terrorista

Até hoje, todos grupos terroristas precisaram se estabelecer em uma base, servindo como centro de comando, refúgio e ponto de reunião entre seus membros, onde pode planejar e executar missões sem sofrerem ataques externos, geralmente

quando o grupo entra em fase de expansão, seus membros são enviados para instalarem bases ao redor do mundo e a partir delas realizar suas missões.

Para um grupo poder operar livremente, deve ter uma base instalada, para que possam treinar, organizar e fazer operações. Estas bases podem ser físicas (casas seguras ou campos de treinamento) ou virtuais (área de comunicação confiáveis e redes financeiras) se instalando em países que são incapazes de policiar e fiscalizar, ou desconhecem a existência de tais grupos, ou no texto por “ignorância” dos países, ou intencionalmente oferecem abrigos a grupos terroristas. Uma vez estabelecido, a organização se solidifica e se expande (*NATIONAL STRATEGY FOR COMBATING TERRORISM*, 2003)

A maioria dos movimentos terroristas possuem comando central, alguns são profissionais e eficientes e outros rudimentar e amador, alguns grupos tomavam decisões por meio de Conselho mas provou-se muito ineficiente em casos de emergência sendo mais comum a centralização e o princípio da liderança, porém há casos onde a presença de forte liderança tende a formar rivalidades e oposição e a centralização pode gerar certos problemas práticos² (LAQUEUR, 2001, P. 84).

O problema em relação a grupos com uma estrutura de liderança nas mãos de poucas ou uma pessoa é que automaticamente se tornam alvos de operações, táticas na luta contra grupos terroristas e quando líderes são capturados ou mortos, a estrutura da organização terrorista tende a se desestabilizar ou se desmantelar, anulando a ameaça que este grupo representa.

Grupo terroristas variam, e o líder em particular deles podem ser mais ou menos importante que outro “centro de gravidade” como ideologia, ou o Estado patrocinador. Mas líderes sempre importam (...) precisamente porque não importa o quão “plano” a organização terrorista é, elas possuem diretores, não só apenas operadores como Mullah Osmani ou Khaled Sheik Mohammed (planejadores do 11 de setembro). Terrorismo é mais frequentemente produto das decisões de seus diretores. Terrorismo, e especialmente terrorismo internacional, é um processo calculado administrado deliberadamente por seres humanos, em cuja autoridade as avaliações políticas são feitas, e as contas bancárias clandestinas são debitadas (HARMON, 2007, p.4, tradução nossa)

² A questão da centralização “gerar certos problemas práticos” Laqueur não detalha quais tipos de problemas seriam esses. Mas partindo da interpretação, a centralização excessiva, por exemplo, tiraria autonomia de pequenos grupos dispersos, reduzindo o fator da iniciativa que é a capacidade destes grupos individualmente elaborar planos ou executar novos ataques dependendo sempre da decisão de seus líderes e superiores para agir.

Quando o grupo já está bem estabelecido com uma base e um sistema de comando eficiente tornando-se capaz de praticar atos terroristas é essencial é a fase de planejamento de seus ataques. Como toda operação militar, para que um atentado tenha sucesso, ou seja, atacar contra pessoas ou construções que são símbolos para uma população a fim de propagar suas ideias, exige um planejamento bem elaborado e detalhado.

As operações terroristas são, geralmente, preparadas para minimizar o risco e obter a maior probabilidade de sucesso. Evitam concentrar-se nos pontos fortes do adversário e concentrar-se nas suas fraquezas. A ênfase é a maximização da segurança e efeitos no alvo. Na prática, significa: o número mínimo de pessoas e as mais eficazes e armas factíveis. Para conseguir isso, é conduzido extenso planeamento, com ênfase na vigilância e reconhecimento do alvo (LEAL, 2011, p.1).

Para se ter a dimensão da importância do planejamento de um grupo terrorista um membro da Al-Qaeda teve a ideia de explodir as torres World Trade Center, em de 1992, o plano era explodir uma bomba no subsolo. O primeiro ataque foi em 1993 onde uma van estacionada explode, apesar de estar carregando 680 quilos de explosivos, não foi capaz de derrubar a torre, porém, abriu um buraco nos sete andares acima matando 6 pessoas e ferindo mais de 1000 pessoas, o fracasso não foi completo, o ataque demonstrou as fragilidades na construção como corte no fornecimento de energia e escadas de emergência intransitáveis pela fumaça e sobrecarregamento dos serviços de emergência onde a evacuação no WTC durou mais de quatro horas (ANNA, 2006, p. 21-22).

O processo de uma operação terrorista é dividido em fases: **a seleção de alvos**, onde o núcleo da organização escolhe os subordinados para recolher dados de fontes abertas disponibilizados através dos meios de comunicação como jornais, fotos ou a internet. **As escolhas de alvos em potencial são** feitas por meio de seu valor simbólico sendo capaz de gerar visibilidade e atenção da mídia sendo eles pessoas ou locais. **A coleta de inteligência e vigilância**, que são pesquisas aprofundadas sobre padrões dos alvos como procedimentos, rotinas de trabalho, entregas programadas regulares, transporte e rotas de viagem dos alvos e medidas de segurança do local como a presença de força de proteção e seu tempo de reação com o fim de evitá-las antes e depois de atingir o alvo. **A seleção de alvo específico** é o critério de escolher o alvo, se o ataque vai causar impacto em relação ao público alvo, audiência e se a ação condiz com os objetivos do grupo. **O pré ataque de vigilância e planejamento**, onde as pessoas encarregadas em realizar a operação de ataque começam a reunir, empregando qualquer

pessoa do grupo treinado em inteligência e vigilância reunindo novamente as informações e padrões atualizados do alvo confirmando os dados recolhidos anteriormente a fim de estudar a segurança, preparar as operações, recrutar pessoas especializadas se necessário, busca da base de operações na região do alvo como esconderijos e casas seguras, procura e teste de rotas de fuga e a escolha dos tipos de armas ou a forma que ataque ocorrerá. **Os ensaios** são testes que visam observar as reações das forças de segurança, o funcionamento dos equipamentos e se as rotas de fuga são seguras. Tendo as chances de o ataque ser bem sucedido **o ataque começa**, a vantagem é o fator surpresa, podendo criar ataques secundários para atrair a atenção das forças de segurança, e com o planejamento anterior são capazes de neutralizar as medidas de segurança como evitar ou destruir câmeras de vigilância, dominar ou matar os guardas, empregar artefatos explosivos mais fortes ou armas de fogo contra veículos ou construções fortes. Em depois que os atentados acontecem, é inevitável a fuga do(s) autor(es) e colaborador(es) e quando bem sucedida o efeito de medo na população é maior. No caso dos atentados suicidas, todo o pessoal de apoio responsável pela preparação e transporte vão fugir assim que o suicida é deixado no local planejado do ataque (LEAL, 2011).

Para qualquer grupo continuar funcionando e com capacidade operacional, é essencial obter recursos financeiros, grupos terroristas arrecadam capital por meio de contribuições, impostos à população local, doações de países, pessoas ou instituições que compartilham de seus ideais, mas é comum também recorrem a esquemas criminosos como tráfico de drogas. No entanto, esse suprimento de dinheiro é um dos elos mais fracos de grupos terroristas, podendo ser cortado parcialmente ou totalmente como parte da estratégia de contraterrorismo de um ou mais países, por exemplo, segundo o relatório de 2015 do Departamento de Estado dos EUA, ao citar a situação do grupo Estado Islâmico e suas perdas territoriais e financeiros:

A perda de território que o EIL (Estado Islâmico) governa e controla no Iraque e Síria em 2015 também os fundos à sua disposição foram reduzidos. O EIL depende pesadamente de extorsões e a cobrança de “impostos” na população sob seu controle, bem como variedade de recursos, como contrabando de petróleo, sequestro extorsivo, saques, roubo e contrabando de antiguidades, doações de estrangeiros e tráfico humano. Ataques aéreos da Coalizão objetivando a infraestrutura do EIL- refinarias modulares, tanques de armazenamento de petróleo, e pontos de extração de óleo bruto- assim como locais de armazenamento a granel. Esses ataques aéreos degradaram

significativamente a capacidade do EIL de gerar receitas. Os Estados Unidos comandam o esforço internacional inclusive através da ONU, para confrontar o contrabando de petróleo e o comércio de antiguidades, gerando golpes contra sua estrutura financeira (US department of State, 2016, tradução nossa).

2.4 Diferenças entre um grupo terrorista e um grupo guerrilheiro

Apesar da confusão entre guerra de guerrilhas e grupos terroristas existem diferenças entre ambos, a guerrilha exerce um controle mesmo que parcial de território. Em alguns casos, guerrilheiros assumem o controle da área durante a noite e as forças governamentais durante o dia, isto é, o domínio territorial é fator chave para a guerrilha que serve de reserva para recrutamento, base logística, terreno e a infraestrutura para estabelecer um exército regular. Para terroristas, não necessita ter um controle territorial, contudo o fato de que terroristas impõe suas vontades para a população geral canalizando o comportamento das pessoas por meio do medo, essa influência não é demarcada geograficamente, isto é, o terrorismo permanece na parte de influência psicológica não tem elementos de materiais da guerrilha (CHALIAND, BLIN, 2007).

Os terroristas contrastam com guerrilheiros pelos tamanhos de suas unidades, os primeiros não são numerosos, geralmente suas unidades compostas de três a dez pessoas, grupos grandes e numerosos geralmente serão mais fáceis de serem rastreados e presos pelas forças de segurança e eventualmente são destruídos (LAQUEUR,2001).

Tabela 2- Diferenças entre Guerra Regular e Irregular, comparação entre forças armadas, grupos guerrilheiros e grupos terroristas.

| | | Regular | Irregular | |
|--------------------------------------|-----------|--|---|--|
| | | Guerra Convencional | Guerrilha | Terrorismo |
| Tamanho da Unidade de combate | em | <i>Grande</i> (Exércitos, Divisões, Corpos) | <i>Média</i> Esquadras, Pelotões, Companhias e Batalhões | <i>Pequena</i> Geralmente <10 Pessoas |

| | | | |
|---|---|--|--|
| Armas | Gama Completa de equipamentos militares (da Força Aérea, Blindados, Artilharia, etc.) | Geralmente armas ligeiras do tipo Infantaria mas às vezes também de Artilharia | Armas de mão, granadas, armas de assalto e armas especializadas, e.g. carros bombas, bombas por controlo remoto, bombas de pressão barométrica |
| Táticas | Geralmente Operações conjuntas envolvendo ramos militares | Táticas comando | Táticas especializadas: raptos, assassinatos, bombas-carro, assaltos, tomada de reféns, etc. |
| Alvos | Geralmente unidades militares, infraestruturas industriais e de transporte | Na maior parte das vezes militar, polícia e pessoal da administração, bem como oponentes políticos | Símbolos do Estado, oponentes políticos e público em geral |
| Controle Território | Sim | Sim | Não |
| Uniforme | Vestem uniforme | Por vezes vestem uniformes | Não usam uniformes |
| Reconhecimento das zonas de Guerra | Guerra limitada a área geográfica | Guerra limite ao país em conflito mas pode operar fora de seus limites | Zonas não reconhecidas. Operações acionadas fora e na zona do mundo |

| | | | |
|----------------------|--------------------------------|-----------------------------------|-----|
| Legalidade | Sim, se comandado | Sim, se comandado | Não |
| Internacional | por regulamentos e reconhecido | por regulamentos e se reconhecido | |

Fonte: (LEAL, 2011a, p.6)

Na metade do ano de 2016, o grupo guerrilheiro mais antigo das Américas, as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia- Exército do Povo, as FARC-EP e o governo colombiano, referendaram um acordo de cessar fogo definitivo, os principais pontos do acordo foram:

1. Cessar-fogo (e das hostilidades) bilateral e definitivo;
2. Desarmamento das Farc;
3. Garantias de segurança e luta contra organizações criminosas responsáveis por homicídios e massacres ou que ameaçam defensores dos direitos humanos e movimentos sociais e políticos;
4. Combate a condutas criminais que ameacem a construção da paz.

Trata-se de um fato histórico: um compromisso assumido entre ambas as partes, estabelecendo como será feito o desarmamento das Farc para que ela se constitua como uma força política (BBC Brasil, 2016).

Apesar dos esforços para conversações para firmar um acordo de paz definitivo entre governo e as FARC, ainda existem outros grupos guerrilheiros no país que ainda não iniciaram negociações formais de fato, apesar dos esforços de ambos em iniciar nas negociações como a ELN (Exército de Libertação Nacional). O acordo de paz em definitivo com as FARC pode ser o ponto inicial de uma tendência: a extinção das guerrilhas na Colômbia e depois para toda a América Latina, no entanto, é muito cedo avaliar os resultados.

Porém os maiores desafios para a paz estão no destino dos soldados rasos, enquanto a maioria deseja voltar a vida civil e ou serem colocados em cooperativas agrícolas com as FARC que vai se converter em uma organização social cuidará dos ex-soldados, mas os maiores temores destes é de serem perseguidos pelas guerrilhas de extrema direita que combatiam a guerrilha, enquanto outros podem migrar para o crime trabalhando no narcotráfico.

Apesar do governo colombiano fornecer anistia aos combatentes por crimes políticos, mas alguns deverão cumprir penas como prisão ou reparação das vítimas para tortura, chacinas ou estupros.

O processo de paz iniciou-se através de *reuniones exploratorias* em março de 2011 na divisa entre Colômbia e Venezuela.

Depois de um ano e meio de reuniões, em 2012 as FARC e o governo colombiano estabeleceram diálogo direto formando uma agenda, o *El Acuerdo General para la Terminación del Conflicto y la Construcción de una Paz Estable y Duradera* em Oslo, Noruega formalizando o processo das negociações. Em novembro de 2012, apesar do governo colombiano ter discordado estabelecer um cessar fogo, as FARC anunciaram cessar fogo unilateralmente, nesse mesmo mês, o grupo pede por meio de carta ao presidente dos EUA, Barack Obama³ o indulto a Simon Trinidad, delegado das negociações de paz que fora deportado e condenado a mais de 70 anos de prisão.

As FARC enviam sua primeira proposta para a Política de desenvolvimento agrário contendo 100 itens e de 2011 até 2016⁴ a delegação da guerrilha, governo colombiano, ONU e os EUA, mediadores internacionais firmaram um texto de 300 páginas para o acordo de paz, mas para ser firmado de fato, existia a necessidade de ser aprovada pelos cidadãos colombianos, que seria realizada por meio de um plebiscito.

A votação mostrou a enorme polarização que existe na Colômbia. O ex-presidente Álvaro Uribe, o maior porta-estandarte do não, o mesmo que conseguiu unir quase todo o país em torno da política de Segurança Democrática que enfraqueceu as FARC, recorreu mais uma vez ao jogo de palavras com o qual conseguiu aprofundar a divisão da sociedade: “A paz é entusiasmante, os textos de Havana são decepcionantes”, disse depois de votar. Durante o mês da campanha do referendo, Uribe tentou incutir a ideia de que, se o acordo fosse rejeitado, ele poderia ser renegociado, algo contra o qual foram muito claros o Governo e as FARC. A possibilidade de participar na política por parte dos líderes guerrilheiros e o fato de que nenhum irá para a prisão desde que reconheça seus crimes foi a pedra angular da sua campanha, sabendo que a maioria dos colombianos, mesmo entre os que apoiavam o sim, não via isso com bons olhos (...)A negociação foi o triunfo de um bem escasso em todo o mundo: a vontade política. Os representantes daqueles que durante mais de cinco décadas mandaram chumbo conseguiram em quatro anos, muito intensos, mas apenas quatro no fim das contas, redigir um documento de quase 300 páginas que colocava fim ao conflito. O fizeram dialogando, cedendo, tentando encontrar uma saída digna para todo o país. Não foi suficiente. Depois de 52 anos, oito milhões de vítimas, mais de 260.000 mortos, dezenas de milhares de desaparecidos, o primeiro acordo de

³ Ver a carta na íntegra: <http://www.pazfarc-ep.org/comunicadosfarccuba/item/1699-carta-presidente-barack-obama-sobre-indulto-simon-trinidad.html>, acesso dia 30 de setembro de 2016, às 13hrs.

⁴ <http://www.pazfarc-ep.org/>, acesso dia 30 de setembro de 2016, as 13hrs e 6 min.

paz foi rejeitado. A Colômbia mergulha na incerteza (LAFUENTE, EL PAÍS, 2016.).

Porém no dia 02 de outubro o povo Colombiano rejeitou os termos do acordo de paz por 50,2%, porém ambos optaram por manter o cessar fogo e continuar a negociar os novos termos para a paz, apesar do impasse político entre os grupos e as dificuldades encontradas na Colômbia como crise política, incerteza sobre a paz, deve se levar em conta que há mais grupos guerrilheiros e paramilitares operando no país, como a ELN.

2.5 Os efeitos dos atos terroristas.

O que pode diferencia-los além de seu tamanho e tomada de território, é que grupos guerrilheiros podem empregar atos terroristas, isto é, a ação em si como rapto, assassinato, atentado a bomba ou táticas similares da violência psicológica. Porém o usam com muita cautela pois podem existir chances de perder apoio da população local significando uma eventual derrota dos guerrilheiros. Quando um grupo se dedica a maior parte de seus esforços em praticar atos de terror pode se encaixar na qualificação de terroristas.

O terror (na visão do autor) advém do facto das pessoas serem seleccionadas aleatoriamente, apenas por pertencerem a uma classe ou a grupo. Assim, qualquer um pode ser visado pela violência terrorista, independentemente das responsabilidades directas ou indirectas no conflito armado ou no combate político, independentemente de ser criança ou mesmo estrangeiro e este facto é fundamental para gerar o sentimento de terror. O sucesso estratégico do terrorismo é aferido e depende da capacidade de gerar a vulnerabilidade geral: *matam-se estas pessoas para aterrorizar aquelas*. O número relativamente pequeno de vítimas mortas equivale ao número muito grande de reféns vivos e assustados (...) É este, pois, o mal específico do terrorismo - não só a morte de pessoas inocentes como também a intrusão do medo na vida quotidiana, a violação dos objectivos privados, a insegurança dos espaços públicos, a infinita coerção da precaução. O objectivo é fazer com que as pessoas fiquem apavoradas e pressionem os governos a alterarem as políticas, de modo a poderem conquistar ou reconquistar a segurança. Não se pode falar de danos colaterais na acção terrorista, porque as mortes são sempre intencionais e desejadas (LEAL, 2011c, p. 7-8).

Ações terroristas também se direcionam a pessoas comuns como um meio de espalhar o medo entre os sobreviventes e a população em geral, afim de atingir seus objetivos.

O *terrorismo psicológico* é usado directa e propositadamente ou ter efeito colateral de outras acções. A ofensa é sempre a arma de terror; o *Terrorismo usual* é bombista. O terror está na bomba como arma habitual. Bomba e medo andam juntos; o *terrorismo biológico* é a disseminação de agentes patológicos; o *terrorismo radiológico*, também é explosivo. Ou é bomba radioactiva, a chamada “bomba suja”, decorrente da explosão por meios naturais de fontes radioactivas ou é a própria bomba nuclear; o *terrorismo*

cibernético é a desestruturação do sistema energético mediante a destruição de fontes de energia eléctrica ou o bloqueio da transmissão mediante o uso de bombas normais ou de grafite ou a desmontagem dos sistemas de informação mediante a acção de “hackers” - outro objectivo é entrar nas redes, danificar arquivos e programas de sítios (no Brasil, são conhecidos como sites) estratégicos, adquirir vantagens sobre o sistema de informações de governos, universidades, empresas privadas e estatais, centros de pesquisa e órgãos da imprensa. Usa como instrumento de ataque à internet e os alvos podem ser as comunicações, sistemas de energia eléctrica e o bancário e financeiro; o *terrorismo químico* é o uso de armas químicas para perpetrar actos de terror (LEAL,2011, p.8).

3 Os primeiros grupos terroristas fundamentalistas da história

Para analisar e entender os exemplos do terrorismo religioso precisamos compreender o que significa fundamentalismo e um pouco de sua história.

FUNDAMENTALISMO: Originalmente era a designação de protestantes norte-americanos, que queriam entender ao pé da letra cada versículo da Bíblia. O movimento fundamentalista surgiu por volta de 1875. Aos conhecimentos científicos sobre a criação do mundo contrapunha a narrativa bíblica. Hoje em dia são tidas como fundamentalistas todas as correntes religiosas que se apoiam no sentido literal da Escritura sagrada, e não desenvolvem sua doutrina em consonância com o mundo moderno e as descobertas científicas do Latim *fundamentum* - alicerce, base, fundamento (SCHWIKART,2001, p. 47)

Hoje em dia, o movimento mais extremo do fundamentalismo reside em grupos que se dedicam a praticar atos terroristas como meio de propagar suas interpretações radicais das escrituras sagradas com o objetivo de manter as pessoas sob a sua interpretação da religião pelo medo de sofrer retaliação, estes grupos geralmente serão considerados grupos terroristas pela comunidade internacional.

O terrorismo com inspiração religiosa apareceu em todas as religiões em diferentes graus do Cristianismo, Judaísmo e até Budismo, mas (atualmente) são mais frequentes em grupos muçulmanos que atuam nas Filipinas, na Ásia Central e no Oeste da África (LAQUEUR, 2002, p. 8).

O terror imposto em nome da religião é muito recorrente na história e os mais famosos grupos fundamentalistas antigos são o Partido judaico Zelota e os Sicarii que lutaram contra a ocupação romana da Judéia no século I e a Seita Ismaelita dos Assassinos que operaram nos séculos XI ao XIII e este grupo seria seu correspondente islâmico (CHALIAND, BLIN, 2007- p. 11).

3.1- Os Sicarii: o primeiro grupo terrorista fundamentalista da história.

Os Sicários ou *Sicarii* ao lado dos Zelotas atuaram na Palestina no Século I depois de Cristo e foram responsáveis pela rebelião do povo judeu contra a dominação do Império Romano, mas precisamos compreender melhor o que eram os Zelotas e os Sicários como e porque surgiram, assim como apontar a influência que seus ideais e táticas tiveram na história da humanidade e suas ações provocaram em um dos eventos mais importantes na história do povo judeu.

Muitas das fontes usadas aqui definem os Zelotas e os Sicarii como um único grupo e outros livros e artigos os separam: o primeiro como um grupo político e o segundo como um grupo radical que se utilizava de táticas de terror contra seus

conterrâneos, contudo ambos compartilhavam ideias semelhantes no sentido de trazer independência para o povo judeu sob a ocupação dos Romanos no Século I d. C.. Aqui serão divididos em dois grupos para melhor compreensão, mas as fontes originais podem citar os dois apenas como Zelotas.

Durante este século, a crença entre os Judeus de que o apocalipse estava próximo e na Palestina (nome romano para a região que corresponderia hoje Israel, Palestina e partes da Jordânia, Síria e Líbano), muitos profetas e messias apareceram proclamando mensagens de julgamento de Deus, muitos destes profetas eram caçados e mortos pelas autoridades romanas (ASLAN, 2013, p. 12).

O ímpeto apocalíptico na Judeia ao lado de mais fatores, como o domínio romano, instabilidade política, a exploração econômica da população e o aumento do fosso entre os ricos e os mais pobres propiciou a origem e ascensão de correntes e grupos fundamentalistas que interpretavam restritamente a Torá, livro sagrado dos judeus.

A razão para que o grupo fundamentalista Sicarii e o grupo mais moderado os Zelotas obtivessem tanto sucesso foi devido ao fervor das profecias apocalípticas, criando grandes expectativas para a vinda de um Messias para intervir na região e em todas as profecias apocalípticas, Deus colocaria o dia da redenção, e como em todas as religiões, certas pessoas poderiam se redimir de seus pecados, os meios mais rápidos e os métodos mais comuns para a redenção eram por meio das orações, arrependimento e o martírio (RAPOPORT, 1983, p. 13)

A razão de muitos autores não definirem Sicarii ou Zelota é que o primeiro seria um grupo de bandidos bem mais antigos que o segundo, além de que seu nome fora dado pelos romanos. E o segundo sendo criado depois da morte de Herodes em 4 d.C., neste caso o nome remete a aqueles que fazem parte do movimento fundamentalista “o Zelo” e ascenderiam como um grupo político mais tarde durante a rebelião na Palestina mais precisamente em 67 d.C.

Zelo implicava uma adesão estrita à Torá e à Lei, uma recusa em servir a qualquer mestre estrangeiro – servir a qualquer mestre humano de maneira geral – e uma devoção intransigente à soberania de Deus. Ser zeloso ao Senhor era andar nas pegadas ardentes dos profetas e heróis do passado, homens e mulheres que não toleraram ninguém que quisesse se associar a Deus, que não se curvaram a nenhum rei exceto o Rei do Mundo e que lidaram cruelmente com a idolatria e com aqueles que transgrediram a lei de Deus. A própria terra de Israel tinha sido conquistada através do zelo, pois foram os guerreiros zelosos de Deus que a purificaram de todos os estrangeiros e dos idólatras, assim como Deus tinha exigido. “Quem sacrificar a qualquer deus que não ao Senhor será totalmente aniquilado.” (Êxodo 22:20) (ASLAN, 2013, p.44).

Os Zelotas era a facção mais moderada que tentava induzir a comunidade judaica a rejeitar o emprego da força retaliatória ou da violência contra as forças de ocupação romana. Mas as atrocidades feitas pelos soldados romanos favoreceram a ascensão do grupo conhecido como Sicários, este grupo era mais radical e exerceu uma influência ainda mais dominante entre os judeus do que os Zelotas (POLAND, 2005, p.26).

Os Zelotas eram liderados por Eleazar filho de Simão, e defendiam um governo democrático, sendo contrários a aristocracia sacerdotal e não mantinham nenhuma abordagem semelhante à dos Sicarii (HOENIG, 1972).

3.1.1. Organização e Táticas dos homens dos punhais

A palavra Sicarii deriva do latim e significa homens dos punhais ou adagas, nome dado ao grupo infame que golpeava suas vítimas com punhais, facas pequenas que podiam ser escondidas facilmente, a grande peculiaridade deste grupo foi que foram os primeiros a empregar terror e táticas de provocação e também o único grupo religioso (fundamentalista) que até hoje alcançou seu objetivo: provocar uma rebelião da população judaica contra Roma (RAPOPORT, 1984, p. 669).

Os sicários eram Zelotas (o autor relaciona os dois grupos) alimentados pela visão apocalíptica do mundo e uma fervorosa devoção em estabelecer o governo de Deus na terra. Eles eram fanáticos em sua oposição à ocupação romana, embora reservassem sua vingança para os judeus, especialmente entre os ricos da aristocracia sacerdotal, que se submetiam ao domínio romano. Destemidos e incontroláveis, os sicários assassinavam seus adversários com impunidade: no meio da cidade, em plena luz do dia, no meio de grandes multidões, durante os dias de festa e festivais. Eles se misturavam às massas, os punhais escondidos dentro das capas, até que estivessem próximos o suficiente para atacar. Então, quando o homem morto caía no chão, coberto de sangue, os sicários embainhavam o punhal furtivamente e juntavam suas vozes aos gritos de indignação da multidão em pânico (ASLAN, 2013, p. 51).

A razão dos Sicários atacarem até membros da comunidade judaica é que os julgavam como traidores da causa e costumavam degolar suas vítimas no meio das multidões, de preferência em mercados fomentando a sensação de sua vulnerabilidade aos seus inimigos em meio da população, uma tática clássica dos terroristas de hoje (CHALIAND, BLIN, 2007, p. 67)

Esse grupo possuía um lema onde não existe “nenhum senhorio (exercício de autoridade) do homem sobre o homem, Deus é o único governante”, que é também

conhecido como a quarta filosofia⁵. Os Sicarii acreditavam que o uso da força sobre os outros para implantar esta filosofia de liberdade e não se submeter a qualquer pessoa era justificado. A vontade deste grupo em manter esta filosofia “até a morte” é um indicativo para a conduta suicida dos Sicarii ao final da revolta (HOENIG, 1972, p. 7).

Os assassinatos em locais públicos no meio das multidões, especialmente em festividades, é uma tática utilizada até hoje por grupos modernos, com o objetivo de gerar a sensação de insegurança e o medo de ser a próxima vítima:

Os Sicarii assassinavam suas vítimas no coração de Jerusalém. Os dias sagrados eram a suas temporadas especiais quando podiam misturar-se em meio à multidão carregando pequenas adagas escondidas nas roupas que esfaqueavam suas vítimas. Então, quando suas vítimas caíam os assassinos juntavam-se aos que choravam de indignação, e sobre este comportamento plausível, nunca eram descobertos. O primeiro assassinado foi Jonathan, o sumo sacerdote. Após sua morte muitos assassinatos ocorriam diariamente. O pânico criado foi mais alarmante que a própria calamidade (...) Homens mantinham-se distancia de seus inimigos e ainda não confiavam nem mesmo em seus amigos quando estes se aproximavam (JOSEPHUS, apud, RAPOPORT, p. 14)

Os assassinatos ocorriam preferencialmente em locais públicos e em dias sagrados, essas ações demonstravam que os Sicarii eram capazes de assassinar qualquer um em qualquer lugar e conseqüentemente a sensação de medo se tornou generalizada entre os próprios judeus.

As táticas empregadas pelos Sicarii foram de resistência armada em forma de guerrilhas como combate urbano e utilizavam o terrorismo como recurso de terror psicológico e também atacavam construções que possuíam documentos com registros das dívidas dos judeus com o objetivo de alcançar apoio popular (CHALIAND, BLIN, 2007 p. 67).

2.1.2 O Mundo da Galileia

Os assassinatos em público de autoridades religiosas, ou seja, sumo sacerdotes judeus foram o estopim para a rebelião judaica no ano de 66 d.C.

⁵ Flávio Josefo, famoso historiador da tradição judaica, descreveu as “três filosofias dos Judeus” que eram as seitas antigas que existiam na época: Saduceus, Fariseus e Essênios. Os Saduceus era a seita formada pelo alto escalão econômico e social deste grupo saía os cargos políticos, sociais e religiosos. Os Fariseus, eram o grupo dos judeus que se dedicavam mais para a vida religiosa e estudavam a Torá que a partir de 70 d.C. ascenderam no lugar dos Saduceus sendo os percussores da instituição Sinagoga assim como do Judaísmo rabínico. Os Essênios eram grupos que viviam nas regiões desérticas que se afastaram do judaísmo tradicional, pouco se sabe de suas doutrinas, mas os Manuscritos do Mar Morto em *Qumran* são atribuídas as escritas do modo de vida dos Essênios. Destes grupos, os Saduceus e os Essênios pereceram após a destruição do templo de Jerusalém.

A administração da Judéia era compartilhada entre os romanos, prática conhecida como evergetismo⁶ que indicariam um prefeito de Jerusalém, este cargo também corresponderia ao governador da região, e entre a população local correspondendo ao cargo de sumo sacerdote, este seria responsável pela administração civil e econômica, além das funções religiosas de administrar o templo de Jerusalém. A relação entre o prefeito e o sumo sacerdote eram instáveis, logo era difícil ambos se manterem no cargo por muito tempo, sendo assim, a situação da Judeia no campo político era de instabilidade.

A importância do Templo de Jerusalém para os judeus desta época se deve as antigas tradições de que alguns costumes e celebrações anuais como a Pascoa judaica (Pêssach) deveriam ocorrer somente ali na presença do sumo sacerdote pagando-se um dizimo, nos dias de festividade a cidade de Jerusalém, atraindo muitos fiéis. A cidade chegava a uma população a mais de 1 milhão de pessoas (ASLAN, 2013, p. 21).

A sociedade judaica e principalmente a distribuição de renda era desigual, existia a aristocracia formada pelas famílias ricas beneficiadas pelos romanos e que administravam o culto no Templo, as famílias de onde saíram os Sumos Sacerdotes, tiveram o privilégio de coletar impostos e em troca manter a ordem social. Com os romanos, estas famílias se tornavam cada vez mais ricas, por outro lado, a grande parcela da população, na Judeia assim como em todo o Império Romano, morava no campo onde a agricultura dominante era a de subsistência, mas devido ao endividamento por meio de impostos, muitos camponeses se viram forçados a servir dentro de suas antigas terras, morar nas cidades, ficaram desempregados ou escolheram tornar-se bandidos, o fosso entre a população mais pobre e a aristocracia aumentava mais e mais e conseqüentemente uma revolta seria inevitável.

[A administração de] Roma tinha culpa, por sua má gestão e tributação excessiva da população sitiada. Certamente, a aristocracia judaica, com seus conflitos incessantes e seus esforços bajuladores para ganhar poder e influência, subornando autoridades romanas, compartilhava a responsabilidade pela deterioração da ordem social. E, sem dúvida, a liderança do Templo desempenhou um papel importante na promoção do sentimento generalizado de injustiça e pobreza esmagadora que tinha deixado tantos judeus sem escolha a não ser apelar para a violência. Adicione a tudo isso o confisco de terras privadas, os altos níveis de desemprego, o deslocamento e a urbanização forçada dos camponeses e a seca e a fome que devastaram os campos da Judeia e da Galileia, e era só uma questão de tempo

⁶ Evergetismo é o nome da prática de ocupação romana: ao conquistar novas regiões era comum que quando uma província era estabelecida o governo era confiado aos líderes locais e tentavam manter todas as instituições estabelecidas intactas, no caso da Judeia, o Templo de Jerusalém e seus sacerdotes, esta é a razão da administração política da Judeia ser composta por um governador indicado por Roma e um sumo sacerdote (SILVA, 2010, p. 2).

antes que os fogos da rebelião engolissem toda a Palestina. Parecia que toda a nação judaica estava pronta para explodir em revolta aberta à menor provocação – que Floro foi tolo o suficiente para fazer (ASLAN,2013, p.52).

Gessio Floro foi o último dos 14 representantes máximos encarregados diretamente por Roma de governar a Judeia antes da rebelião ocorrer em 66 d.C, a “provocação” citada acima foi quando por ordem do governador, legionários romanos invadiram e saquearam a tesouraria do Templo, onde estava o dinheiro que os judeus ofereciam como sacrifício a Deus. A razão da invasão era que os judeus não haviam pago os impostos, e isso foi o estopim da rebelião que é conhecida mais tarde como guerra romana-judaica que duraria quatro anos.

Nas fases iniciais da revolta, muitos Sacerdotes e pessoas importantes tentaram em vão convencer a população a abandonar a rebelião, vendo que Roma, era uma potência militar que poderia rapidamente sufocar a rebelião, porém os Sicarii assassinaram a maioria das pessoas que defendiam a aproximação com Roma sendo umas das causas da Guerra na Judeia e depois da Diáspora do povo Judeu.

Após o assassinato de muitos aristocratas judeus, e do tumulto que se seguiu, os Zelotas e os Sicarii invadiram prédios públicos e queimaram os arquivos de cobradores de dívidas, ações que receberam o suporte da população mais pobre (CHALIAND, BLIN, 2007).

A participação dos Sicarii na guerra da Judeia em si foi nula, pois permaneceram na fortaleza em Masada, e só saíam do forte quando não detectavam a presença romana e não realizaram esforços de combater diretamente soldados romanos e nem os perturbaram com táticas de guerra irregular. Os Sicarii permaneceram quietos até a primavera de 72 D.C. quando foram cercados e atacados pelo general Flavius Silva. A guerra havia terminado oficialmente em 70, com a destruição do templo. Seu desejo era exterminar qualquer insurgência ou deslealdade ao poder de Roma (HOEING, 1987, p 7).

Quando Bassus [general romano] morreu de repente, o comando, e responsabilidade em exterminar os últimos judeus remanescentes fora do controle de Roma, passaram para Flavius Silva. O cerco a Masada e escolha dos Sicarii da morte antes da desonra foi interpretado como os últimos desafiantes da nação Judaica. Ironicamente, os Sicarii nunca reconheceram a autoridade de qualquer regime em Jerusalém [...]. Depois de tomarem Masada no início da revolta a contribuição dos Sicarii para o esforço de guerra contra Roma foi nula. Longe de tomarem terreno dos exércitos romanos eles passaram os próximos 5 anos invadindo e saqueando todo vilarejo nos arredores de sua base, reduzindo todo a área de Masada em um deserto (SHEPPARD,2013, p. 82, tradução nossa).

Depois da destruição do templo, mil pessoas, dentre elas mulheres e crianças liderados por Eleazar Bem Yair, resistiram por três anos. Cercados por tropas romanas, eles escolheram cometer suicídio ao invés cair nas mãos de seus inimigos (CHALIAND, BLIN, 2007, p.67).

Com a rebelião judaica provocada devido aos assassinatos e provocações dos Sicarii dentro da Palestina no séc. I d.C., ocorreu a revolta de toda a Judeia, quando foram derrotados pelo exército romano sob o comando do imperador Vespasiano, a guerra foi conduzida com o intuito de exterminar qualquer pessoa que fosse desleal a Roma. Os sobreviventes do povo judeu se viram obrigados a se dispersar pelos quatro cantos do mundo, período chamado de a Diáspora vagando sem um Estado por quase dois milênios sobrevivendo a perseguições e tentativas de extermínio, terminando tecnicamente somente quando o Estado de Israel foi fundado.

Como resultado da rebelião a Roma, a independência de Israel [nome dado pelo autor a Judeia] foi perdida e o Estado judeu desapareceu do mapa por mais de 1800 anos. Muitos desses judeus [sobreviventes da Guerra] que não foram vendidos como escravos fugiram ou se exilaram, sendo oficialmente marcado como a origem da Diáspora (SHEPPARD, 2013, p.91, tradução nossa)

A tradição religiosa judaica mudou radicalmente após a destruição total do templo por Roma.

Depois de um breve cerco a Jerusalém, os soldados violaram as muralhas da cidade e desencadearam uma orgia de violência contra seus residentes. Eles massacraram todos em seu caminho, acumulando cadáveres sobre o Monte do Templo. Um rio de sangue corria pelas ruas de paralelepípedos. Quando o massacre foi completado, os soldados atearam fogo ao Templo de Deus. Os incêndios se espalharam para além do Monte do Templo, envolvendo os prados de Jerusalém, as terras cultivadas, as oliveiras. Tudo queimado. Tão completa foi a devastação praticada sobre a Cidade Santa que Josefo escreve que nada fora deixado que provasse que Jerusalém já tinha sido habitada. Dezenas de milhares de judeus foram massacrados. O resto foi levado acorrentado para fora da cidade. O trauma espiritual enfrentado pelos judeus após esse evento catastrófico é difícil de imaginar. Exilados da terra a eles prometida por Deus, forçados a viver como párias entre os pagãos do Império Romano, os rabinos do século II gradual e deliberadamente divorciaram o judaísmo do nacionalismo messiânico radical que tinha iniciado a guerra malfadada com Roma. A Torá substituiu o Templo no centro da vida judaica, e surgiu o judaísmo rabínico (ASLAN, 2013, p. 15).

3.3 Os Assassinos e a origem do martírio e o primeiro grupo terrorista islâmico.

3.3.1. Quem eram os Assassinos?

No Ocidente esta ordem é conhecida apenas por Assassinos, a origem da palavra é origem de debate, alguns defendem que provavelmente vem do árabe Hashashin que significa “comedores de Haxixe”, pois acreditava-se que seus membros eram drogados para induzir visões sobre o paraíso que os aguardava, se morressem ao cumprir sua missão. Os Assassinos eram uma ordem secreta que operou por dois séculos na região que hoje chamamos de Oriente Médio.

Apesar do ato de matar outra pessoa ser bem mais antigo que a organização das pessoas em sociedade, a palavra “assassinato” em si surgiu durante a Idade Média, a palavra referia-se a uma seita que surgiu na Pérsia⁷, onde seus membros supostamente se drogavam com haxixe. O nome Assassinos vem porque eles cometiam assassinatos políticos para causarem o máximo de publicidade possível, assim como terroristas modernos. A grande diferença dos Assassinos com terroristas contemporâneos são que não matavam os transeuntes e observadores inocentes durante as suas missões, ou seja, não assassinavam de forma indiscriminada (CAMPBELL, 2008, p.1).

Sendo semelhante aos Sicarii no sentido de escolher alvos políticos ou autoridades como governantes e generais, eles defendiam e interpretavam radicalmente as escrituras, neste caso o Alcorão e a novidade era o martírio, os Assassinos era uma sociedade secreta de orientação Ismaelita ou os xiitas dos sete, um ramo dentro do Xiismo que atuou na região, que hoje corresponde a Síria e o Irã durante os Séculos XI ao XIII.

A palavra Mártir, vem do grego “martyros” - testemunha, termo que deriva do cristianismo para as pessoas que morreram na crença da ressurreição de Cristo. Mais tarde, o termo foi aplicado para pessoas que morreram violentamente ou sofreram devido a suas crenças religiosas (SCHWIKART)(HEXHAM).

Martírio, a aceitação voluntária da morte a fim de “demonstrar a ... [nota do autor] verdade” para os homens, é central e talvez crucial, método de [espalhar] mensagens dadas pelas religiões, usado tanto para dissipar dúvidas dos crentes como para ajudar nos esforços de proselitismo [converter as pessoas]. Não se pode compreender os Assassinos sem enfatizar que está bem enraizada no Islamismo a admiração por mártires, particularmente por aqueles que morreram a fim de matar os inimigos do Islã. A educação do

⁷ Após o decreto feito pelo monarca da Pérsia, Xá Reza Pahlavi em 31 de dezembro de 1934, o país mudara o nome oficial de Pérsia para Irã.

Assassino era claramente prepará-los para buscar o martírio. A palavra usada para designar os assaltantes- fidayeen [consagrados ou dedicados] – indicam assim como as vítimas dos thugs [seita do de ladrões e assassinos indianos] eram considerados sacrifícios religiosos que se libertavam da culpa e de todos os pecados e assim ganharão “a entrada para o paraíso” (KOHLBERG apud RAPOPORT, tradução nossa).

3.3.2.Uma breve introdução sobre o Islamismo: quem são os Ismaelitas?

Para compreender os ismaelitas, é necessário ter em mente que a partir da morte do profeta Maomé, o último profeta para os muçulmanos, passara por várias divisões internas ao decorrer da história, fazendo com que o Islamismo não seja uma religião tão homogênea quanto os leigos imaginam.

O Islamismo é uma das religiões Abraâmicas, isto é, tiveram descendência de Abraão, no caso do Islã, seu filho mais velho Ismael é o ancestral dos árabes, ao lado das maiores religiões monoteístas: Cristianismo e Judaísmo.

ISLÃ: a Fé, obediência e prática dos seguidores de Maomé cujo acreditam que é a última e a RELIGIÃO perfeita revelada por DEUS. A palavra “Islã” significa submissão a Deus, mas quando escreve “Islã” o relaciona com a religião estabelecida por Maomé no século VII d.C. Fundamentalmente significa se submeter a Deus e renunciar qualquer outro objeto de ADORAÇÃO. (...) O Islã é uma religião MONOTEISTA baseado no CREDO “Não existe nenhum Deus, somente Deus e Maomé é seu PROFETA”. Abraão, Moisés, JESUS e outras figuras bíblicas também são reconhecidos como profetas, mas dizem que suas REVELAÇÕES foram sendo distorcidas por seus seguidores. Maomé foi o último dos profetas a quem foi revelado sua sagrada palavra o Alcorão. (...) É esperado que os muçulmanos cumpram os 5 deveres básicos: adoração semanal, devoções diárias, jejuar durante o Ramadã, pagamento de taxas religiosas, e peregrinar a MECA ao menos uma vez na vida. Para esses deveres é adicionado a JIHAD-- guerra religiosa-- ou a defesa do Islã pela força militar. Os deveres não são inflexíveis, mas podem ser mudados de acordo com as circunstâncias em teoria ao menos, dependendo da consciência de cumprimento do indivíduo. Em adição a esta, Islã não faz distinção entre a lei civil e a vida religiosa, o secular e o sagrado, Igreja e Estado. Como resultado toda a vida é governada pela lei religiosa que é ultimamente baseada sobre o ALCORÃO (HEXHAM, 1993, p.114, tradução nossa).

O último profeta dos muçulmanos nasceu no ano 570 ou 571 em Meca, seu pai e sua mãe morreram quando era criança, sendo criado pelo avô e depois pelo seu tio. Maomé pertencia ao clã hachemita, um clã poderoso da cidade que tinha a função de proteger e cuidar da Caaba e dos peregrinos, Maomé era um mercador promissor adquirindo reputação por sua honestidade, que provaria ser muito útil no futuro. Se casa pela primeira vez aos vinte cinco anos com Khadija,

Mohammad (em português Maomé) é o último profeta do Islã que teve a primeira revelação no ano de 610 no mês do Ramadã, quando fora visitado pelo anjo Gabriel que lhe encarregou da missão de ser mensageiro de Deus para os Árabes.

A cidade que Maomé começou a pregar foi em Meca que era centro comercial e religioso no caso, as religiões pagãs árabes costumavam peregrinar para a Caaba⁸.

A partir do momento que Maomé começou a pregar suas revelações na cidade de Meca, muitos jovens começaram a se converter e as autoridades de Meca temendo que o crescimento do islamismo minasse a economia da cidade, assim como aos deuses pagãos começaram a perseguir Maomé e seus seguidores, mas ele tinha a proteção de seu tio que era do clã Hashemite e de sua esposa, porém quando seu tio e sua esposa morreram, Maomé teve que se exilar.

Em 620 d.C., Maomé foi visitado por seis árabes que acabaram de peregrinar a Caaba que viviam em no oásis de Yathrib,⁹ eles contaram que estavam em luta entre duas tribos pagãs contra três tribos Judaicas que compartilhavam espaço no oásis. Devido a sua reputação, pediram que Maomé os acompanhasse para atuar como árbitro do conflito, e cada vez mais peregrinos que vieram de Yathrib se converteram ao islão e em agradecimento aos serviços que Maomé prestou, deram um santuário para os muçulmanos de Meca. E no ano de 622 d.C Maomé se exila em Yathrib. Esta migração é um dos eventos mais importantes do Islã, chamada de *Hijra*, que marca o início do calendário islâmico.

A partir de Yathrib Maomé formou uma comunidade muçulmana, a *umma*, que nomeiam Yathrib de Medina (do árabe, a cidade do profeta), mas as autoridades da cidade de Meca enviam expedições militares para caçar os islâmicos.

No segundo ano após Hijra- Para ser mais exato, em março de 624 d.C.- (...) Meca despacha um exército de quase 1000 homens. Encontrando com as forças de Maomé (composta por 86 emigrantes, 238 *ansar*¹⁰) no oásis de Badr, sudeste de Medina. Táticas inteligentes ajudaram os muçulmanos vencerem, mas nada sucede como sucesso. Para o povo de Maomé, a vitória foi tangível sinal do favor de Deus, a chance de ganhar cativos e espólios. Este último foi dividido entre os guerreiros, com exceção de um quinto que o Profeta tomou para apoiar os membros pobres da *umma*. E mais, a vitória em Badr fortaleceu o prestígio do Islã- e de Medina- entre as tribos árabes (...) Em 627, Meca envia uma força maior para capturar Medina, mas os

⁸ Caaba em árabe Ka'bah significa cubo devido sua construção neste formato, é localizado na cidade de Meca que era sagrado tanto para os pagãos árabes como para depois os muçulmanos, transformando no local mais sagrado para o Islã aonde todos os muçulmanos devem peregrinar, se tiverem condições, pelo menos uma vez (*Hajj*), assim como todo muçulmano reza diariamente para a direção da Caaba (*Salat*), não é possível visitar Meca, somente muçulmanos devem morar e entrar na cidade.

⁹ Yathrib nome antigo para a cidade de Medina.

¹⁰ Ansar do árabe significa ajudante, foram moradores de Medina que ajudaram Maomé na chegada da cidade após sua migração (*Hijra*).

muçulmanos frustraram o exército [de Meca], cavando trincheiras em volta das partes vulneráveis da cidade. A vala era ampla demais para a cavalaria de Meca cruzar, então se retiraram. Principalmente, os ataques muçulmanos estavam pondo em risco as caravanas e o comércio de Meca. As tribos árabes começaram a romper com Meca e fazer tratado com Maomé para se unir a esses ataques lucrativos (GOLDSCHIMIDT; DAVIDSON, 2010, p. 32, tradução nossa).

Somente oito anos depois, muçulmanos tomaram a cidade de Meca e destruíram as estatuas dos deuses pagãos consolidando o islamismo e proibindo que não muçulmanos vivessem em Meca, sendo tanto líder religioso quanto político, Maomé já tinha unificado toda a Península Arábica, mas em junho de 632, Maomé morre sem expressar claramente que seria seu sucessor, e a partir do momento de quem seria o sucessor de Maomé, ocorre a divisão mais conhecida no Islã: Os Sunitas e os Xiitas.

Os Sunitas que correspondem hoje na maioria dos muçulmanos, afirmam que o herdeiro legítimo de Maomé Abu- Bakr que de fato foi nomeado como o primeiro Califa, abreviação do árabe para sucessor do mensageiro de Deus (*Khalifat rasul Allah*) exerceu o papel de líder espiritual e político dos muçulmanos, mas com a morte de Maomé, muitas tribos árabes romperam com a comunidade muçulmana (período chamado de apostasia). Abu conhecendo os riscos de que tais tribos deixassem de pagar o *zakat*, um tributo religioso (terceiro pilar do Islã), reage enviando seus melhores generais para forçar essas tribos a retornarem à comunidade muçulmana (*umma*). No total quatro califas Abu, Umar, Uthman e Ali foram escolhidos e reconhecidos pelos Sunitas como herdeiros de Maomé e esses quatro expandiram o Islamismo através de conquistas militares, de impostos e saques, tornaram Medina e Meca grandes cidades comerciais e forjaram um grande império, sofrendo vários revesses dentro da própria comunidade muçulmana (assassinato de Uthman, rebeliões guarnições árabes, guerras internas). O Islamismo sete séculos mais tarde, torna-se a segunda maior religião do mundo.

Os Xiitas, compõem a minoria dentro do Islã hoje, e que um século mais tarde aconteceria uma subdivisão surgindo os ismaelitas. Ao contrário dos Sunitas, defendiam que o genro de Maomé, Ali era seu sucessor de direito e continuaram a nomear sucessores a partir da linhagem de Ali, que tivera dois filhos, Hassan e Hussein, que acreditavam que o sucessor de direito era Hussein, mas morreria em combate contra as

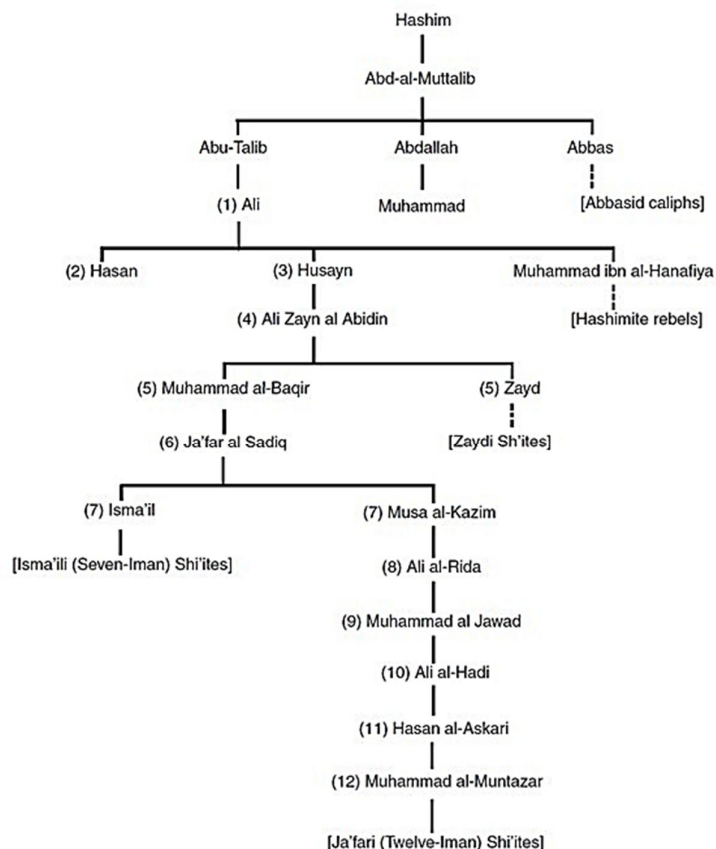
forças dos Califas Omíadas em 680¹¹, sua morte foi admirada pelos xiitas. Depois de sete Imãs, ocorreria outra grande divisão dentro do xiismo.

Os Ismaelitas residiam no Cairo, e afirmavam que eram descendentes de Fátima, a filha do Profeta Maomé, que após sua morte em 632.D.C. o Islã foi comandado por quatro califas, o último deles foi o primo de Maomé e esposa de Fátima, Ali. Ali encontrou-se no meio de disputas internas em relação a sucessão e que terminou assassinado em frente a uma mesquita e depois seu filho Hussein [neto de Maomé], foi morto em batalha. Este e outros eventos em relação a quem sucederia Maomé ocasionaram a grande divisão no Islamismo, [os] Sunitas e os Xiitas, que significa “partido de Ali”. Os Xiitas eram devotos a memória de Hussein devido ao martírio (CAMPBELL, 2008, p.12, tradução nossa).

Dentro da famosa divisão no Islamismo entre Sunitas e Xiitas, existiu uma subdivisão dentro do xiismo, onde a maior diferença está em relação a quem seria o sétimo líder religioso dos sucessores legítimos de Maomé, os Xiitas no geral reconheceram Musa Al- Kazim como o sétimo Imã, mas os Xiitas dos sete ou os Ismaelitas reconheceram que seu irmão, Ismael como o próximo Imã, porém ele fora deserdado. Os Ismaelitas defendem que Ismael morrera antes de ser reconhecido como o sétimo imã (BURMAN, 2002, p. 18).

A morte do sexto Imã Já'far em 765 iniciou uma crise de legitimidade, a oposição entre seus dois filhos, Ismael e Musa, e seus apoiadores competiam para a sucessão. A maioria dos apoiadores de Musa desenvolveram então chamado Xiitas dos doze (depois dos doze Imãs na linhagem de Musa), que foram reconhecidos como a religião oficial do Irã desde o século XVI. Os Ismaelitas menos moderados que os xiitas dos doze, desenvolveram-se em uma organizada sociedade secreta, determinada, disciplinada e bem coesa internamente. Os Assassinos emergiram de dentro do movimento Ismaelita (CHALIAND; BLIN, 2007, p. 62, tradução nossa).

¹¹ A razão da morte de Hussein ser considerada martírio foi que, em Karbala, no Iraque. Liderou apenas 76 guerreiros contra os mais 1 000 homens do Califa e morreram em combate.



GOLDSCHIMIDT JR. Arthur, DAVIDSON (2010)

A relação entre os Ismaelitas, que são pessoas adeptas a uma parte Islamismo xiita, isto é, a religião em si, com os Assassinos, nome dado ao grupo que tinha sua base religiosa no Ismaelismo, é que a ordem foi uma tentativa armada, que tinha capacidade de engajar assassinatos contra seus inimigos, fundaram e tomaram várias fortificações por toda Síria e Pérsia a fim de defender sua autonomia religiosa e modo de vida contra seus maiores inimigos da época, os Seljúcidas, que eram Sunitas que defendiam que o xiismo e o ismaelismo eram crenças “hereges” e por isso buscavam combater a Ordem (LAQUEUR, 2002, p. 9).

3.3.3. Din wa Dawla: O conceito islâmico de Estado e Religião

A importância de abordar este conceito está no fato de muitos governos na África e no Oriente Médio continuam a não separar religião e governo, isto é, não são Estados seculares como no Ocidente, isto se deve ao fato do mundo muçulmano não ter passado pelo processo histórico da separação da religião aos assuntos de governo.

Na tradição ocidental apesar da grande influência que a Igreja exercia sob o Estado, no passado a relação entre religião e política era sempre distinta onde ambos possuíam estruturas separadas. Desde o início do Cristianismo, mesmo sendo a religião oficial do Império Romano no século IV, a Igreja manteve suas instituições. A estrutura no caso da Igreja Católica permaneceu separada em relação à estrutura governamental dos reinos.

No Islamismo, assuntos religiosos e políticos se relacionam, pois no passado o chefe do grupo ou tribo exercia ao mesmo tempo a função de líder político e religioso e esse o conceito foi abandonado devido a ascensão do aparato político, onde existe a distinção entre o aparato legal e o religioso, porém no pensamento islâmico ambos se mantiveram numa estrutura única, tendo um conceito próprio de que “o Islã é religião e Estado” (din wa dawla) (CHALIAND, BLIN; 2007, pág 13).

O conceito din wa dawla é uma das razões para que existam Estados ou grupos islâmicos¹², que aplicam à risca as leis religiosas encontradas no Alcorão ou na Suna, sob as interpretações de religiosos em todos os aspectos da vida do muçulmano (a Sharia). Para a maioria dos ocidentais, religião não deve se misturar com questões de Estado.

3.3.4. A origem da ordem dos Assassinos

Os ismaelitas ou conhecidos também como Nizaris se concentravam na época no que hoje é o Egito, sob o Califado Fatímida (de orientação ismaelita), contudo os Califados Sunitas na região investiram contra o Ismaelismo devido a rivalidade entre Ismaelitas e o restante dos muçulmanos, missionários ismaelitas se espalharam pela região que hoje correspondem ao Oriente Médio, mas antes da queda do califado um dos missionários ismaelitas Hasan i-Sabbah partiu para a Pérsia governada pelo Império Seljúcida, que na época era de maioria Sunita.

Com a fundação do Estado Fatímida em 909, os desafios para o Ismaelismo fora mudando, e logo após os califas Abássidas e os Ulemás [Sábios que entendem da lei islâmica] Sunitas lançaram o que equivalia para uma campanha oficial de propaganda anti Ismaelita. O objetivo geral desta campanha sistemática e prolongada era para descreditar todo o movimento Ismaelita e logo os Ismaelitas pudessem ser condenados como heréticos ou desviadores do verdadeiro caminho religioso (DAFTARY, tradução nossa).

¹² Em sua maioria grupos radicais que geralmente inclinavam-se para grupos terroristas como o Estado Islâmico do Iraque e do Levante conhecidos como Estado Islâmico ou sigla inglesa ISIS que tem o objetivo de implantar um Estado com a interpretação radical da lei islâmica no Alcorão e Suna (Sharia).

A ordem em si fora fundada pelo missionário ismaelita, Hasan-i-Sabbah que pregava na região da Pérsia e atraía muitos seguidores, sendo perseguido pelas autoridades inclusive a futura vítima da Ordem, o Vizir Nizam al-Mulk¹³ ordenou a prisão do missionário, evadindo da perseguição e em 1090 tomando o castelo que seria a base central da Ordem, o Castelo de Alamut.

Ao fundar sua base central em 1090 no castelo de Alamut, Hasan-i Sabbah ficou conhecido como o “velho da montanha”, o castelo em si se localiza na cordilheira de Alburz ou Elburz, ao sul do mar Cáspio, a noroeste da atual Teerã (capital do Irã), Alamut é um castelo de difícil acesso até hoje e por se localizar no topo de uma montanha é chamado também de “o ninho da águia” e por mais de dois séculos seria o centro da ordem e que a partir dela, os ismaelitas/nizaristas tomaram, compraram ou construíram fortes e castelos espalhados pela Pérsia e Síria.

A razão para que Hasan buscasse tomar ou construir fortes foi também considerado uma estratégia para a sobrevivência dos Ismaelitas, que neste caso também se consolidaram na Síria, país que sofria de instabilidade política interna:

Como parte da política de consolidar relações com outros Ismaelitas. Hasan-i Sabbah enviou emissários para a Síria para consolidar a comunidade na onde a organização política estava fragmentada (...) Os Ismaelitas portanto tiveram que desenvolver estratégias para sobrevivência e sustentabilidade nessas regiões problemáticas. A solução evidente para esses problema era criar centros bem fortificados onde a comunidade poderia encontrar proteção e liberdade para organizar e praticar sua fé (DAFTARY; NANJI, 2007, p. 3, tradução nossa).

De sua base em Alamut, Hasan começou a estabelecer o controle de toda a região. Para tal propósito, primeiro ele assegurou o suporte da população. Nisso, a estratégia dele foi semelhante a de grupos e movimentos revolucionários no século XX. A população rural e pobre, subjugada pelos poucos lordes locais, estavam condicionadas a aceitar a causa Ismaelita. Vencendo o apoio popular, Hasan tentou persuadir a nobreza feudal local para lhe entregar o controle de castelos e cidadelas¹⁴. Falhando em convencê-los, como era impiedoso, empregou todos os meios necessários para tomar fortalezas, incluindo subversão clandestina e a força. Em tais casos, ele usou o medo para persuadir e outros nobres não ofereceram nenhuma resistência,

¹³ Antes da ciência política surgir no ocidente, Nizam Al-Mulk escreveu um livro dedicado à política e uma boa parte dela para técnicas de contra insurreição; recentemente fora traduzido para o inglês: *Book of Government, or, Rules for Kings*, Servindo de livro base para os governantes, administradores, e líderes da época assim como para políticas no Irã e os impérios Otomanos e Mogol.

¹⁴ Do latim civitas que significa cidade, é uma área fortificada dentro de uma cidade para proteção, sendo a última linha de defesa em caso de invasão.

gradualmente. Gradualmente Hasan conquistou pontos estratégicos na região, suas táticas militares e político-estratégicas foram perspicazes e tornaram-se cada vez mais aguçadas com cada vitória (CHALIAND, 2007, Pag. 65)

Este expansionismo dos nizaristas (Assassinos) conseguiu estabelecer um Estado próprio e organizar linhas de comunicações e transporte conectando suas bases entre cidades e células que simpatizavam à sua causa, ou contavam com pessoas importantes que apoiavam os Assassinos devido à sua conversão, ou suborno, ou intimidação (RAPOPORT,1984, p. 666).

3.3.5. Conhecendo mais a ordem: Da vida comum, Modus operandi aos assassinatos mais famosos atribuídas à ordem.

Hasan morou em Alamut até sua morte, em 1125, por 35 anos escrevendo suas ideias e comandando a ordem. Como líder era conhecido por sua austeridade e também sendo extremamente rigoroso, aplicava severamente as leis islâmicas, ao ponto de seus dois filhos serem executados, o primeiro por ser pego bebendo e o segundo pela acusação de assassinato.

Assim como nos castelos europeus da época, as condições de vida dos moradores dos castelos espalhados pela Pérsia, Síria e no Iraque eram desconfortáveis e espartanas, isto é, austero e rigoroso em todos os climas. No inverno as temperaturas eram sempre congelantes com ventanias congelantes soprando de baixo dos picos nevados que cercam o vale. Apesar da altitude, os meses de verão eram sempre quentes e cobertos pela poeira, exigindo vigilância extra contra possíveis invasores. Os canais de água e cisternas deviam passar por limpeza com frequência, os armeiros se ocupavam na forja de novas armas, os carpinteiros e pedreiros trabalhavam na manutenção e construção das defesas. Os cozinheiros estavam ocupados reabastecendo as lojas de alimentos e mantendo-as em boas condições. E muitos ocupavam os dias focando nos estudos e aprendizagem, especialmente para aqueles que desejavam se tornar *Da'is*, uma espécie de erudito religioso. As informações sobre o modo de vidas nesses castelos estão baseadas em dados históricos quanto em evidências arqueológicas (DAFTARY; NANJI, 2007, Pag.5).

A expansão da ordem também veio por meio de um exército de missionários enviados para todos os cantos da Pérsia, Iraque e Síria, convertendo os locais para o Ismaelismo, porém logo ocorreria o choque entre os homens de Hasan com autoridades agentes imperiais e este choque terminaria em assassinato.

O método de violência que tornou esta ordem lendária tanto para os europeus quanto para os muçulmanos, era o assassinato político, seus alvos geralmente, eram ministros, administradores das cidades, clérigos e também militares importantes como generais. Apesar do assassinato ser na maioria das vezes repudiado, os ismaelitas/nizaristas o empregaram acreditando ser mais humano que uma guerra:

Assassinato como arma política não era, claro, uma invenção ismaelita, e de fato numerosos grupos no Irã faziam uso dele naquele tempo. Os Ismaelitas, no entanto, sem dúvida usaram essa tendência [de assassinato político] mais que os outros. Eles acreditavam que era mais humano matar um homem seletivamente que vários em combate. A esse respeito eram diferentes dos modernos terroristas. Em qualquer caso, dado o fato que eram numerosamente inferiores que seus inimigos era lógico o uso do assassinato seletivo (CAMPBELL, 2008, p.16, tradução nossa).

O nome dado aos homens que eram enviados para missão de assassinato era *fidais*, ou *fiḍa'ii*, do Persa e Árabe significa aqueles que se sacrificam em nome da fé ou ideia. O martírio é admirado pelas principais religiões, não sendo exceção no Islamismo, os Assassinos assim como muitos soldados muçulmanos acreditavam que se fossem mortos em combate iriam direto ao paraíso.

Apesar do debate se fora um grupo armado dentro da ordem ou não, os *fiḍa'ii* demonstravam a força do fanatismo das pessoas que se voluntariavam para missões suicidas, pois seus alvos estavam geralmente armados e cercado por guardas armados, sendo uma missão sem volta. E sem dúvida os *fiḍa'ii* recebiam motivação tanto pessoal, como social. Uma história é citada várias vezes de uma mãe que pensou que seu filho foi morto durante uma missão, então ela estava tão alegre e se adornou, mas quando seu filho voltou para casa são e salvo, ela mudou para luto. A razão de martírio para os Ismaelitas da época era que o papel do corpo era de purificar a alma, e que morrer em nome do dever seria uma forma de purificação (HODGSON, 1955, p.83).

Um fato interessante sobre como o alvo é assassinado, da mesma forma que os *Sicarii*, os Assassinos não usavam veneno, nem armas de longo alcance como bestas ou arcos, matavam apenas com pequenas facas e não em vielas escuras ou em zonas isoladas, mas em locais públicos como mesquitas e mercados e também em datas sagradas.

O primeiro assassinato que é atribuído a ordem, é o de um Vizir¹⁵ do Império Seljúcida que desde antes do surgimento dos Assassinos tentou reprimir os ismaelitas, conforme se instalavam na Pérsia. Nizam al-Mulk em outubro de 1092, no mês do

¹⁵ Vizir é um cargo importante que além de ser ministro que aplicava as ordens do sultão também servia como seu conselheiro.

Ramadã¹⁶, durante uma viagem para Bagdá foi abordado por um jovem originário de Daylam, cidade próxima a Alamut, aparentemente um suplicante, que quando se aproximou do Vizir retirou uma faca escondida entre suas roupas e apunhalou fatalmente.

Os argumentos que responsabilizam os Assassinos pela morte do Vizir foram que quando missionários ismaelitas estavam em Sava tentaram converter o *muezzin*¹⁷ da cidade, mas quando este se recusou foi morto. Em resposta, Nizam ordenou a prisão e a execução do líder dos missionários.

Um fato interessante é que Chaliand faz uma comparação do assassinato de Nizam com o 11 de setembro e a Al Qaeda, onde Hasan desafiara a potência da época, o império Seljúcida:

Nizam al-Mulk foi uma figura de incomparável reputação no mundo muçulmano no século XI. Seu lugar na história já tinha sido assegurado por tudo o que ele tinha feito em sua vida. Na morte, ele involuntariamente abriu um dos decisivos capítulos na história do terrorismo (...) Assim como foi com os ataques do 11 de Setembro, a política governamental doméstica e serviços de inteligência não foram capazes de assegurar efetividade no setor de segurança. O assassino de Nizam, disfarçado como Sunita, tinha conseguido com uma lâmina simples de desferir um golpe psicológico de impacto sem precedentes para um império governado a ferro. O Império Seljúcida no fim do século XI era uma potência de primeira ordem. O assassinato do grão vizir primeiros grandes ataques terroristas a ser identificado como tal. Ele veio em um momento propício para Hasan. Na frente militar, ele havia repellido com sucesso duas incursões do exército Seljuk naquele ano (CHALIAND; BLIN, 2007, p.67, tradução nossa).

Outra pessoa bem conhecida que fora alvo dos Assassinos foi o famoso Saladino, cujas ações representavam a maior ameaça para a ordem, pois um de seus objetivos era unificar as forças e defender sua religião do cristianismo (Saladino era muçulmano Sunita) e das religiões heréticas no contexto das Cruzadas e do Ismaelismo ser considerado pelos Sunitas uma religião herética. A unificação das forças por Saladino poderia muito bem erradicar os Assassinos, por esse motivo Rashid al Din, líder da ordem na Síria, dedicou planos para assassinar Saladino.

Saladino, ou Salah Al-Din de origem curda ascendeu como militar quando ajudava seu tio, Shirkuh na expulsão dos cruzados que tentavam tomar o Egito. E se tornou sultão do Egito logo após a morte do último Califa Fatimida e tornou-se sultão da Síria logo após a morte do governador Nur al- Din, como Saladino era Sunita, lutou

¹⁶ Contado a partir do nono mês do calendário islâmico, baseado no calendário lunar é o mês sagrado dos muçulmanos quando iniciam o jejum por pelo menos, de 29 a 30 dias.

¹⁷ Muezzin é o homem que fica nos minaretes da mesquita fazendo o chamado para os muçulmanos irem rezar.

contra o xiismo nos territórios que dominava assim como lutava contra os Cruzados (GOLDSCHIMIDT; DAVIDSON, 2010, P.94).

A ordem tentou assassinar duas vezes Saladino, a primeira na ocasião do cerco de Aleppo em 1174, fracassada pois os homens de Rashid Al Din logo foram reconhecidos. A outra tentativa foi dois anos mais tarde, enquanto Saladino estava em campanha, mas os *fida'ii* não foram capazes de cumprir a tarefa.

Os Assassinos eram na opinião daqueles governantes eram soberanos injustos e por essa razão, deveriam ser removidos. Finalmente, os Assassinos que tinham tantos adeptos que também o Sultão Salah- ad-Din [Saladino] temia que entre seus homens poderia ter alguns Assassinos. E, de fato, dois ataques contra sua vida foram reportados (um em 1174/75 e outro em 1176) (DEBUS, p. 33, tradução nossa)

Outra vítima famosa dos Assassinos foi Conrado de Montferrat, importante personagem da história das Cruzadas e contemporâneo de Ricardo Coração de Leão, que defendeu a cidade do Tiro da invasão de Saladino. Foi nomeado rei de Jerusalém devido seu casamento com uma nobre herdeira do trono da cidade. O assassinato em si ocorreu um ano após sua coroação na cidade de Tiro, localizado na atual Líbano, no ano de 1192, dois Assassinos, disfarçados como monges cristãos se aproximaram do Marquês e o esfaquearam.

Os Assassinos tiveram raízes em duas regiões, Irã e Síria. Eles optaram pelo uso do medo para fins psicológicos e almejavam, entre outros, o estrangeiro, o poder do Cristianismo: Os Cruzados (CHALIAND; BLIN, 2007, p. 61).

As razões para que os Assassinos ordenassem a morte de Montferrat são desconhecidas, as alegações resultado da confissão de um dos sobreviventes dos Assassinos, retiradas sob tortura, afirmava que quem encomendou a morte do marquês foi Ricardo I da Inglaterra, mas outros afirmam que fora Saladino e outros ainda afirmam que Montferrat havia confiscado um navio da ordem, saqueado e matou toda a tripulação e como retaliação Rashid Al Din ordenou sua morte.

3.3.6 O fim da ordem dos Assassinos

Por mais de dois séculos, a ordem continuava, mas na metade do século XIII, a ordem enfrentaria um inimigo totalmente diferente, os Mongóis, não sendo os primeiros nômades que passaram pelo Oriente médio, como os ataques das tribos turcos seljúcidas que foram bem destrutiva, mas os Mongóis eram bem piores, porque praticavam a política de massacres e suas ações provocaram destruição a níveis incomparáveis até

para os padrões de hoje e em extensão territorial, no seu auge, foi o segundo maior império da história perdendo apenas para o Império Britânico ao final do século XIX.

As razões para que os Mongóis fossem hostis aos Assassinos são desconhecidas mas provavelmente perceberam por meio de seus contatos com os muçulmanos revelaram o quão perigoso era a ordem, por exemplo, o oficial muçulmano da corte do Khan¹⁸, foi encontrado usando proteção de cota de malha¹⁹ em baixo de suas roupas, ao ser questionado ele disse que usava a proteção por medo dos Assassinos (CAMPBELL, 2008, Pág. 51)

O interesse dos mongóis em expandir seu território era apenas político e muitos governantes locais forjavam alianças nominais, o grande Khan na época era Mongke, neto de Genghis Khan e o líder militar responsável na campanha de expansão até o Egito. Foi seu irmão Hulegu que com as forças mongóis partiu de Khorasan em 1253 acompanhado por um exército de engenheiros chineses que eram encarregados de construir, reparar pontes, infraestruturas em geral assim como operarem máquinas de assédio²⁰ chegando na Pérsia no início de 1256. As negociações começaram com Hulegu exigindo a submissão completa, mas o Grão Mestre dos Assassinos, *Khawurshah*, tentou negociar para ganhar tempo até o inverno, período que seria impossível para os mongóis iniciarem um cerco. Hulegu perdendo a paciência iniciou a campanha de cerco a Alamut.

O ataque começou com um bombardeio preliminar que durou três dias e nele empregaram enormes catapultas instaladas nas colinas que rodeavam o castelo. O fracasso do ataque direto no quarto dia, puseram em ação as máquinas de assédio, enquanto as enormes basistas com raio de ação bem maior que qualquer arma dos Assassinos, lançavam dardos incendiários no interior do castelo. Depois Hulegu lançou um bombardeio final (BURMAN, 2002, p. 96, tradução nossa).

Os Assassinos foram derrotados no ano de 1256 quando seu líder *Khawurshah* se rende durante o cerco a Alamut sendo tratado como prisioneiro de honra recebendo muitas regalias, acredita-se que este tratamento foi devido a questões políticas já que Hulegu teria o Imã Ismaelita em suas mãos e com isso negociaria com o restante dos Ismaelitas para se renderem. Após governar por mais de três décadas a ordem, *Khawurshah* é assassinado por seus guardas enquanto viajava em 1257.

¹⁸ Khan é um título usado pelos Mongóis para indicar líderes tribais e soberanos.

¹⁹ É uma peça icônica nas armaduras medievais cujo é composta por pequenos elos de metal unidos (podendo ser de ferro ou aço) tornando-o leve e maleável, vestindo como uma camisa, protegia bem o usuário de cortes.

²⁰ Armas de assédio eram equipamentos usados pelos exércitos durante o cerco a uma fortificação como castelos, onde as armas mais usadas foram as catapultas, trabucos, balistas e as *trebuchets*.

A partir da rendição e a morte de *Khwurshah*, a ordem foi perdendo força e nunca mais voltaria a se recuperar. Entretanto, existem várias comunidades ismaelitas espalhadas pelo mundo que não possuem mais relação com a ordem dos Assassinos, e diferentemente de outras vertentes do islã, seguem um imã ou líder espiritual vivo, o príncipe Aga Khan.

A ordem dos Assassinos é o grupo predecessor e que têm mais semelhanças com grupos terroristas islâmicos modernos, originado a partir da tentativa de manter e espalhar sua visão religiosa, suas interpretações fundamentalistas, o martírio, a propaganda usada tanto para convencer os locais a cooperarem para conquistar corações e mentes de fieis, usando o assassinato, que ao seu ponto de vista, era mais humano o derramamento de sangue durante uma guerra, mas continuou sendo um ato repudiado pelas culturas Cristã e Islã.

Deste ponto de vista, o caso dos assassinos não é fundamentalmente diferente da al Qaeda hoje. Do seu santuário nas montanhas do Afeganistão, Osama bin Laden liderou uma campanha contra o Ocidente semelhante ao de Hasan contra os seljúcidas, com táticas às vezes muito semelhantes, incluindo o uso de armas brancas. As unidades de propaganda e recrutamento e treino de terroristas em ambos os casos eram muito parecidos, muitas vezes realizadas entre as mesmas classes sociais e em topografias semelhantes (regiões rurais ou montanhosas com populações endurecidas pela guerra). Como Hasan, bin Laden não poderia esperar para derrubar seu adversário e em seu caso, o Ocidente ou os Estados Unidos, com um ataque terrorista simples, qualquer que seja a sua natureza. No entanto, como a Al Qaeda hoje, a organização de Hasan sabia como explorar calcanhar de Aquiles do poder do governante (Seljúcida) -distúrbios ligados a disputas de sucessão e lutas pelo poder – para enfraquecer seu adversário e beneficiar seu próprio movimento (CHALIAND; BLIN, 2007, p. 69, tradução nossa).

4. Terrorismo de Estado

4.1. Conceituação do Estado terrorista.

Apesar de que atualmente os atos terroristas e o terrorismo se originam mais de pessoas ou grupos, existe a outra modalidade que foi muito recorrente no passado e assim merece destaque é o Terrorismo de Estado.

O terrorismo atual é o que especialistas chamam grupo ou de *bottom-up* terrorism [terrorismo de baixo para cima], mas o terrorismo *top-down* [de cima para baixo] é mais prevalente através da história. E teve seu auge no século 20 graças ao advento do totalitarismo. Em termos de vítimas, o terrorismo *top-down* [de Estado] tomou de longe mais pessoas que sua contraparte *bottom-up* [grupos]. (...) Como ferramenta seja [terrorismo] *top-down* ou *bottom-up*, o terror expõe o mesmo princípio estratégico: dobrar a vontade do adversário enquanto afeta sua capacidade para resistir (CHALIAND, BLIN, 2007, p. 6, tradução nossa).

Relembrando que Terror tem a denotação mais próxima ao terrorismo de Estado, uma das mais antigas modalidades de terrorismo da história surgindo a partir da organização da Sociedade sob um governo comum, e quando reis e governantes no geral utilizam repressão contra seus inimigos, mas com a ascensão de regimes Totalitários no século XX são de longe, exemplos mais fortes de Estados terroristas da humanidade.

Durante a história, foi comum o poder ser empunhado por meio do terror, que acaba incitando o medo entre as pessoas. Todas as sociedades despóticas da antiguidade assim como os regimes ditatoriais na modernidade se mantiveram através do medo (CHALIAND, BLIN, 2007).

Mais atualmente (pós II Guerra Mundial), Estados são considerados terroristas devido sua ligação entre o terrorismo de Estado e terrorismo por parte de grupos, nesta modalidade, o Estado patrocina grupos para realizarem atentados contra seus inimigos. Isto é, governos utilizam-se do terrorismo como método de atacar indiretamente um ou mais países.

Embora o Estado reconheça que os grupos variam em termos de fiabilidade, avalia constantemente tanto a sua eficácia e utilidade. Desenvolve-se relações com as organizações que têm objectivos, simpatias e interesses congruentes com os do Estado. Em tempo de guerra, pode incentivar e apoiar materialmente as organizações criminosas de cometer acções para contribuir para a degradação do controlo civil dentro de um país vizinho. Pode dar apoio para a distribuição e venda de drogas às forças militares inimigas, afectando tanto a moral como a disciplina dentro das organizações. A produção de moeda falsa e ataques a instituições financeiras podem contribuir para debilitar a estabilidade económica do inimigo. Coordenação e apoio de terroristas para atacar líderes políticos, militares e cometer actos de sabotagem contra infra-estruturas essenciais (como portos, aeroportos e abastecimento de combustível), adicionam a variedade e o número de ameaças que o inimigo tem de resolver (LEAL, 2011b, p.6).

O terrorismo como fenômeno passou de terrorismo de Estado para grupos de esquerda na década de 50-60 que atuavam antes localmente e depois regionalmente para um fenômeno global ligado ao processo de desenvolvimento tecnológico que a globalização facilitou a expansão do terrorismo em todas as formas.

Em relação a globalização e terrorismo são fenômenos complexos demais para serem definidos individualmente, sendo assim um termo vago para a interpretação dos leitores. Mas o fato que a partir da década de 90, países que antes eram da zona de influência soviética e países subdesenvolvidos abriram-se comercialmente tendo acesso mais fácil a produtos e tecnologias de comunicação consequentemente a circulação de pessoas aumenta, facilitando a movimentação e a comunicação entre terroristas, expandindo o raio de ação de uma região para o globo, levando organizações terroristas ao patamar de atuação Transnacional.

A globalização contribuiu para o crescimento do terrorismo que atuava em determinadas regiões e se tornou um fenômeno global. É complexo determinar a natureza do terrorismo e sua relação com o processo de globalização e todas as explicações existentes não são suficientes, mas a tecnologia permitiu que grupos terroristas conduzissem operações mais mortais, distribuídas e mais difíceis de combater do que antes, por outro lado a vantagem tecnológica permitiu que Estados pudessem usá-las para combater o impacto global do terrorismo (KIRAS, 2011).

O Estado pode utilizar do terror principalmente por dois modos: violência de Estado contra outros Estados, geralmente na forma de guerra convencional, o combate entre exércitos regulares ou emprego da violência de Estado em seus próprios cidadãos, ou por meio do processo legal que o Estado aplica na forma de lei, a outra é por meio clandestino do uso ilegal da violência com o objetivo de impedir a oposição ao regime ultrapassando as brechas do processo legal. Os exemplos mais extremos são os regimes totalitários da era Stalinista e Alemanha Nazista (CHALIAND, BLIN, 2007, p. 27).

4.2. Terrorismo de Estado contra sua própria população, diferença entre regimes autoritários e totalitários e exemplos de regimes totalitários do século XX.

Apesar do senso comum, os termos Autoritarismo e Totalitarismo eram palavras diferentes para definir a mesma coisa acabando por misturar os termos. O fato é que

Autoritarismo e Totalitarismo são palavras usadas para definirem duas modalidades de governo que usam a repressão e limitam a liberdade de expressão, mas são regimes distintos, isto é, Estado Autoritário e Estado Totalitário devem ser bem separados para que sejam devidamente estudados

No caso do Autoritarismo:

I. PROBLEMAS DE DEFINIÇÃO. — O adjetivo "autoritário" e o substantivo Autoritarismo, que dele deriva, empregam-se especificamente em três contextos: a estrutura dos sistemas políticos, as disposições psicológicas a respeito do poder e as ideologias políticas. Na tipologia dos sistemas políticos, são chamados de autoritários os regimes que privilegiam a autoridade governamental e diminuem de forma mais ou menos radical o consenso, concentrando o poder político nas mãos de uma só pessoa ou de um só órgão e colocando em posição secundária as instituições representativas (...) A centralidade do princípio de AUTORIDADE (V.) é um caráter comum do Autoritarismo em qualquer dos três níveis indicados. Como conseqüência, também a relação entre comando apodítico e obediência incondicional caracterizam o Autoritarismo (...) A autoridade, no caso, é entendida em sentido particular reduzido, na medida em que é condicionada por uma estrutura política profundamente hierárquica, por sua vez escorada numa visão de desigualdade entre os homens e exclui ou reduz ao mínimo a participação do povo no poder e comporta normalmente um notável emprego de meios coercitivos (...) Além do mais, o Autoritarismo, como ideologia da ordem, se distingue de forma clara do próprio totalitarismo fascista, já que ele apenas impõe a obediência incondicional e circunscrita do súdito e não a dedicação total e entusiástica do membro da nação ou da raça eleita. Nos regimes autoritários a penetração-mobilização da sociedade é limitada: entre Estado e sociedade permanece uma linha de fronteira muito precisa. Enquanto o pluralismo partidário é suprimido de direito ou de fato, muitos grupos importantes de pressão mantêm grande parte da sua autonomia e por conseqüência o Governo desenvolve ao menos em parte uma função de árbitro a seu respeito e encontra neles um limite para o próprio poder. Também o controle da educação e dos meios de comunicação não vai além de certos limites. Muitas vezes é tolerada até a oposição, se esta não for aberta e pública. Para alcançar seus objetivos, os Governos autoritários podem recorrer apenas aos instrumentos tradicionais do poder político: exército, polícia, magistratura e burocracia (BOBBIO, 1998, p.94).

O que o verbete está querendo explicar é que o Estado autoritário costumam recorrer as instituições policiais, judiciários, burocráticos assim como o uso dos meios coercitivos para manter seus cidadãos obedientes e respeitando a hierarquia, mantendo a concentração do poder nas mãos de uma pessoa ou um grupo pequeno, o autoritarismo pode até permitir oposição, na forma de pessoas notórias na sociedade ou oposição organizada em partidos, ao contrário da exigência da obediência cega e incondicional de um povo ou cidadão da nação “eleita” ao seu governante, e o controle na educação e das comunicações no Estado autoritário são restritas e limitados.

Enquanto no Totalitarismo:

A expressão está presente na palavra "Fascismo" da *Enciclopedia Italiana* (1932), quer na parte escrita por Gentile, quer na parte redigida por

Mussolini, onde se afirma a novidade histórica de um "partido que governa totalitariamente a nação". Na Alemanha nazista, o termo, ao contrário, teve pouca voga, preferindo-se falar de Estado "autoritário". Entretanto, a expressão começava a ser usada para designar todas as ditaduras monopartidárias, abrangendo tanto as fascistas quanto as comunistas (...) algumas características originais do Governo totalitário e especialmente a monopolização de todos os poderes no seio da sociedade, a necessidade de gerar uma sustentação de massa, o recurso às modernas técnicas de propaganda. Totalitarismo é uma forma de domínio radicalmente nova porque não se limita a destruir as capacidades políticas do homem, isolando o em relação à vida pública, como faziam as velhas tiranias e os velhos despotismos, mas tende a destruir os próprios grupos e instituições que formam o tecido das relações privadas do homem, tornando-o estranho assim ao mundo e privando-o até de seu próprio eu (...)No plano organizativo, a ação da ideologia e do terror se manifesta através do partido único, cuja formação elitista cultiva uma crença fanática na ideologia, propagando-a sem cessar, e cujas organizações funcionais realizam a sincronização ideológica de todos os tipos de grupos e de instituições sociais e a politização das áreas mais remotas da política (esporte e atividades livres, por exemplo), e através da polícia secreta, cuja técnica operacional transforma toda a sociedade num sistema de espionagem onipresente e onde cada pessoa pode ser um agente da polícia e onde todos se sentem sob constante vigilância. (...)A vontade do chefe é a lei do partido e toda organização partidária não tem outro escopo senão o de realizá-la. O chefe é o depositário da ideologia: apenas ele pode interpretá-la ou corrigi-la. Até a polícia secreta, cujo prestígio cresceu extraordinariamente em relação ao que gozava nos velhos regimes autoritários, tem um poder real menor, pelo fato de estar inteiramente sujeita à vontade do chefe, o único a quem compete decidir quem será o próximo inimigo potencial ou "objetivo". (...)A segunda teoria clássica, a de Carl J. Friedrich e de Zbigniew K. Brzezinski, define o Totalitarismo com base nos traços característicos que podem ser encontrados na organização dos regimes totalitários. Segundo esta colocação, o regime totalitário é resultante da união dos seis pontos seguintes: 1) uma ideologia oficial que diz respeito a todos os aspectos da atividade e da existência do homem e que todos os membros da sociedade devem abraçar, e que critica, de modo radical, o estado atual das coisas e que dirige a luta pela sua transformação; 2) um partido único de massa dirigido tipicamente por um ditador, estruturado de uma forma hierárquica, com uma posição de superioridade ou de mistura com a organização burocrática do Estado, composto por pequena percentagem da população, onde uma parte nutre apaixonada e inabalável fé na ideologia e está disposta a qualquer atividade para propagá-la e atuá-la; 3) um sistema de terrorismo policial, que apóia e ao mesmo tempo controla o partido, faz frutificar a ciência moderna e especialmente a psicologia científica e é dirigido de uma forma própria, não apenas contra os inimigos plausíveis do regime, mas ainda contra as classes da população arbitrariamente escolhidas; 4) um monopólio tendencialmente absoluto, nas mãos do partido e baseado na tecnologia moderna, da direção de todos os meios de comunicação de massa, como a imprensa, o rádio e o cinema; 5) um monopólio tendencialmente absoluto, nas mãos do partido e baseado na tecnologia moderna, de todos os instrumentos da luta armada; 6) um controle e uma direção central de toda a economia através da coordenação burocrática das unidades produtivas antes independentes. A combinação habilidosa de propaganda e de terror, tornada possível graças ao uso da tecnologia moderna e da moderna organização de massa, confere aos regimes totalitários uma força de penetração e de mobilização da sociedade qualitativamente nova em relação a qualquer regime autoritário ou despótico do passado e torna-os por isso um fenômeno político historicamente único (BOBBIO,1998, p. 1258).

No Totalitarismo, o poder de comando do país está nas mãos de uma única pessoa e a seu serviço, existe o partido único aonde qualquer oposição organizada e até pessoal é intolerável servindo de razão para a punição severa. O governo totalitário precisa do apoio das massas, que as mantém unidas sob investimento pesado na propaganda que é controlada pelo governo. A crença fanática da ideologia é a propagada, permeada em todas instituições sociais, toda a vida pessoal do cidadão é monopolizada, do trabalho à religião. Como na educação que é completamente controlada não existindo nenhuma instituição de ensino privada ou livre do controle governamental, além de ocorrer a politização em áreas remotas como nos esportes. E indo mais além, Estados totalitários por meio de sua polícia secreta cria um sistema de espionagem onipresente onde todos podem ser agentes, informantes, colaboradores, uma sensação na população de estarem sendo vigiados constantemente.

Em relação a como diferenciar um Estado terrorista e existe diferença entre a repressão encontrada em muitas ditaduras, onde o terror é o uso intencional da violência através de agentes estatais contra certos indivíduos ou grupos que são vitimadas já com a intenção de aterrorizar uma audiência maior. No caso, as vítimas diretas da violência não são os alvos principais, mas são instrumentos do governo por meio da comunicação da violência para um objetivo maior que é intimidar o restante da população. Tendo quatro elementos chave: a) autores empregam a violência deliberada contra indivíduos que o Estado tinha jurado proteger, ou ameaça da violência se o clima de medo já está estabelecido devido as ações anteriores de violência estatal; b) ação perpetrada pelos autores em nome do Estado ou em conjunção com o Estado; c) ação ou ameaça de violência com o objetivo de induzir medo ao extremo em alguns observadores que se identificam como vítima; d) a audiência alvo é forçado a considerar a mudança de alguma forma o comportamento (JACKSON; MURPHY; POYNTING, 2010, p.3).

Atualmente, terrorismo de Estado não é mais foco de estudos, tendo seu auge até metade da década de 40, no entanto, após a II Guerra Mundial e principalmente a invenção da bomba atômica, iniciou-se o processo de ascendência primeiro de grupos de guerrilheiros e terrorismo em nome de princípios como libertação, independência e de princípios democráticos. A partir do século XXI, ascenderam mais grupos terroristas de orientação fundamentalista, porém, é interessante estudar o fenômeno que faz parte de nossa história e dentre os maiores exemplos de Estados totalitários que empregaram o Terror contra sua própria população foi o Estado Socialista russo tendo seu ápice durante o governo de Stalin. Conhecido como Stalinismo (1924-1953), o Estado

Fascista italiano comandado por Mussolini (1922-1943) e também o Estado nazista de Hitler na Alemanha (1933-1945), que apesar da diversidade de dados, são regimes que mataram mais pessoas que quaisquer grupos terroristas antigos e atuais.

4.3. Ascensão dos Regimes Socialista soviético, Fascista italiano e Nazista alemão.

O primeiro regime totalitário que ascendeu no século XX foi o regime socialista na União Soviética. No entanto, o seu ápice e foco de estudo foi durante o governo de Stalin.

A tragédia militar, humana e econômica causada pela Primeira Guerra Mundial foi estopim para que o governo do Tsar²¹ Nicolau II fosse derrubado em fevereiro (calendário Juliano) iniciando a Revolução Russa, essa ação é chamada de Revolução de fevereiro, sendo substituído por um governo provisório liderado pelos “mencheviques”, minoria em russo, nome usado para designar o partido compostos por liberais, burgueses e socialistas mais moderados, contudo em outubro²², os bolcheviques, “maioria” em russo, composto por socialistas mais radicais liderados por Vladimir Ulyanov (Lenin) derrubou o governo provisório instalando o governo socialista que se consolidando somente após o fim da guerra civil, que sucedeu a Revolução de outubro 1921, transformando se na União das Republicas Socialistas Soviéticas.

Lenin quando chegou ao poder, passou a adotar o terror como forma de luta contra os “contrarrevolucionários”, como exemplo, revogou a decisão do Congresso dos Sovietes em abolir a pena de morte e destruiu todo sistema de proteção ao indivíduo, criando o “Comitê de Emergência” que é primeira polícia secreta soviética: Cheka com funções de “combater a contrarrevolução, sabotagem, especulação e abuso de poder”, que contraditoriamente, prenderiam, tomaram reféns entre a “burguesia”²³, estabeleceram campos de concentração²⁴, realizariam execuções a toda oposição. Esse “terror vermelho” que durou de 1917 até 1921 vitimou entre 500 000 a 2 000 000 de

²¹ Tzar, Czar ou *Tsar* originada na palavra latina César, é um título de nobreza usado para indicar os imperadores russos de 1546 até 1917.

²² Existe a diferença entre as datas, o calendário adotado pela Rússia antes a revolução era o calendário juliano sendo modificado somente a partir de 1918, ou seja a Revolução de Outubro ocorreu na verdade segundo o calendário gregoriano e o que adotamos foi em Novembro.

²³ Era comum durante o período os Bolcheviques como forma de sufocar as rebeliões tomarem familiares dos rebeldes mais importantes como reféns.

²⁴ Outra exclusividade do Totalitarismo soviético é começariam a enviar opositores políticos para hospitais psiquiátricos

pessoas que para matéria de comparação, mais penas de morte foram ordenadas nos dois primeiros meses do Terror Vermelho (entre 10 000 a 15 000 execuções) que em quase 100 anos (de 1825-1917) de governo czarista com 6 321 execuções políticas e só em 1906 aconteceram 1 310. O modelo de terror adotado pelo Lenin a partir de Novembro (no Calendário Gregoriano) seria empregado de forma mais intensa depois pelo Stalin, depois em nome do “manto Marxista- Leninista” na China de Mao Tsé Tung, no Camboja de Pol Pot e mais recentemente, na Coreia do Norte. No século XX nunca tantas vidas foram ceifadas pelo terrorismo de Estado quanto pelo terrorismo contra Estados, no terror que foi justificado em nome das mesmas massas (CHALIAND; BLIN, 2007, p. 200-202).

Lenin governou o regime socialista russo até sua morte no ano de 1924, iniciando uma disputa para quem comandaria a URSS, os prováveis sucessores eram: Léon Trotsky, que comandou o exército vermelho durante a guerra civil e Stalin que era Secretário Geral do Comitê Central, tendo sido Stalin, escolhido como sucessor de Lenin, esse comandou o país com mão de ferro, transformando a URSS de país agrário a uma potência industrial, mas a custo do Terror que foi um aprimoramento do Terror praticado por Lenin. Permanecendo no poder até sua morte no ano de 1953.

O segundo regime a ascender o poder foi o Fascismo italiano liderado por Benito Mussolini. Após o fim da Primeira Guerra Mundial, a Itália apesar de sair do lado dos vitoriosos, perdeu centenas de milhares de vidas, que tiveram mutilações ou desapareceram durante a guerra. Indo mais além, a Itália contraiu dívidas com os EUA e a Inglaterra, então além de sofrerem com a fome, desemprego e a inflação, sinais de uma economia em frangalhos, nesta aliança, a Itália não recebeu nenhum território estratégico ao fim da guerra, deixando a maioria dos italianos frustrados e tornou-se mais comum greves, saques e manifestações de todos os tipos. O governo visto como incapaz de contornar estes problemas, deu força a burguesia, temendo que ocorresse uma revolução socialista, passou a apoiar grupos antissocialistas.

Depois de prestar serviço militar ao exército italiano durante a Primeira Guerra Mundial, Benito Mussolini passou a trabalhar num jornal, e lá fundaria o um partido que seria derrotado nas eleições de 1919. Para contornar a situação, Mussolini adaptaria o grupo em moldes mais paramilitares: *Fasci Italiani di Combattimento* e depois fundaria o partido Nacional Fascista²⁵ em 1919, compostos por membros das mais

²⁵ Fascismo vem da palavra *Fasces lictoris* ou em italiano, *fascio littorio*, e um machado formado por uma união de vários feixes de madeira, que os romanos usavam como símbolo de poder e autoridade

diversas camadas sociais descontentes com a situação de seu país, que usavam da força para minar os movimentos e o partido socialista que rendeu popularidade e apoio da burguesia e dos mais conservadores italianos.

Em 28 de outubro de 1922, os fascistas conhecidos como “camisas negras” organizados então se agruparam na capital italiana Roma e marcharam pela cidade, desta forma, que caracteriza-se mais como golpe, fizeram com que o primeiro ministro italiano se demitisse, assim o rei italiano Victorio Emanuele III (em português é Vitor Emanuel III) convida Mussolini para ser o novo primeiro ministro, que extingue o governo democrático e inicia o regime totalitário que perduraria por mais de 21 anos.

O último regime que sobe ao poder é o nazismo na Alemanha, país que saiu como perdedor, na Primeira Guerra Mundial e assinou o Tratado de Versalhes, que impôs penas severas ao país, reduzindo seu exército para um efetivo de 100 000 homens, proibindo artilharia, aviação de guerra e armas químicas e teve sua marinha mercante confiscada e a marinha de guerra reduzida, e também foi obrigada a pagar uma indenização bilionária aos vencedores²⁶, perdeu as colônias ultramarinas, e territórios estratégicos da Alemanha para os vizinhos, sofrendo com a perda de milhares de pessoas com a guerra e deixando a economia alemã abalada e dependente de empréstimos estrangeiros.

Neste cenário está o austríaco veterano da Guerra, Adolf Hitler, que como a maioria dos militares da época, acreditavam que seu governo os havia traído ao escolher sair da guerra como derrotado no lugar de combater, assinando um tratado vergonhoso²⁷. E desiludido com o governo Alemão, então decide se filiar ao partido dos Trabalhadores Alemães, que depois viraria Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães, nome completo do Partido Nazista. Devido a sua oratória, começou a discursar nos bares da região de Munique contra o Tratado de Versalhes, contra Marxistas e Judeus (deixando o último como bode expiatório para as mazelas do povo alemão). O partido começou a adotar um braço militar as tropas de assalto SA ou “camisas pardas”, que se dedicavam a fazer paradas, lutar contra manifestações e grupos socialistas recebendo muitos membros e simpatizantes. Hitler tentou da mesma forma que Mussolini tomar o poder, porém, o golpe fracassou ficando conhecido como Golpe

²⁶ Era comum países perdedores no século XIX pagarem indenizações de guerra, mas a novidade em Versalhes era que essa indenização era para pagar as vítimas no conflito a novidade também era a controversa clausula 231 que culpava a Alemanha da Guerra. Além de pagar indenizações, a Alemanha sofreu o confisco de navios, produtos e até suas patentes, dentre elas a aspirina Bayer.

²⁷ Esse ponto de vista é chamado de a lenda da “apunhalada pelas costas”

da Cervejaria em 1923. Hitler foi condenado a prisão, mas permaneceu apenas por um ano tempo, que usaria para escrever seu livro *Mein Kampf* (minha luta), que compila todas suas ideias, sua história pessoal assim como suas intenções para a Alemanha e defesa da raça pura e o destino dos Judeus.

A adesão de muitos alemães ao partido somente ocorreria após a crise de 1929, quando a situação econômica do país piora com desemprego e hiperinflação²⁸, tornando-o cenário fértil para ascensão de partidos radicais. Nas eleições em 1930, quase um quinto da população alemã votou no Partido Nazista, sendo o segundo maior partido no Parlamento e Hitler quase venceu o cargo de presidente em 1932 (permanecendo em 2º lugar), mas foi indicado para ser chanceler pelo presidente Hindenburg.

Em 1933, o incêndio do Parlamento alemão, o *Reichstag*, fizeram com que o presidente suspendesse vários direitos civis, sendo o caminho escolhido pelos nazistas para eliminar a oposição. Como resultado, o partido nazista recebeu mais de 43,9% dos votos, ou seja, insuficiente para formar maioria absoluta no parlamento e para aprovar a medida que dava plenos poderes a Hitler, os nazistas usaram meios para que a lei²⁹ que concedia poderes ilimitados para Hitler ser aprovada como o impedimento e a prisão de deputados socialistas e de esquerda, para que não fossem capazes de votar contra os Nazistas.

Em março de 1933, Hitler torna-se líder absoluto no executivo e legislativo a partir daí começa a caçar opositores, atacar sindicatos, tornando o Partido Nazista o único partido legal na Alemanha, e logo criou leis para tirar os direitos civis de todos os alemães, iniciando o regime totalitário alemão.

Com relação a essas reflexões, podemos indagar se o governo totalitário, nascido dessa crise e, ao mesmo tempo, o seu mais claro sintoma, o único inequívoco, é apenas um arranjo improvisado que adota os métodos de intimidação, os meios de organização e os instrumentos de violência do conhecido arsenal político da tirania, do despotismo e das ditaduras, e deve a sua existência apenas ao fracasso, deplorável mas talvez acidental, das tradicionais forças políticas — liberais ou conservadoras, nacionais ou socialistas, republicanas ou monarquistas, autoritárias ou democratas (ARENDDT, 2009, pp.512-513).

²⁸ A taxa de inflação mais alta foi em 1923 atingindo a casa dos 29 500 % ao mês, ou seja a cada quatro dias os bens dobravam de valor. (EXAME, 2011)

²⁹ Lei habilitante de 1933 ou “a lei para solucionar as urgências do povo e da nação” foi aprovada pelo Parlamento Alemão o *Reichstag* em março de 1933 a lei concedia plenos poderes “legitimando” Hitler a tornar-se um ditador dando fim ao governo democrático de Weimar e a Constituição.

O ponto em comum dos três regimes Totalitários, é que ascenderam ao poder devido à crise que esses países viveram com o fim da Primeira Guerra Mundial, um conflito de grande escala que ceifou mais de 10 milhões de pessoas a maioria jovens transformando-se na “geração perdida”, arrasou as economias da maioria dos envolvidos, mudou todo o mapa Europeu extinguindo grandes monarquias como a Hohenzollern (família real do Império Alemão) e dinastias tradicionais que outrora eram vistos como as famílias reais mais poderosas da Europa dos Romanov (Russia), Habsburgos (Império Austro Húngaro) e a dinastia Otomana³⁰. Com a modificação de todo o mapa do globo: novos países surgiram dos Impérios que esfacelaram como a Polônia, Finlândia, Iugoslávia e Tchecoslováquia, a hegemonia mundial passou da Inglaterra para os EUA ou da Pax Britannica para a Pax Americana.

4.4. O controle estatal sobre a vida dos cidadãos a produção cultural e a educação.

O partido tem a função de servir a vontade do seu líder, que recebe adjetivos de serem guias, líderes, gênios para seus cidadãos, estes tem o papel de servir o coletivo e ser leais aos propósitos do líder e do partido criando uma intervenção em toda a vida pessoal e pública de todos os cidadãos, a propaganda nunca foi uma ferramenta usada tão intensamente nesses regimes totalitários permeando suas ideias, valores, planos para o futuro, relatar o progresso que o regime alcançava (mesmo que criando cenário fictício, maquiando e forjando dados sobre itens de interesse) e o dever que cada pessoa tinha na construção desse “paraíso” em todos os aspectos.

A razão de empregar maciçamente a propaganda era porque

Somente a ralé e a elite podem ser atraídas pelo ímpeto do totalitarismo; as massas têm de ser conquistadas por meio da propaganda. Sob um governo constitucional e havendo liberdade de opinião, os movimentos totalitários que lutam pelo poder podem usar o terror somente até certo ponto e, como qualquer outro partido, necessitam granjear aderentes e parecer plausíveis aos olhos de um público que ainda não está rigorosamente isolado de todas as outras fontes de informação. Nos países totalitários, a propaganda e o terror parecem ser duas faces da mesma moeda. Isso, porém, só é verdadeiro em parte. Quando o totalitarismo detém o controle absoluto, substitui a propaganda pela doutrinação e emprega a violência não mais para assustar o povo (o que só é feito nos estágios iniciais, quando ainda existe a oposição política), mas para dar realidade às suas doutrinas ideológicas e às suas mentiras utilitárias. O totalitarismo não se contenta em afirmar, apesar de prova em contrário, que o desemprego não existe; elimina de sua propaganda qualquer menção sobre os benefícios para os desempregados Ou, para citar outro exemplo, quando Stálin decidiu reescrever a história da Revolução

³⁰ A dinastia Romanov governara a Rússia desde o século XVII em a casa dos Habsburgos existiam desde o Século XI e a Otomana era um Império fundado no século XIII.

Russa, a propaganda da sua nova versão consistiu em destruir, juntamente com os livros e documentos, os seus autores e leitores: a publicação, em 1938, da nova história oficial do Partido Comunista assinalou o fim do superexpurgo que havia dizimado toda uma geração de intelectuais soviéticos (ARENDR,2009, p. 390).

Nos governos Totalitários, sempre tiveram foco na produção artística e cultural, por exemplo, no período Stalinista, tentava não somente em censurar e limitar o que os soviéticos liam, ouviam ou assistiam, mas o regime investiu pesadamente sobre a educação e sistemas de saúde para a população, em todo país deveria ter junto ao planejamento econômico uma previsão sobre a construção de escolas, clinicas, o número de professores, médicos, enfermeiras e até quanto cinemas seriam construídos. Todas as fabricas e alojamentos dos trabalhadores tinham seus jornais, cantos de leitura e aulas de literatura, todos sindicatos e os sovietes locais³¹ forneciam cursos técnicos, e educação básica gratuita aos cidadãos de todas idades. Os resultados foram que no final da década de 30 a maioria dos jovens, mulheres e adultos na URSS estavam alfabetizados³² (SUNY, 2006, p. 206).

No sistema educacional implementado na Itália de Mussolini, assim como por Stalin, a educação era uma forma de propaganda do fascismo, onde por meio das crianças, o regime entraria na vida privada dos italianos. No Fascismo, os valores se distanciavam do individualismo pregado pelo liberalismo e em seu lugar os interesses estavam voltados no coletivo, a formação das crianças era dividida: os meninos que deveriam ser bons pais, trabalhadores e soldados leais ao Fascismo que deveriam ter coragem, disciplina, vontade, respeito a hierarquia, força e virilidade; já as meninas, vistas como seres inferiores, deveriam criar uma mulher com apenas o papel de cuidar da casa, do marido, dos filhos e principalmente gerar muitos filhos para formar o futuro exército e trabalhadores do regime.

A metodologia de ensino seria na forma de educação militar, que prepararia as crianças psicologicamente, fisicamente e socialmente. Todos os jovens de 6 a 18 anos, meninos e meninas deveriam estar matriculados na única organização da juventude permitidas na Itália: o ONB (Opera Nazionale Balilla) e mais tarde o GIL (Gioventù

³¹ Sovietes eram órgãos deliberativos compostos por trabalhadores na Rússia pré revolucionaria até a instauração do socialismo, mas na altura do governo de Stalin, os sovietes já não possuíam tanto poder sobre o sistema governamental

³² Os resultados foram: 75% da população adulta sabia ler (em comparação a 1926 que era 41%) dentre as crianças de até 19 anos, 90% já sabiam ler. O foco do regime estava também nas mulheres nas zonas rurais ou em áreas não russas fornecendo oportunidades entre elas, ao ponto que no fim da década de 1930 a alfabetização delas alcançavam 80% (SUNY, 2006, P. 206).

Italiana del Littorio)³³, sofrendo a extinção de organizações independentes, a maioria dos pais temendo ser acusados de antifascismo, inscreviam seus filhos nessas organizações.

Ao entrarem na ONB os meninos e meninas realizavam um juramento diante de Mussolini, em uma cerimônia chamada de *Leva Fascista*, que acontecia em toda a Itália no mesmo dia. (...)A *Leva Fascista* era encarada pelas autoridades do regime como um momento de renovação nacional, pois nesta ocasião os jovens se tornavam oficialmente fascistas, recebendo a carteirinha de fascista e o *moschetto* (fuzil de fácil operação) (...) Com os dois objetos em mãos, os jovens adentravam ao mundo novo da Itália e iniciavam uma vida de obediência, de dedicação e de sacrifícios pela nação, tendo em mente que as ordens de Mussolini eram incontestáveis. Para não se esquecerem das novas obrigações, o ritual de passagem era realizado todos os anos em 24 de maio, dia em que a Itália entrou na Primeira Guerra Mundial. A associação desta data com o ritual de passagem não era fortuito. Os soldados italianos da grande guerra eram considerados pelo Fascismo como heróis nacionais, pois lutaram pela nação e por ela se sacrificaram. Neste dia em que os jovens se tornavam fascistas, lembravam os sacrifícios do passado como parte de sua formação individual, coletiva e militar (ROSA, 2009, p. 626).

As atividades eram realizadas regularmente nas sedes da ONB ou mesmo nas escolas uma vez na semana, onde as crianças tinham educação física, com a função tanto de preparar o psicológico, a moral, mas também por meio os exercícios, melhorar e corrigir a postura física para que fossem “aptos” a se tornarem soldados, trabalhadores ou agricultores saudáveis.

Desde pequenos deveriam estar vestidos impecavelmente com o uniforme e limpos para participar das reuniões, eram utilizadas aulas práticas de higiene e princípios sanitários para prevenção de doenças que tiravam os soldados de combate na época: a tuberculose e doenças venéreas. Os meninos aprendiam a manusear um fuzil, os menores aprendiam com réplicas e os maiores aprendiam com armas reais e treinavam como no exército. Nas férias, a ONB promovia cruzeiros, viagens de instrução e acampamentos, no caso dos acampamentos, todos os meninos de 6-18 anos acampavam em barracas e tomavam rotinas diárias encontradas no exército: toque da manhã, prática da higiene corporal, faziam a manutenção do local onde se reuniam, seja a escola, sede da juventude ou nos acampamentos, realizavam exercícios militares, ao mesmo tempo, todas suas atividades serviam para exaltar o fascismo e ensinar seus valores.

³³ As organizações da juventude eram divididas por idade e sexo: crianças dos 6-8 anos permaneciam na *Figli dela Lupa*, de 9-13 anos ficavam na *Balilla*, as meninas da mesma idade na *Piccole Italiane*. No 14-18 anos iriam para a *Avanguardisti*, e meninas *Giovani Italiane*.

Na parte cultural, os Fascistas passaram a usar rituais coletivos, como a “adoração aos mortos” que desde o fim da Grande Guerra, era realizado para amenizar a dor e a perda, assim como os traumas da guerra. Nesse sentido, as pessoas realizavam homenagens aos seus soldados caídos, só que o Fascismo incorporou essa prática aos seus valores: o sacrifício de uma pessoa em nome do coletivo era sacrifício em nome do Fascismo e sua herança histórica³⁴. Os rituais para a adoração eram as paradas promovido pelos jovens, homenagens com flores, com tochas e fogueiras. O fogo era o símbolo fascista da purificação. No caso a adoração aos soldados mortos se caracterizavam numa espécie de “religião”, onde seus membros faziam a adoração a símbolos como o *Fascio*³⁵, soldados mortos e Mussolini, locais que representavam como símbolos do Império Romano e ideais do fascismo, como a ideia de que “Tudo no Estado, nada contra o Estado, nada fora do Estado” (ROSA, 2009, p.631).

O correspondente alemão para uma organização de jovens foi a Juventude Hitlerista, cujo objetivo era formar os “nazistas ideais”. Essa organização existia desde 1922, mas com a Ascensão de Hitler no poder, extinguiu outras organizações independentes obrigando jovens a se juntarem a Juventude Hitlerista, dividida por idade e sexo. Apesar do alto nível de dissidência, ou seja, havia jovens que foram colocados na organização obrigatoriamente, faltavam, esforçavam-se pouco e evitavam as atividades mesmo que sofressem punições como multas para a família.

Os nazistas publicavam cartazes mostrando suas ideias e também livros didáticos escolares foram alterados para incluir pontos de sua ideologia. Nos livros de geografia mostravam a necessidade da Alemanha ter mais espaço físico para sua população continuar saudável, mostrando que a população alemã crescia numa proporção maior em relação a outras nações europeias e demonstravam que as cidades degeneravam os indivíduos.

Para os nazistas era ideal viver no campo criando essa “necessidade” de espaço, nos livros de biologia incluíam questões raciais, genética e “leis naturais”, tanto na natureza para sobreviver precisavam ter forças e atributos físicos³⁶. Essas “leis naturais” se aplicavam a todas pessoas e povos, na visão de Hitler, os Arianos deveriam segundo

³⁴ A herança histórica seria que para Mussolini, seriam a continuação do Império Romano e que seu grande objetivo seria restaurar a glória do império.

³⁵ Fascio é um machado usado simbolicamente para representar o poder desde o império romano, o *fascis lictoris*, composto em sua base de uma amarração de feixes de madeira que simbolizava a união e soberania.

³⁶ Os nazistas (assim como muitos europeus desde o século XIX) se basearam também na teoria deturpada da evolução de Darwin, que é chamada de “darwinismo social”, onde sociedades evoluídas perseveravam e as sociedades “atrasadas” pereceriam.

a “lei natural” ser racialmente superior e assim dominar os “povos inferiores” como os Eslavos, Judeus, Negros, Asiáticos e Ciganos. O dever dos Arianos era manter a sua preservação genética, não se relacionando com pessoas julgadas como “inferiores”, pois para os Nazistas, a raça ariana estava se degenerando devido a miscigenação.

Por exemplo, a população alemã era bombardeada com propagandas de que os deficientes estavam crescendo numa proporção muito maior que as pessoas ditas como “saudáveis” ameaçando o futuro da Alemanha e para impedir “esse destino” os nazistas promoveram a esterilização forçada em todos deficientes “físicos e mentais”, que passavam “suas doenças” geneticamente para os descendentes.

A propaganda totalitária aperfeiçoou o cientificismo ideológico e a técnica de afirmações proféticas a um ponto antes ignorado de eficiência metódica e absurdo de conteúdo porque, do ponto de vista demagógico, a melhor maneira de evitar discussão é tornar o argumento independente de verificação no presente e afirmar que só o futuro lhe revelará os méritos. Contudo, não foram as ideologias totalitárias que inventaram esse método e não foram elas as únicas a empregá-lo. O cientificismo da propaganda de massa tem sido empregado de modo tão universal na política moderna que chegou a ser identificado como sintoma mais geral da obsessão com a ciência que caracterizou o Ocidente desde o florescimento da matemática e da física no século XVI. Assim, o totalitarismo parece ser apenas o último estágio de um processo durante o qual “a ciência [tornou-se] um ídolo que, num passe de mágica, cura os males da existência e transforma a natureza do homem” (ARENDRT, 2009, p. 394).

Hannah Arendt ainda explica que o cientificismo³⁷ defendido por várias correntes teóricas dos estudos sociais nunca aceitariam “transformar a natureza do homem” e que os regimes Totalitários tentaram realizar.

Em relação a cultura, Stalin investiu pesadamente em todas formas de entretenimento, que estavam exclusivamente nas mãos do Estado, a justificativa desse investimento era a arte como forma de mobilização social, vinculando o povo com o regime, estendendo o controle para a esfera pública e privada, ou seja, não existia vida privada no socialismo, a primazia é defender o coletivo em primeiro lugar, abdicando da vida privada das pessoas. Dando a função de construir o indivíduo socialista, formando uma mobilização para a cultura. Assim construir o socialismo.

A propaganda política no geral que é empregada no Totalitarismo teve certos princípios comuns, dentre eles, a simplificação do inimigo único, ou seja, “construir

³⁷ Dentro do cientificismo, existe o positivismo, behaviorismo e o pragmatismo que possuem o ponto em comum: empregam uma metodologia científica, isto é, Observar um problema, criar a hipótese, realizar experimentos para comprovar/refutar sua hipótese e generaliza-la. Hoje todo o conhecimento produzido para ser reconhecido deve passar por esta metodologia, porém é bem aplicada quando se estuda as ciências naturais como a física, química e biologia, mas tendo desafios de aplica-la nas ciências sociais porque é impossível generalizar o comportamento humano.

uma verdade” sobre o inimigo único e bem distinguível (no nazismo: Os Judeus) e deste “inimigo” são formuladas frases simples exortando a união dos cidadãos para combatê-lo. Temos a Lei de ampliação e desfiguração onde exageram ou amenizam os fatos de acordo com o interesse, por exemplo, nas notícias exagerava-se os fatos ao retratar “os inimigos” e amenizavam os “erros que os dirigentes” cometiam, este tipo de técnica é muito empregada em todos os tipos de propaganda.

A lei de orquestração, que simplesmente é a repetição “da verdade” que deseja incutir na mente da população alvo até que ela seja aceita como “uma verdade incontestável”, o maior exemplo desta técnica está na frase de Goebbels³⁸ afirmava: “Uma mentira repetida mil vezes dita se torna-se verdade”.

Lei de Transusão que é a exploração da propaganda sobre o sentimento coletivo e o senso comum dos grupos alvos, por exemplo, a exploração da propaganda nazista sobre o sentimento da maioria dos alemães em relação a derrota na Primeira Guerra Mundial, ou no caso dos Bolcheviques durante o reinado de Nicolau II, o governo provisório prometia oferecer o que a maioria dos russos desejavam: “paz, pão e terra”. Outra ferramenta Totalitária muito usada era a contrapropaganda, que procuravam revelar “as mentiras” vindas dos países estrangeiros e principalmente de agentes e países inimigos, por exemplo, todos os países beligerantes da II Guerra Mundial dedicavam considerável esforço na propaganda criando “um pequeno front” com conteúdo para desmoralizar o inimigo, proteger e manter o moral dos civis elevado, para que apoiassem seus países na guerra (DOMENACH apud ZARDO, 2010, pp. 37-40).

Na Alemanha, os nazistas tinham controle praticamente total sobre as comunicações, do cinema ao rádio, subordinando todos os produtores de conteúdo e funcionários aos sete órgãos da Câmara de Cultura comandada por Goebbels. Da literatura, música, cinema, teatro, belas artes, imprensa e rádio com poderes para contratar e demitir qualquer um, além de serem os únicos financiadores para a produção de filmes, controlavam e dificultavam a importação de filmes estrangeiros. E também subsidiaram fabricantes de aparelhos de rádio a fim de tornar um produto barato, os receptores do povo (*Volksempfänger*): custando 76 *Reichmarks* e uma versão menor por 35 *Reichmarks*, correspondem a um salário semanal de um operário, o resultado que no

³⁸ Goebbels era ministro da propaganda e confidente de Hitler.

ano de 1939 mais de 70% das casas alemãs tinham um rádio, ou seja, até pessoas do interior agora sofreriam da influência constante das propagandas nazistas³⁹.

Mas, assim como no cinema, Goebbels sabia que no rádio as pessoas também não iam tolerar uma dieta de propaganda ininterrupta. Já em maio de 1933, ele começou a recusar solicitações de chefes do Partido Nazista ávidos por ouvir suas vozes no rádio e limitou as transmissões de discursos políticos a duas por mês. O rádio, afirmava o ministro da Propaganda, tinha que ser imaginativo, moderno, atual. “A primeira lei”, disse ele aos gerentes de rádio em 25 de março de 1933: “Não se tornem chatos!”. Não deveriam encher a programação de música marcial e discursos patrióticos. Tinha que usar a imaginação. O rádio poderia colocar o povo inteiro a favor do regime (...) Em 1º de maio de 1934, as transmissões dos festejos do Dia do Trabalho, com discursos, canções, marchas e o restante, ocuparam nada menos que 17 horas do tempo das rádios. Não é de espantar que houvesse relatórios de que os ouvintes estavam se entediando diante de tais excessos e ouvindo estações de rádio estrangeiras quando conseguiam (...) De 1932 a 1939, a proporção do tempo dedicado à música cresceu de modo constante. Em 1939, as horas totais de transmissão dedicada a “literatura” e “falas” havia sido reduzida para cerca de 7%; dois terços do período de transmissão agora eram ocupados por música, sendo sete-oitavos dela popular e não clássica. Particularmente bem-sucedidos eram os concertos regulares a pedidos, introduzidos em 1936 e contendo canções de sucesso e música de entretenimento cujo estilo no geral permaneceu inalterado em relação aos anos de Weimar. Mas alguns ainda reclamavam que até mesmo a música era chata, e sentiam falta dos programas de rádio muito populares da época República de Weimar⁴⁴. Conforme reclamava o Serviço de Segurança da SS em 1938, a “insatisfação dos ouvintes de rádio” era demonstrada pelo fato de que “quase todos os tipos de ouvintes de rádio alemães... hoje em dia ouvem regularmente, como faziam antes, transmissões de estações estrangeiras em língua alemã” (EVANS,2012, p. 179-178)

4.5. O Totalitarismo na questão familiar: o papel da mulher na sociedade e na formação da “família ideal”

Na questão familiar, as mulheres soviéticas ideais, já no período de 1930, foram relegando o tratamento de igualdade com homens na revolução, tendo seu papel voltado as funções domésticas, prover apoio moral e emocional aos maridos trabalhadores que construiriam o socialismo. A propaganda mostrava que o maior dever seria cuidar de seus filhos. Leis começaram a aparecer sobre a família, onde em nome da família nuclear (marido, esposa e filhos). Divórcios se tornaram mais difíceis, aborto e o abandono dos homens a suas famílias passaram a ser criminalizados (SUNY,2009, p..209).

A mudança de perspectiva em relação as mulheres e a construção familiar a partir de 1934-5 foi resultado da destruição demográfica causada pelo processo de

³⁹ Também existia a Hora da Nação, quando conteúdo governamental era difundido em todas as estações de rádio durante as 7 até as 8 horas.

industrialização, que afetou a imensa maioria da população soviética, como a fome⁴⁰, migrações dentro dos Estados soviéticos, êxodo rural e os expurgos.

Somado ao aumento de abortos, porque as mulheres com salários baixos e vítimas do racionamento de alimentos, eram incapazes de cuidar de muitos filhos e também ocorriam muitos divórcios. No entanto, havia uma proporção menor que a de casamentos e a declinação da taxa de natalidade, por isso implantaram a propaganda Pró-familiar, mas como não possível reverter a tendência, o governo começou a criar decretos proibindo aborto, porém, existiam exceções como risco de morte da mãe e também dificultaram a separação de casais colocando taxas que aumentariam de acordo com as vezes que a pessoa se divorciava⁴¹.

Não sendo muito diferente em relação as questões familiares na URSS em certos pontos como o número de filhos, os nazistas se preocupavam com a taxa de natalidade que decrescia desde o início do século XX, temendo que ao longo prazo, a população envelhecesse não tendo mais jovens para servir nas forças armadas. Para que isso não ocorresse, além de dificultar o aborto⁴² “para os arianos” o nazismo procurou eliminar as “causas da baixa fertilidade”, dentre elas, extinguindo grupos feministas, tirando serviço de previdência para as mulheres, incentivando as mulheres a terem mais filhos. Por exemplo, as mulheres que tinham certo número de filhos eram condecoradas com a Cruz de Honra das Mães, quem tivesse 4 filhos recebia cruz de bronze, 6 filhos cruz de prata e 8 cruz de ouro usufruindo de certos privilégios, como passar na frente nas filas de armazéns e premiações em dinheiro, prioridade na educação, moradia e vantagens de trabalho, dedução fiscal, uniformes grátis, redução nas contas de eletricidade, gás e água. Quem pagava toda essa conta eram solteiros e casais sem filhos fornecendo mais incentivo para terem mais filhos⁴³.

⁴⁰ Há debates sobre quantos cidadãos da União Soviética morreram de fome durante o processo de industrialização por meio da coletivização a agricultura (exterminando a propriedade privada que tinha sido permitido durante a NEP), mas somente na Ucrânia uma região que era grande produtora de grãos, morrera de 1 milhão a 10 milhões de pessoas devido a fome. Episódio com características de genocídio é conhecido como Holodomor.

⁴¹ As novas taxas para o divórcio ficaram: 50 rublos para o primeiro divórcio, 150 rublos se fosse pela segunda vez e 300 rublos para quem se divorciava pela terceira vez, deve-se ter em mente que o salário de um policial raso no início da década de 30 era de apenas 60 rublos mensais.

⁴² A exceção do aborto era para problemas de saúde (para as arianas), mas foi comum os nazistas realizarem abortos forçados, isto é, contra a própria vontade das mulheres consideradas pelos nazistas como “raças inferiores”.

⁴³ Em nome do nascimento de bebês saudáveis e da “raça pura” não importando se vinham de mães casadas ou não, Himmler criou um programa para abrigar essas mães e assim que dessem a luz, entregavam os bebês para os cuidados da organização, o programa se chamava Lebensborn- Fonte da Vida, no total 8 000 crianças nasceram nesse programa.

No entanto, as medidas tiveram poucos resultados devido ao custo de vida para uma família com um ou dois filhos eram altos demais, lembrando que fazia poucos anos que os alemães haviam passado pela Depressão, mas a taxa de natalidade se manteve. E os divórcios foram permitidos em casos como quando o cônjuge era infértil ou quando se recusava ter filhos.

Em nome da “pureza racial” dos arianos⁴⁴ os nazistas criaram leis “de proteção racial”, pessoas consideradas inferiores que tivessem relações sexuais com “arianos” eram severamente punidos, proibiam casamentos entre alemães com pessoas rotuladas como “raça inferior”, além de criarem programas de esterilização forçada contra deficientes, prática comum em outros países como Suécia, Dinamarca e EUA, sendo que este último possuía leis contra casamentos inter-raciais. A diferença é que os nazistas enquadravam até pessoas sem nenhuma deficiência como andarilhos, prostitutas e bandidos reincidentes, ao ponto que a partir de 1939, começo da guerra, os nazistas passaram a assassinar seus deficientes⁴⁵.

4.6. Estado de vigilância constante

Para um Estado ser considerado totalitário além de controlar todos os aspectos da vida dos cidadãos, seu poder se encontrava nas forças policiais.

Os nazistas contavam com várias forças policiais diferentes, sendo todas elas controladas por uma organização, por exemplo, a Gestapo abreviação da *Geheime Staatspolizei*- Polícia secreta do Estado) que foi fundada em 1933 era uma subdivisão da SD abreviação da *Sicherheitsdienst*- Serviço de segurança administrada pelas SS⁴⁶ e comandada pelo Heinrich Himmler. A única diferença é que a primeira por ser secreta, não possuía um uniforme, que operava ao lado da polícia criminal alemã, com suas funções voltadas apenas a crimes comuns, a *Kripo*.

⁴⁴ Arianos seriam o nome dado pela “raça pura” que os nazistas desejavam, que deviam dotar aptidões físicas e livre dos “sanguês impuros” como judeus, eslavos pessoas com deficiência física e mental hereditária. Este era um dos maiores objetivos do nazismo, e a causa de vários crimes contra a humanidade.

⁴⁵ O programa de extermínio de deficientes promovido pelos nazistas, o Aktion 4, serviu como “testes” para o emprego de novos métodos para execução do número máximo de pessoas com o mínimo de pessoas envolvidas surgindo as primeiras câmaras de gás e deste programa adquiriram experiência para o extermínio em massa em escala industrial que começaria a partir de 1942.

⁴⁶ As SS são uma abreviação da palavra Tropa de Proteção em alemão, Schutzstaffel, surgiram com o objetivo de proteger Hitler e autoridades importantes do partido, desde o início fora comandada pelo Heinrich Himmler mas ascendeu como tropa de elite nazista. No início para ser aceito na SS os subalternos (soldados, sargentos, cabos) deveria comprovar “sangue puro” de origem alemã desde 1800, para os oficiais era necessário comprovar descendência germânica desde 1700. De sua organização saíram os infames guardas de campos de extermínio, esquadrões de extermínio e como exército regular cometeram atrocidades como execução de prisioneiros de guerra.

A Gestapo usava dos mecanismos que a polícia criminal possuía: a “custódia protetiva” que dava poderes para prender e manter criminosos, antes de seus julgamentos. Esse mecanismo existia desde o início de 1933, quando a polícia fazia prisões preventivas a comunistas, ou seja, a Gestapo mantinha e enviava qualquer cidadão para campos de concentração e o mantinha lá por tempo indeterminado tendo o poder também sobre quanto tempo uma pessoa permanecia confinada. No caso, as ordens de detenção tinham que ser renovadas a cada três meses. No entanto, os mínimos direitos dos detentos foram extintos, e assim como a polícia, que tinha o poder sobre prolongar ou não a prisão da pessoa, as decisões eram tomadas em segredo, sem direito a defesa e o prisioneiro sequer tinha permissão de estar nestas reuniões, além de prender de novo, homens e mulheres que acabaram de cumprir pena.

Ao contrário das outras instituições policiais alemãs, a Gestapo não se amparava em legitimidade legal de regimes liberais, mudando seus princípios como: nenhuma punição sem base na lei pelo nenhum crime sem punição, destruição da equidade perante a lei por “valores raciais” e “interesses da comunidade”, os nazistas demonstravam para a população como as leis liberais do período de Weimar eram “fracas” no combate ao crime.

Os alvos das forças policiais nazistas além de combater os que os nazistas chamam “elementos da raça inferior”, “maus elementos” da sociedade alemã, como mendigos, prostitutas, homossexuais, alcoólatras e também caçavam qualquer opositor.

De acordo com o ponto de vista do Ministro do Reich Hans Frank, era impensável para a polícia estar restrita somente para manutenção da lei e da ordem. Ele disse que esses conceitos costumavam ser considerada livre de valores e neutra, mas na ditadura de Hitler, “neutralidade filosófica não existe mais”, isto é, apoiar ou militar por qualquer outra visão política além do Nazismo era um crime. Para a nova polícia, a prioridade era ‘a proteção e o avanço da comunidade do povo’, e as contra medidas policiais foram justificadas contra toda “agitação” contrária ao povo, e teve de “sufocá-los”. A polícia poderia tomar quaisquer medidas necessárias, incluindo a invasão da casa e do lar, “porque não existe mais uma esfera privada, na qual o indivíduo é autorizado a trabalhar sem ser molestado pela destruição da base da vida da comunidade nacional-socialista” (GELLATELY, 2001, p. 35).

O sucesso da Gestapo como polícia “onisciente”⁴⁷ contava com a colaboração ou a aceitação da população alemã, vendo a necessidade de criar uma nova imagem de uma

⁴⁷ Uma das maiores e bem mais eficiente polícia secreta da história foi a sucessora da Gestapo: a *Ministerium für Staatssicherheit*, Ministério para a segurança do Estado em alemão, ou Stasi atuando na parte socialista da Alemanha após a guerra com o nome oficial de República Democrática Alemã ou Alemanha Oriental que contava com uma gigante rede de informantes, na época que o muro caiu em 1989, existiam 173 mil informantes, 97 mil agentes funcionários para controlar toda a população de 17 milhões de pessoas.

nova polícia que ajudava e era “amiga” do povo alemão, foi criado um programa de promoção da boa imagem da polícia para a população, com campanhas faziam para a coleta de dinheiro para a caridade, criação do dia e depois da semana da polícia alemã, sempre em dezembro, além do trabalho de propaganda constante sobre o profissionalismo, a erradicação dos “maus elementos” e a proteção eficiente do povo alemão.

O que a maioria da população não sabia era o fato de que a Gestapo sofria com a falta de recursos, raramente tinha escritórios físicos em cidades com menos de 10 000 habitantes e seus agentes eram apenas dezenas atuando em regiões com centenas de milhares de pessoas. Mas o seu secretismo gerava os efeitos desejados: além da reputação e rumores de brutalidade com seus cativos além da maioria da população alemã da época acreditava que estava sendo vigiada pela Gestapo e isoladas devido ao fato de nunca confiar nem em amigos e/ou parentes.

Tabela 3: As causas para o início de investigações da Gestapo na região de Dusseldorf de 1933-1944

| CAUSES FOR THE INITIATION OF A PROCEEDING WITH THE GESTAPO-DUSSELDORF, 1933–44 | | |
|---|------------|------------|
| | Number | % |
| 1 Reports from the population | 213 | 26 |
| 2 Information from other control organizations | 139 | 17 |
| 3 Own observations of Stapo-Dusseldorf, confidential agents | 127 | 15 |
| 4 Information via communal or state authorities | 57 | 7 |
| 5 Statements at interrogations | 110 | 13 |
| 6 Information from businesses | 24 | 3 |
| 7 Information via NS organizations | 52 | 6 |
| 8 No information | 103 | 13 |
| Total | 825 | 100 |

SOURCE —Reinhard Mann, “Politische Penetration und gesellschaftliche Reaktion Anzeigen zur Gestapo im nationalsozialistischen Deutschland” (Vortrag, April 1979, 19 Deutscher Soziologen Tag Berlin), p 246

Fonte: GELLATELY, 1988, p. 662

Era comum durante todo o III Reich, cidadãos comuns denunciarem amigos⁴⁸, vizinhos, patrões, empregados, até amantes. Os membros da Juventude Hitlerista eram

⁴⁸ Na Coreia do Norte, o governo incentiva e coage a população a denunciar crimes contra o Estado, como ter negócios privados, atravessar a fronteira em busca de comida, cobrar por serviços como reparo

incentivados a denunciar crimes de seus parentes e amigos para Gestapo e outras organizações policiais. E os dados demonstram que a Gestapo contou com a colaboração de uma fatia importante da população alemã, mas o problema era que não era difícil o informante se enganar com situações e pessoas, por motivos egoístas, faziam denúncias falsas para a Gestapo que mais tarde seria provada como acusação infundada

O primeiro expurgo feito pelos nazistas foi contra os opositores políticos do regime, isto é, membros de outros partidos como os sociais democratas, comunistas, sindicalistas. O segundo expurgo foi contra os camisas pardas, a SA⁴⁹, quando assassinaram e prenderam seus membros mais proeminentes durante a noite das facas longas. Depois de consolidados no poder começaram a caçar, e com o fim da guerra, exterminar os povos chamados pelos nazistas de “raças inferiores” e minorias por toda a Alemanha e Europa ocupada. O último ocorre no fim da guerra contra os próprios oficiais do exército alemão⁵⁰.

No início do governo de Hitler foram erguidos 70 campos de concentração para comportar o número dos novos presos, a maioria ilegalmente, que seria fechada até 1934. Também contava com números desconhecidos de câmaras de tortura, prisões de pequeno porte e as filiais da SA, essas instalações clandestinas mantinham entorno de 45 mil prisioneiros.

Se a tortura ocorre em completo secretismo e não existe audiência para testemunha-la então é difícil afirmar que constituem em Terrorismo de Estado. Por exemplo, se um indivíduo isoladamente ou grupo de agentes penitenciários ou membros de grupos armados usam tortura secretamente, o fazem para assegurar que ninguém mais tomaria conhecimento dela, não existindo evidências para as autoridades superiores haviam sancionado a tortura, podemos concluir que é mais um ato criminoso de indivíduos ou grupos que um ato de Terrorismo de Estado. Na prática, a maioria das

de bicicletas, geralmente devido a fome dentro dos campos de concentração, detentos denunciavam até seus parentes se estes estivessem planejando uma fuga a fim de receber comida como prêmio, na Coreia do Norte, todos os parentes do criminoso ou desertor é preso e estes são relegados da sociedade norte coreana por gerações. Para saber mais sobre a vida e a sociedade norte coreana antes e durante a grande fome na década de 90 é recomendável ler: DEMICK, Barbara. *Nada a invejar: Vidas comuns na Coreia do Norte*. 1. ed. [S.l.]: Companhia das Letras, 2013. 416 p.

⁴⁹ As SA é uma abreviação da palavra Tropas de Assalto em alemão, o *Sturmabteilung*, eram conhecidos como os camisas pardas, que eram as forças paramilitares do Partido Nazista que faziam paradas e intervinham violentamente em comícios chegando a ter batalhas de rua com outros partidos quando os altos chefes do partido viram a ameaça que o grupo pudesse tomar o poder já tendo mais de 3 milhões de filiados, iniciando o expurgo da Noite das Facas Longas em junho de 1934 quando seus principais líderes como Ernst Röhm foram assassinados pelas SS e a Gestapo e o grupo extinto consolidou o poder de Hitler no poder.

⁵⁰ O último expurgo ocorre após o fracassado atentado contra Hitler em 1944, quando oficiais liderados pelo Coronel Claus von Stauffenberg tentaram assassinar o Führer plantando uma bomba durante uma reunião no bunker toca do lobo. Mais de 200 oficiais foram executados, 2000 oficiais presos e uma das vítimas mais famosas do expurgo foi o General Erwin Rommel.

torturas cometidas por agentes estatais são parte de um padrão mais amplo de repressão do Estado e em muitos casos, terrorismo de Estado. No entanto, é importante fazer essa distinção entre as atividades criminosas por indivíduos, por um lado, e o terrorismo de Estado, de outro, reservando assim o rótulo de terrorismo de Estado para esses atos que são tolerados em algum nível por parte do Estado (JACKSON, MURPHY, POYNTING, 2010, p. 19)

A tortura é uma das armas do terrorismo de Estado, mas nem todas as formas de tortura são caracterizadas como Terror. Como citado, as SA e as SS que administravam os campos de concentração, câmaras de tortura e prisões no início do governo de Hitler empregavam a tortura “as escondidas”, ou seja desejavam que o mínimo de pessoas possíveis tomasse conhecimento, sabendo que seriam punidos por tais atos, o que de fato se concretizaria. Muitos oficiais, soldados e associados as SS e SA foram acusados pelo judiciário alemão pelo assassinato de seus prisioneiros.

Depois que Himmler demitiu o comandante do campo de concentração de Dachau, em junho de 1933 nomeia Theodor Eicke⁵¹ que criou um código de conduta que influenciaria todos os campos de concentração e extermínio que os nazistas administrariam. A primeira medida de Eicke foi demitir metade do efetivo do campo de Dachau, composto por 120 guardas nomeando substitutos, depois emitiu uma série de regulamentos que além de determinar a conduta que os guardas deveriam tomar eram realmente rigorosas aos prisioneiros, caso falassem de política visando “incitar ou propagar supostas atrocidades”, fosse pego praticando sabotagem, atacassem os guardas, incitasse rebelião ou acusados de insubordinação eram executados. Para infrações menores ocorriam variadas punições, dentre elas, preso na solitária, redução da alimentação para apenas pão e água, golpes de vara, treinamento punitivo, adição de horas de trabalho forçado, ser amarrado a um poste e permanecer lá por horas, retenção das correspondências do detento e por fim o prolongamento da pena. Todas essas normas visavam eliminar a punição individual, ou seja, o guarda decidia sobre como punir o detento sem prestar contas para criar um sistema de proteção aos agentes do campo de serem processados pelo judiciário alemão devido a justificativas para a punição que deviam estar registradas por escrito.

Os guardas eram proibidos de conversar com os detentos e os prisioneiros receberam uniformes, lhes foram dados deveres individuais e obrigações para a

⁵¹ Theodor Eicke fora fundador e comandante da infame divisão SS-Totenkopfverbände. Servindo na Primeira Guerra como tesoureiro, filiando ao partido nazista durante a República de Weimar, entra depois as SS, devido a condenação de 2 anos por preparar ataques a bomba fugiu para a Itália e lá administrou um campo de refugiados. Morreria em 1943 durante a 3ª batalha de Kharkov, na frente oriental.

manutenção do campo e os trabalhos que fariam fora do campo, além de instalarem alojamento médico e melhorias em relação ao sistema sanitário. Eicke também distribuiu novas insígnias para que os agentes colocassem no colarinho: o crânio humano, símbolo que representava a severidade de Eicke sobre seus prisioneiros, a insígnia seria adotada por uma divisão que administraria os campos de concentração que seria separada do restante das SS a partir de 1934 que se tornaria infame⁵².

(...) Também foram introduzidos detalhes sobre a atividade fora do campo, que consistia basicamente de trabalho físico duro e ininterrupto [para os prisioneiros]. Eicke estabeleceu uma divisão sistemática e hierárquica do trabalho entre a equipe, e distribuiu insígnias especiais a serem usadas pelos guardas no colarinho: a cabeça de caveira pela qual a divisão de campos de concentração da SS, que recebeu uma identidade separada depois de 1934, em breve seria conhecida⁵³ (...) Höss⁵⁴, um ex-detento de prisão estatal, mais tarde escreveu que a maior parte dos reclusos considerava a incerteza quanto à duração da sentença o aspecto psicológico mais penoso de tolerar. Enquanto um infrator sentenciado a uma pena na prisão sabia quando iria sair, a soltura de um campo de concentração era determinada pelos caprichos de uma junta de inspeção trimestral e podia ser retardada pela intenção maldosa de qualquer guarda da SS (...) A atmosfera de ódio era total. Höss, como muitos outros guardas da SS, acreditava que ali havia dois mundos em luta, comunistas e social-democratas de um lado e a SS do outro (...) A sistematização de Eicke do regime do campo de concentração tornou-se a base para todos os campos pela Alemanha. (EVANS, 2012, pp. 114-116).

Os resultados das reformas em Dachau acabaram por impressionar Himmler, que em troca promoveu Eicke a inspetor dos campos de concentração do Reich tornando o regime draconiano de Dachau em referência e base para todos campos de concentração da Alemanha até 1945.

A Rússia de 1917-1924 e a URSS tiveram várias polícias secretas com funções de “caçar sabotadores, espiões e inimigos da revolução”, ou seja com as mesmas funções e semelhanças da Gestapo, provocaram o terror em todas as camadas da população soviética, do camponês a elite do partido. Dentre elas, a Checka substituída pela NKVD e depois a KGB, mas devido a maioria das fontes estarem em russo, a repressão aqui será retratada pelos infames *Gulags*, campos de detenção espalhados por toda URSS.

⁵² A divisão é a SS-Totenkopfverbände e sua abreviatura é SS-TV, era uma divisão independente que seria responsável pela administração de todos os campos de concentração e extermínio nazista. Com o símbolo da caveira no lado direito do colar (não no quepe como todo membro das SS usavam).

⁵³ A divisão é a SS-Totenkopfverbände e sua abreviatura é SS-TV, era uma divisão independente que seria responsável pela administração de todos os campos de concentração e extermínio nazista. Com o símbolo da caveira no lado direito do colar (não no quepe como todo membro das SS usavam).

⁵⁴ Rudolf Höss, não deve se confundir com Rudolf Hess foi oficial das SS que logo comandaria os campos de Auschwitz seria condenado nos Julgamento de Nuremberg por crimes contra a humanidade sendo enforcado em 1947 dentro de Auschwitz I.

Gulag é um acrônimo de *Glavnoe Upravlenie Lagerei* ou “Administração Central dos Campos” em russo, virando um sinônimo para todo o sistema prisional, dos campos de concentração, campos de trânsito, campos criminais, políticos, femininos e até campos infantis e deles saíram a mão de obra escrava para a construção da infraestrutura soviética, incluindo obras de grande porte⁵⁵ que “demonstravam a grandiosidade e o sucesso dos socialistas em construir uma nação avançada” como os canais do Mar Branco para o mar Báltico, o canal do Rio Moscou com o Rio Volga e de várias estradas, pontes e usinas hidrelétricas à custa de milhares de mortos.

Mapa 1. Localização de todos Gulags na URSS (1917-1991)



Fonte (Hosford, Kachurin, Lamont)

Espalhando-se por toda a URSS, dois tipos de prisioneiros eram enviados para esses campos⁵⁶: o primeiro era de criminosos comuns, de assassinos e estupradores a pessoas que eram punidas por chegar atrasado no trabalho ou roubar comida para alimentar a família. Na hierarquia de dentro do Gulag esses criminosos comandavam,

⁵⁵ Dentre estas obras tivemos o canal de 128 Km entre o Rio Moscou e o Volga, com o objetivo de trazer água potável para a população crescente na capital e movimentar mercadorias pesadas. Sua construção contou com mão de obra escrava com equipamentos rudimentares e caseiros como pás e picaretas.

Outra grande obra foi o Canal do Mar Branco com o Mar Báltico com mais de 227 Km, mas devido ao canal ser bem raso e estreito navios com alto calado (profundidade no qual é a distância entre a parte mais baixa do casco submerso com a linha da água) e submarinos eram incapazes de atravessá-la, servindo apenas como propaganda para o regime.

⁵⁶ A máquina de repressão de Stalin contava também o uso de hospitais psiquiátricos como prisões, execuções, “desaparecimentos” e com a deportação em massa de etnias inteiras para as regiões remotas como a Sibéria, por exemplo, mais de 2 milhões de *kulaks*, fazendeiros que tinham propriedade que por se recusarem a entregar sua produção de grãos ao Estado eram deportados, presos ou simplesmente fuzilados.

geralmente pela violência e coerção todos os outros detentos. O segundo tipo de prisioneiros era os “criminosos políticos”, pessoas que por algum motivo “cometiam crime contra o Estado e o povo soviético”, além de familiares de “traidores”, que também eram presos. Depois, de 1938 até 1953, com a administração da NKVD nas mãos do Lavrenty Beria, que ao assumir reformou o sistema dos Gulags, dentre as reformas criou os campos “*Sharashka*”, campos prisionais com laboratórios especiais para pesquisa, onde todos os técnicos e cientistas presos eram levados para desenvolver novas tecnologias para a URSS.

Mapa 2- Correlação dos campos e recursos naturais.



Fonte: (Hosford, Kachurin, Lamont)

Os Gulags existiam desde o governo de Lenin, mas Stalin os empregou como mecanismo de controle de todos os soviéticos. Em 1929, Stalin começou a usar os prisioneiros dos campos como uma mão de obra “gratuita” para a construção das grandes obras⁵⁷, cultivo e a extração de minérios e madeira nas regiões mais remotas das Republicas Soviéticas do círculo Polar Ártico aos desertos no Cazaquistão, nos subúrbios de Moscou e Leningrado até o Extremo Oriente, a participação dos prisioneiros como mão de obra escrava giravam a economia soviética.

As diferenças entre os campos de concentração dos nazistas com os Gulags eram suas finalidades, os campos nazistas procuravam apenas exterminar os “povos inferiores” principalmente os judeus e os Gulags eram armas de controle político na

⁵⁷ Dentre grandes obras urbanas, existem as “Sete Irmãs de Stalin” ou os “Arranha céus de Stalin” que são sete arranha céus construídos nas margens do rio Moscou durante 1947-1953, com prédios alcançando entre 130- 240 metros de altura, parte de sua mão de obra veio dos Gulags e até entre prisioneiros de guerra alemães.

forma de conter criminosos políticos junto com as “etnias hostis” como poloneses e ucranianos e se o prisioneiro milagrosamente sobrevivesse no campo cumprindo suas sentenças eram soltos, contrariando dos campos nazistas.

As condições de vida num Gulag eram terríveis toda a rotina dependia o foco econômico e o tipo de campo, mas a carga horária do trabalho variava de 10 a 12 horas por dia e a alimentação era pouco nutritiva e de baixa qualidade e que o prisioneiro recebia de acordo com o cumprimento de sua cota⁵⁸. Contudo, raramente a alcançavam e sequer ultrapassavam, o equipamento que o detento recebia era sempre rudimentar como serras caseiras, pás ou picaretas, ou seja, sem nenhum equipamento elétrico para trabalho manual pesado. Raramente existia dia de folga no campo independente do clima, nem as temperaturas de dezenas de graus negativos típicos na região Siberiana sendo que os detentos sequer recebiam roupas adequadas para o inverno fazendo com que muitos morressem literalmente congelados ou a temperaturas abrasivas nas regiões desérticas da Ásia Central.

As condições de higiene nos Gulags variavam de acordo com sua infraestrutura, mas geralmente tinham péssimas condições sanitárias, os prisioneiros apinhados em quartos pequenos com poucas camas não contavam com banheiros, raramente tomavam banho e lavavam suas roupas, sendo assim. Se a pessoa não morresse congelada, morreria por doenças como disenteria, de fome, exaustão ou acidente no trabalho ou assassinadas pelos outros prisioneiros ou baleadas pelos guardas.

A população carcerária nos Gulags variava, durante certos períodos ocorreram anistias de presos como durante a Segunda Guerra Mundial (1941-1944), onde mais de 900 000 pessoas foram anistiadas para servir no Exército Vermelho, já quando Stalin morrera em 1953, mais de 2. 468. 524 pessoas estavam presas e quando Kruschev passou a comandar a URSS anistiou mais de 1 milhão delas. Prisioneiros que tiveram punições menores que 5 anos, mulheres grávidas ou com filhos e todos os menores de 18 anos, entretanto os Gulags só seriam desativados com a extinção da URSS em 1991 (HOSFORD, KACHURIN, LAMONT, p. 3).

Para o nosso contexto, são mais importantes os acontecimentos da União Soviética, especialmente depois de 1948 — o ano da misteriosa morte de Zhdanov e do processo de Leningrado. Pela primeira vez depois do Grande Expurgo, Stálin mandou executar grande número de altos e altíssimos funcionários, e sabemos sem sombra de dúvida que isso foi planejado como início de outro expurgo de dimensões nacionais. Este

⁵⁸ As ditas Cotas eram metas estabelecidas pelos planejadores econômicos soviéticos por todo trabalho, nos Gulags não eram diferentes, cotas eram números previamente fixada de quilos de algodão colhido ou madeira cortada por dia que cada prisioneiro deveria bater, caso se por milagre o prisioneiro atingisse regularmente muito acima das cotas eram soltos antes de cumprir a pena no Gulag.

teria sido deflagrado pela “conspiração dos médicos”, se a morte de Stálin não viesse antes. Um grupo de médicos, a maioria dos quais judeus, foi acusado de haver tramado “eliminar os escalões superiores da urss”. Tudo o que sucedeu na Rússia entre 1948 e janeiro de 1953, quando a “conspiração dos médicos” estava sendo “descoberta”, tinha uma notável e ominosa semelhança com os preparos do Grande Expurgo dos anos 30: a morte de Zhdanov e o expurgo de Leningrado correspondiam à não menos misteriosa morte de Kirov em 1934, que foi imediatamente seguida de uma espécie de expurgo preparatório “de todos os antigos opositores que ainda existiam no Partido”. Além do mais, o próprio conteúdo da absurda acusação contra os médicos — que iriam matar pessoas em posição de destaque em todo o país — deve ter enchido de temerosos presságios todos os que conheciam o método de Stálin, de acusar um inimigo fictício do crime que ele mesmo ia cometer. (O melhor exemplo conhecido é, naturalmente, a acusação de que Tukhachévski conspirava junto com a Alemanha, no próprio momento em que Stálin pensava em aliar-se aos nazistas.) É claro que, em 1952, o séquito de Stálin conhecia muito melhor o real significado de suas palavras do que nos anos 30, e o próprio fraseado da acusação deve ter semeado o pânico entre todos os altos funcionários do regime. Esse pânico pode ainda ter sido a explicação mais plausível da morte de Stálin, das misteriosas circunstâncias em que ocorreu e do rápido cerrar de fileiras nos altos escalões do partido, notoriamente minado por conflitos e intrigas, durante os primeiros meses da crise de sucessão. Por menos que conheçamos os detalhes da história, sabemos mais do que o suficiente para confirmar a minha convicção original, de que “operações de desmonte” como o Grande Expurgo não eram episódios isolados, não eram excessos do regime motivados por circunstâncias raras, mas constituíam uma instituição do terror e deviam ser esperadas a intervalos regulares — a não ser, naturalmente, que mudasse a própria natureza do regime (ARENDDT, 2009, p. 275-276).

Stalin havia promovido três grandes expurgos: nos anos de 1930-33 durante a “deskulakização” caçando camponeses que recusavam se juntar as cooperativas agrícolas ou fazendas estatais e quaisquer cidadãos que se opusessem as políticas de industrialização seja eles camponeses ou cidadãos. O segundo expurgo e conhecido como O Grande Terror, foi em 1937-1938 e o terceiro em 1939-1941. As forças armadas sofreram o mesmo destino, assim que Stalin assinara o pacto de não agressão com Hitler, começou a caçar oficiais das forças armadas russas⁵⁹. O quarto expurgo se iniciaria com a “conspiração dos médicos” que não ocorreu devido a morte de Stalin em 1953

Com a morte de Stalin no ano de 1953, terminaria o período de grandes expurgos grande terror, mas somente em 1991 com a dissolução da URSS que colocaria fim ao regime totalitário soviético.

Em relação aos Fascistas, o regime entrara em decadência a partir de 1943, durante a Segunda Guerra Mundial, quando as forças aliadas⁶⁰ invadiram a Sicília,

⁵⁹ O expurgo de oficiais do Exército Vermelho teve os seguintes resultados: 3 marechais (de 5), 8 almirantes, 14 comandantes do exército (de 16), de 9 a cada 10 comandantes de regimento, 35 mil oficiais (de 80 mil) foram executados sob a acusação de sabotagem ou traição. Muitos desses oficiais eram veteranos do exército vermelho do período da guerra civil e muitos desses oficiais eram modernistas e extremamente competentes que buscavam rearmar as forças armadas seguindo as exigências da guerra moderna, o expurgo foi a principal causa das imensas perdas do exército soviético durante a invasão alemã a URSS em 1941.

⁶⁰ As forças aliadas eram compostas pelas forças que combateram o Eixo durante a II Guerra Mundial, os maiores países eram EUA, URSS, Inglaterra e a partir de 1943, o Brasil participaria ao lado dos Aliados

fazendo com que o legislativo italiano demitisse Mussolini do cargo de primeiro ministro e por ordem do rei Vitor Emanuel III fora preso, mas Mussolini seria libertado devido a operação de resgate ordenada por Hitler. Depois de liberto passou a governar um Estado Fantoche na parte ocupada pelos alemães no norte da Itália até quando foi capturado enquanto tentava fugir para a Suíça sendo morto junto com sua amante e outros líderes fascistas pela Resistencia Italiana, quando seus corpos foram levados para Milão e expostos publicamente a multidão furiosa atacaram os corpos ao ponto de desfigurar completamente o rosto de Mussolini.

O regime Nazista caiu em 1945, ao final da Segunda Guerra Mundial, quando Hitler e sua esposa Eva Braum cometem suicídio dentro do bunker da Chancelaria alemã em Berlim, quando o exército vermelho já estava se aproximando, tendo conhecimento do destino de Mussolini, que morrera dois dias antes, Hitler ordena aos seus mais leais seguidores que queime seu corpo e de Eva Braum, uma semana mais tarde, no dia 8 de maio de 1945 a Alemanha capitula terminando na Europa a Segunda Guerra Mundial⁶¹

O número de vítimas nos três regimes é discutido até hoje, por exemplo, historiadores debatem sobre quantos judeus morreram pelas políticas de extermínio da Alemanha Nazista, que rondam entorno de 6 milhões de pessoas e sobre quantos ucranianos morreram durante o Holodomor, mas expectativas giram entorno de 1 milhão a 10 milhões de vítimas. Terrorismo de Estado encarnado pelo exemplo mais extremo que foram os regimes Totalitários durante o século XX foram os que fizeram mais vítimas que o terrorismo vindo de grupos.

“No termo de vítimas, terrorismo top-down (Terrorismo de Estado) tomou uma contagem muito maior que sua contraparte bottom-up (Terrorismo de grupos)” (CHALIAND; BLIN, 2003, p.6, tradução nossa).

⁶¹ A guerra terminaria de fato quando o Japão assinara o acordo de paz após os ataques a bomba atômica em Hiroshima e Nagasaki em agosto de 1945

5 Terrorismo na atualidade

5.1. ETA, IRA e os atentados.

Durante o final da década de 60 e 70, grupos de independência que em nome da soberania de seus “compatriotas” que havia sido reprimida pelos governantes da região por anos, recorreram ao emprego sistemático de atos terroristas e muitos delas resultaram em atos extremamente sangrentas o ponto interessante de certos grupos é que não surgiram necessariamente em países com economias frágeis, mas em países industrializados, por exemplo, foram o ETA na Espanha e o IRA na Irlanda

5.2. ETA (*Euskadi ta Askatasuna*), grupo de independência ou separatista Basco.

O país Basco foi um país independente desde a Idade Média, mas no século XIX, foi dividido entre a França e Espanha, hoje, situa-se nas províncias espanholas de Vizcaya, Guipúzcoa, Alava, e a região autônoma de Navarra e nos Departamentos franceses de Labourd, Basse-Navarra e Soule, sendo uma região bem industrializada devido a abundância de ferro, a região Basca é próxima a região montanhosa nos Pirineus que forma uma fronteira natural entre a França e Espanha. Sua população posse uma etnia distinta com idioma próprio mais antigo que as línguas latinas: o *Euskera*, neste contexto existe movimentos e grupos que lutam pela independência desde o século XIX, dentre eles temos o *Euskadi Ta Askatasuna* é a palavra basca que significa Pátria Basca e Liberdade o ETA.

Devido à crise econômica de 1929 iniciada nos EUA e conseqüentemente, a recessão mundial a Europa foi a mais afetada permitindo a ascensão de regimes Totalitários como o Nazismo e o Fascismo, este último influenciou a derrubada do governo democrático espanhol pelo movimento fascista mergulhado o país numa guerra civil⁶², no qual, quem saiu vencedor foram os fascistas liderados pelo general Francisco Franco que governou em regime ditatorial de 1939 até 1975.

Terrorismo nacionalista é sobre território, enquanto que o terrorismo revolucionário é sobre mobilização. O terrorismo nacionalista tem aspiração para a criação de um novo Estado no território sob disputa. O terrorismo revolucionário, em contraste, procura incitar uma revolta das massas contra o sistema. Enquanto as exigências dos nacionalistas são negociáveis (existindo a continuidade de possíveis acordos entre a não concessão de território e

⁶² Os nazistas aproveitaram a guerra civil espanhola apoiando as forças de Franco para testar suas novas armas como seus blindados leves e técnicas de guerra, como a guerra móvel e componentes da Guerra Relâmpago onde combinava as forças aéreas, artilharia, blindados, infantaria mecanizada e infantaria a pé que resultaria na queda de países em questões de semanas, muitas vezes, em situação numérica inferior, ou seja, a guerra civil espanhola foi um prelúdio do que viria mais tarde com a II Guerra Mundial como a primeira cidade destruída apenas por ataque aéreo: a cidade basca de Guernica em 1937.

independência), os revolucionários não podem negociar com o Estado, desde que eles querem sua destruição. Mobilização é também importante para as organizações nacionalistas, mas como mero instrumento para assegurar objetivos territoriais. Os terroristas têm ciência de que quanto mais pessoas mobilizarem para clamar autonomia maior ou independência, maior será o poder de barganha com os Estados. Em ordem de forçar o Estado a fazer concessões, os terroristas nacionalistas usam a violência. Violência impõem custos ao Estado. As expectativas é que se os custos forem altos o bastante, o Estado irá optar por abandonar território. Obviamente, os terroristas não conhecem o limiar de resistência do Estado. Eles simplesmente tentam impor o máximo de custos o possível, com o propósito de quebrar a vontade de resistência do Estado (CUENCA, 2008, p.15-16, tradução nossa).

O ETA foi fundado em 1959, tem influência com os ideais marxistas e os movimentos de libertação nacional nos moldes das guerras anticoloniais, o grupo foi uma resposta as hostilidades entre o ditador Francisco Franco e a região Basca bem como sua população remontando desde a Guerra Civil Espanhola. O povo acreditava que Franco tentava elimina-los, devido ao regime reprimir a preservação cultural, os dialetos bascos e retirada da autonomia da região. Nesse regime de repressão surgiram então grupos de nacionalistas e movimentos de independência e o ETA foi o braço armado e era mais violento que outros grupos.

O lema do ETA é “seguir nas duas” ou em Basco “*Bietan Jarrai*” resumindo os dois caminhos que tomariam para atingir seu objetivo, pelos meios pacíficos ou meios políticos onde tentariam fazer acordos, e o outro caminho é o emprego de medidas violentas e pela força ou por meio militar para conquistar seus objetivos.

Dentre os propósitos defendidos pelo ETA se encontram: a) a determinação da nacionalidade a partir da língua *Euskera*, idioma falado na região; b) afinidade política ao ideal socialista; c) e o principal objetivo por eles defendido é a independência do País Basco, nos moldes do Federalismo Europeu, como os países soberanos na Europa adotam atualmente. Até hoje, os separatistas reivindicam a independência total do *Euskal Herria* (País Basco) mesmo tendo certa soberania na região, adquirida com o fim do autoritarismo. (FERNANDES, 2010, p. 2).

O ETA organizou muitas assembleias para desenvolver estratégias para combater a ditadura, porém, o grupo estava dividido: quem deveriam combater, ou quem seriam seus alvos principais, os mais voltados ao marxismo tinham prioridade por derrubar o regime de Franco que pode ser entendido como forma de luta de classes no movimento de revolução por toda a Espanha contra o ditador e os membros mais ligados a campanha de libertação nacional defendiam a luta mais contra toda a Espanha do que contra Franco, sendo bem comum ocorrer debates como o ETA agiria, focando

somente na luta armada ou também usando meios políticos e pacíficos (CUENCA, 2008, p. 6).

Devido aos atentados cometidos pelo grupo mais de 800 pessoas morreram e centenas ficaram feridas sendo considerado pelos EUA e Europa um grupo terrorista, cujo operou nos dois lados da fronteira (Espanha e França), mas com mais intensidade na Espanha.

O grupo faria sua primeira vítima oficialmente em 1968, quando um dos seus líderes Javier Echebarrieta foi parado pela polícia militar espanhola, a *Guardia Civil*, Javier então mata o policial José Pardines e foge, mas horas depois é encontrado pelas forças de segurança e morto, tornando-se o primeiro mártir do ETA, a partir daí, uma longa onda de violência em especial na Espanha nos próximos 40 anos. Em retaliação o grupo mata o comissário de polícia com reputação de torturar prisioneiros políticos Melitón Manzanos, e a partir daí, o Estado espanhol começa uma política de repressão, caçando os membros do ETA, mas Franco falhou ao fazer um julgamento espetáculo contra membros presos acusados de matar Mélon, já que foi um grande golpe de publicidade para o grupo para além da Espanha tornando-se “popular” graças a repressão excessiva. E com o atentado que matou o Almirante Luis Carrero Blanco, promoveu uma imagem dentro da Espanha como um grupo sólido e forte.

Em 1973, o ETA planejou um atentado contra o possível sucessor de Franco e então chefe de governo o Almirante Luís Carrero Blanco com o objetivo de impedir a continuação da ditadura, nomeando de “Operação Ogro”, matando-o em dezembro do mesmo ano quando aproximadamente 75 kg de dinamite que fora plantada embaixo do carro do Almirante explodiu, o curioso é que ficava estacionado sempre no mesmo lugar, ao lado da igreja onde Blanco assistia a missa todas as manhãs, que nunca mudava sua rotina sendo muito fácil para qualquer terrorista, neste caso o ETA premeditar e fazer um ataque com sucesso (SHEPARD, 2002, p.58).

Era comum os membros do ETA fugirem para a parte Basca que a França governava, porque o país vizinho não poderia prender e nem extraditar essas pessoas que cometeram crimes na Espanha por razões de direitos humanos, fazendo da França um refúgio, até o mandato do socialista Felipe González⁶³, quando iniciaram o programa de cooperação com os espanhóis permitindo a extradição dos terroristas

⁶³ Felipe González, do Partido Socialista Operário Espanhol (PSOE) foi eleito para o cargo de Primeiro Ministro quatro mandatos consecutivos, de 1982 até 1996.

O grupo era organizado pelo Comitê Executivo, no qual, não existia um líder definido e nem interagiam com seus militantes, preferencialmente não sendo oficialmente parte do ETA devido à natureza clandestina, as pessoas do Comitê permaneciam na França, cabia ao Comitê decidir a linha estratégica que o grupo seguiria além de administrarem as diferentes seções da organização, dentre eles tinha a parte militar, política, logística e financeira. O esquema de recrutamento entrava em declínio porque enquanto a Espanha era governada sob o regime Totalitário fascista, o povo Basco sofria a repressão e não era permitido nem aderir sua cultura e nem falar seu idioma, por isso, se afiliavam aos movimentos separatistas ou de oposição ao regime, no entanto, quando ocorreu a ascensão do regime democrático e a retirada das proibições e forneceram até autonomia para a região com direito a ter seu sistema tributário, forças de segurança interna e sistema de serviços sociais como educação e saúde, além da violência empregada pelo grupo em si, poucos se alistavam ao ETA, mas era o suficiente para manter a organização em funcionamento. O ETA arrecadava fundos inicialmente por meio de assaltos aos bancos, mas devido aos riscos optaram por outras formas como o sequestro, no entanto continuava sendo imprevisível porque familiares poderiam se recusar a pagar o resgate, de alguma forma a polícia poderia encontrar o local do cativo ou fazia emboscada durante o pagamento de resgate além de gerar muita repercussão negativa entre as pessoas, então o ETA recorreu as extorsões onde exigia dos empresários e lojistas o pagamento da “taxa revolucionária”, prática mais comum entre grupos guerrilheiros do que órgãos terroristas, por necessitar ocupar território.

Em relação as estratégias que o ETA adota, mudara ao longo dos seus 40 anos de atividade, enquanto sob o regime ditatorial franquista, buscaram criar uma rebelião da população contra o regime, neste caso caracterizando mais grupos terroristas revolucionários, mas com a ascensão da democracia, mas a partir de 1978, iniciaram uma estratégia de guerra de atrito com o Estado espanhol, iniciando uma campanha de violência.

As políticas adotadas pela Espanha para combater o grupo foram: banir o braço político do grupo que mudara várias vezes de nome, Herri Batasuna, Euskal Herritarrok e Batasuna, esse banimento ocorria esperando que reduziria a entrada de dinheiro e apoio ao grupo e impedir a representação política. Política de cooperação com a polícia francesa para apreender os líderes (membros do Comitê Executivo), e em 2009 partidos nacionalistas radicais foram banidos do parlamento Basco.

A mudança veio no fato de falta de apoio popular ao grupo, uma delas ocorreu em 1997, quando o ETA sequestrou Miguel Angel Blanco que era o conselheiro local do Partido Popular na região basca, o grupo exigia do governo espanhol a soltura de centenas de prisioneiros para que fossem mantidos na região basca, mas como o governo rejeitou as exigências, Miguel foi encontrado baleado e acabou morrendo no hospital. Em resposta uma manifestação de mais de 6 milhões de pessoas por toda a Espanha exigindo o fim da violência do ETA. No ano seguinte a organização optou por um “cessar fogo”, mas em o governo espanhol recusaria negociar a independência basca e em resposta reiterando que negociaria somente e o grupo renunciasse da violência e o cessar fogo seria violado em 2006 quando um carro bomba explodiu no aeroporto de Madri, matando duas pessoas (BBC, 2006).

A sociedade Basca desde sua autonomia ao final da década de 1970, iniciara um processo generalizado de abandono do emprego da violência política, tornando-se socialmente injustificada e a própria sociedade começa a defender o combate ao terrorismo, as ondas de prisões dos membros mais importantes do ETA, as operações policiais, a divisão interna provocaram o enfraquecimento o braço armado do grupo.

Todo punto final supone un nuevo inicio. El punto final se viene produciendo desde la década de 1990 con un progresivo debilitamiento de la estructura organizativa de ETA, gracias a la eficacia de la lucha antiterrorista, la imposibilidad de mantener operativos sus comandos y líneas de suministro de recursos, las dificultades para mantener la cohesión interna y, sobre todo, el progresivo cuestionamiento de la línea estratégica adoptada cuatro décadas antes en un contexto social y político completamente diferente (TEJERINA, 2015, p.).

Após series de atentados que no total mataram mais de 800 pessoas e feriram mais outras centenas, em 10 de janeiro de 2011, o ETA anunciou o cessar fogo definitivo, abandonando a luta armada para conseguir a independência, finalizando o ciclo de violência do grupo terrorista mais antigo que atuava na Europa. Mas o grupo ainda se nega em se dissolver e entregar as armas como a Espanha e França pede, e desde então, ambos os governos continuam prendendo membros foragidos da organização⁶⁴.

5.3. IRA (Irish Revolutionary Army)

O IRA é uma sigla para a palavra Exército Revolucionário Irlandês em inglês ao contrário do grupo ETA, essa organização terrorista surge num conflito político travestido de religioso e não devido aos fatores étnicos e o anseio de restaurar a cultura

⁶⁴ <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/11/atuado-lider-maximo-da-organizacao-basca-eta-e-detido-na-franca.html>, acesso dia 11 de novembro de 2016.

basca. Atuando na região da Irlanda, região que desde a Reforma e a Contra Reforma, é palco de conflito entre os descendentes de colonos ingleses que tomaram as terras e propriedades dos nativos a maioria deles são protestantes que apoiam a dominação inglesa, e do outro lado os descendentes dos nativos irlandeses de maioria católica que sofreram durante o processo de colonização promovida pela Inglaterra que até hoje gera rivalidade entre os protestantes (os unionistas) e os católicos (os republicanos).

A Irlanda fora ocupada pelos ingleses desde a invasão dos normandos no século XII, mas com a Reforma, os Monarcas ingleses aderiram ao protestantismo, mas os irlandeses continuaram a ser fiéis ao Vaticano (Católicos), então na dinastia Tudor começou a incentivar a colonização da parte nordeste da Irlanda por protestantes. A situação pioraria

Uma série de massacres ocorreram e a imagem de Guilherme de Orange, liderando forças protestante na Batalha do Boyne, em 1690, é utilizada até hoje como um dos mais importantes símbolos dos unionistas/protestantes⁷. Teve-se, como consequência dessa vitória, o fato de que os católicos passaram a ser vistos como traidores e, leis impostas subsequentemente, praticamente impossibilitaram o acesso à educação e a compra de terras sem que estes renunciassem sua religião (GOMIDE apud COOGAN, 2010, p. 16.).

Durante o século XIX, inicia-se movimentos para a criação de uma república irlandesa e o parlamento inglês debatia sobre a implementação da *Home Rule*, permitindo a Irlanda se governar, porém, os Unionistas que preferiam permanecer sob governo inglês surgindo a rivalidade entre os que prefeririam a autonomia e os que eram contra, em 1916 momento que a Inglaterra lutava na Primeira Guerra Mundial ocorreu o primeiro levante, iniciado pelo Irish Volunteers, o partido *Sinn Féin* em gaélico, Nós Mesmos, e o IRB- Irish Republic Brotherhood ou a Irmandade Republicana Irlandesa declararam independência da Irlanda, mas não receberam suporte popular e acabaram sendo rigorosamente reprimidos pelo governo Inglês e essa repressão acabou matando ou prendendo líderes republicanos e inocentes transformando-os em mártires e heróis locais e realçou as diferentes formas que unionistas e republicanos eram tratados pelo governo.

Desencadeando a Guerra Anglo- Irlandesa em 1919, e desta revolta surge o IRA que era o nome oficial dos *Irish Volunteers*, que combateram a estilo de guerrilhas por dois anos, até que devido à pressão dos EUA, o governo inglês e os rebeldes irlandeses assinaram o tratado de paz onde dividiu-se o *Irish Free State*- Estado Irlandês Livre acoplando os condados ao sul da Irlanda e a região restante seria conhecida como Irlanda do Norte.

O Estado Livre recebera autonomia, mas não a independência tendo a maioria da população católica e a Irlanda do Norte tinha os protestantes como maioria que contavam com um parlamento próprio responsável pela administração interna, em nome dos protestantes, criaram leis semelhantes ao *Apartheid* sul africano onde receberiam mais privilégios como empregos e moradias melhores que os católicos. Nos anos 60 os católicos se reuniram em nome da igualdade participando em movimentos dos direitos civis, na época o IRA era fraco e inexpressivo, sem suporte popular dos próprios católicos até que durante manifestações católicas pacíficas Londonderry sendo reprimidas pelo exército inglês, além de serem atacados pelos protestantes que incendiavam as casas dos católicos, nesse contexto o IRA ressurgiu com o objetivo de proteger os católicos das leis que estavam a serviço somente dos protestantes. O governo inglês então passou a reprimir qualquer um que era “contra a coroa”, mas os principais alvos dessa repressão eram justamente os católicos e o IRA era considerado pelos ingleses terroristas, mas essas ações somente fortaleceram mais o IRA.

Apesar de as ações do IRA serem realizadas por um número restrito de indivíduos, o que sempre sustentou a viabilidade do grupo foi o apoio que o mesmo encontrava na população católica, tanto da República da Irlanda, quanto da Irlanda do Norte. Seja através do repasse de informações, da permissão para que foragidos se escondessem em suas casas durante curtos períodos, ou, até mesmo, através do fornecimento de meios materiais (como automóveis, alimentos e roupas), o fato é que este tipo de suporte feito por cidadãos comuns evitou que o IRA se tornasse alvo fácil frente à repressão da polícia inglesa (MENDES, GOMIDE, 2005, p.2).

Durante as décadas de 1960-70 surgem grupos paramilitares que visavam lutar contra o IRA, proteger e manter o governo nas mãos dos protestantes como o grupo que adotara o mesmo nome do movimento contrário ao *Home Rule* no início do século XX: o UVF- *Ulster Volunteer Force* e o UDA- *Ulster Defence Association* que usaram da violência para manter a Irlanda do Norte como parte do Reino Unido matando líderes católicos ligados aos movimentos civis assim como pessoas ligados supostamente ao IRA

Mas a escalada de violência chegou ao seu auge nos anos 70, quando ocorreram o Domingo Sangrento no dia 30 de janeiro de 1972, foi o nome do massacre que ocorreu durante as manifestações de católicos em nome dos direitos civis, que o governo britânico prendia sumariamente suspeitos de serem filiados ao IRA, reunindo milhares de pessoas que marchariam pacificamente até a prefeitura quando o exército britânico fora enviado para restaurar a ordem, o massacre começaria devido a alguns manifestantes atirarem pedras contra os militares, em resposta os britânicos atiraram na

multidão, matando imediatamente 13 pessoas, o abuso do exército britânico foi o estopim para que católicos se juntassem e apoiassem em massa o IRA.

O segundo evento foi a Sexta Feira Sangrenta, uma onda de atentados a bomba que ocorreram em Belfast. Começando com um carro bomba sendo detonado às duas horas da tarde na Windsor Park. Meia hora mais tarde outra bomba dentro de uma maleta explodia no Hotel Brookvale ao norte de cidade, mas funcionários desconfiaram e evacuaram a área. O IRA emitiu avisos a cada dois minutos sobre bombas deixadas por toda Belfast, às 14h40min outro carro bomba explodia em frente a uma agencia bancaria provocando um caos no transito da região, doze minutos mais tarde, outro carro bomba foi detonado na frente da estação ferroviária danificando a construção. Às 14h53min um terceiro carro carregado de explosivos era detonado na ponte *Queen Elizabeth*, sete minutos depois, o quarto carro bomba parado em frente a um conglomerado de casas protestantes explodia. Às 15 horas, duas bombas eram detonadas ao mesmo tempo, uma foi deixada num bar ferindo várias pessoas e a outra na ponte da estrada M2, sem vítimas.

As explosões aconteciam numa sucessão rápida, com intervalos de apenas um minuto. As 15:03 uma bomba explodiu na estação ferroviária na rua York; as 15:04 um carro-bomba explodiu na rua *Ormeau*, e outro em *Eastwoods Garage*. A pior explosão ocorreu às 15:10 na garagem de ônibus da rua Oxford, onde um carro-bomba foi detonado. Esse foi o atentado que causou maior perda de vidas humanas e ferimentos. Apesar do aviso prévio e a evacuação da área, ainda havia muita gente no local quando o automóvel explodiu. Dois soldados britânicos morreram instantaneamente, além de 4 civis protestantes que trabalhavam na companhia Ulster Bus (WILLIANS, HEAD, 2010, pp. 149-151)

Às três e quinze da tarde outra bomba explodia na estrada *Stuarts Town*, e cinco minutos depois uma carga de 23 quilos de explosivos escondido num carro foi detonada na frente de várias lojas na CaveHill Road. Duas bombas explodiram ao mesmo tempo e uma delas na linha de trens e a outra no *Star garage* sem fazer nenhuma vítima.

Uma mina foi detonada às 15:30 na estrada para Nutts Corner, exatamente passava um ônibus escolar. O motorista conseguiu evitar o pior da explosão com uma manobra de última hora, evitando assim que alguém se ferisse com gravidade. Acredita-se que ônibus pode ter sido confundido com um veículo militar britânico. Outra bomba explodiu às 15:30 na Northern Ireland Carriers, mas ninguém se feriu. E o incidente final daquele dia foi uma bomba desarmada com sucesso pelo Exército britânico no viaduto Sydenhan (WILLIANS, HEAD, 2010, pp. 149-151).

A Sexta Feira Negra foi o nome dado aos atentados provocados pelo IRA em diversos pontos da cidade de Belfast, Irlanda do Norte, explodindo 22 bombas em menos de duas horas, matando 9 pessoas e ferindo mais centenas. Este é um dos exemplos das ondas de atentados que acometeram em junho de 1972. Depois da Sexta Feira Sangrenta, o governo britânico passou a atuar mais ativamente na região, criando leis mais rigorosas que chegavam a limitar a movimentação da população católica. As respostas do governo britânico geraram uma nova leva de gastos aos cofres públicos, correspondendo aos objetivos do IRA.

O IRA era um grupo de orientação marxista que estava dividido em dois: os que escolheram alcançar seus objetivos pelos meios políticos, do outro, os que preferiram usar da violência, o Provisional IRA (PIRA), mas aqui será chamado apenas de IRA, com seu braço político o Partido Sinn Féin, tem os objetivos de trazer independência para a Irlanda do Norte e unificar-se com a Republica Irlandesa, conforme os católicos viam que a solução pacifica e por meios políticos pareciam impossíveis devido à violência e repressão que sofriam tanto do governo, autoridades quanto grupos protestantes ou unionistas. Exemplo da repressão empreendida pelas autoridades era a lei que permitia a prisão preventiva por uma semana sem necessidade de provas, o objetivo desta lei era dismantelar o IRA, prendendo os membros do grupo, mas os resultados foram a prisão arbitrária somente de católicos. Crescendo o apoio ao IRA.

Os meios que o Provisional IRA usou para alcançar seus objetivos eram através das táticas de guerrilha urbana, emprego de atos terroristas para provocar o máximo de danos possíveis, tornara a ocupação inglesa, vista como defesa dos interesses imperialistas mais insuportável e cara para que num certo ponto, o governo britânico e a Irlanda do Norte abandonariam seus objetivos de manter-se unidos sob a bandeira britânica permitindo a unificação do Norte com a Republica Irlandesa.

Durante a década de 90 Inglaterra, Irlanda do Norte, IRA, partidos políticos e outros grupos paramilitares começaram a repensar as estratégias até então adotadas para manter e atingir seus interesses na região. O governo britânico mudava a postura em relação a Irlanda do Norte adotando uma política coerente, cooperação com a República da Irlanda e incluir os grupos como o IRA que buscavam seus objetivos políticos pela violência na participação no processo de paz. O IRA e outros grupos republicanos desde a década de 80 começaram a repensar sobre suas estratégias e a eficiência já que o conflito fora longo demais desgastando a comunidade republicana e a fadiga que a população tinha devido as prisões, mortes, discriminação social e a violência

provocadas por esta guerra. No caso ambos os lados viam que não sairiam “vitoriosos” por meio da violência e pelo conflito (ELIAS, 2009, pp. 85-87)

O processo de paz inicia-se após a Guerra Fria, durante os anos 90 devido a pressões vindas dos EUA, essa pressão era devido ao fato de muitos políticos, empresários e pessoas importantes eram descendentes ou irlandeses migraram para os EUA, então o presidente Bill Clinton passou a interceder na Irlanda do Norte, os norte-americanos atuaram ativamente no conflito como mediadores.

O primeiro documento assinado com sucesso pelas partes foi o Documento de *Downing Street* que possuía princípios de como os governos Britânicos e Irlandeses conduziram sobre a Irlanda do Norte que seria o primeiro passo para o início do processo de paz na região, um ano após o documento ser divulgado o IRA comunica o cessar-fogo em 1994.

Em julho de 2005, o IRA anuncia o processo de desarmamento no qual pede para seus membros, chamados de voluntários, entreguem suas armas e se envolvessem somente nas atividades que promoveriam a busca da paz na região, ou seja, pelos meios políticos.

A capacidade ofensiva, em termos materiais, do Exército Republicano Irlandês continuou praticamente a mesma nos últimos anos e a efetividade das ações da polícia inglesa não alcançou maior sucesso se comparado com tempos anteriores. Portanto, somente uma mudança cognitiva em relação ao IRA pode explicar a inclinação deste em fechar acordos que envolvessem o depor armas e declarar a paz. O fim do apoio da população católica ao uso da violência, independente do objetivo a ser alcançado, minou as bases de sustentação do IRA. Tendo como interlocutor um governo disposto a dialogar e não contando mais com o apoio popular, o Exército Republicano Irlandês viu, como única saída, ceder às propostas inglesas (MENDES, GOMIDE, 2005, p. 5).

O desarmamento total do IRA ocorre finalmente em 2005, depois das ondas de violência que remontaram desde a década de 1960, depois de mais de 1822 mortes⁶⁵ e mais de milhares de feridos pelas campanhas de violência e guerra de atrito, quando combateram ao longo prazo até que exaurisse as forças das autoridades britânicas e da Irlanda do Norte.

5.4. 11 de Setembro de 2001 e a Guerra ao Terror.

O 11 de setembro de 2001 foi o atentado mais violento e o que mais matou, no total de 3 701 pessoas morreram e milhares ficaram feridas, o ataque ocorreu nos EUA

⁶⁵ <http://www.cain.ulst.ac.uk/sutton/book/index.html#append>, acesso dia 14 de novembro de 2016

provocados pelos agentes da Al-Qaeda que sequestraram 4 aviões de passageiros que se chocariam nos patrimônios símbolos dos EUA, o World Trade Center, símbolo do poderio econômico, o Pentágono, símbolo do poder militar norte americano e o Capitólio o prédio do Congresso que seria o símbolo político dos EUA.

O primeiro alvo atingido foi a torre norte do World Trade Center às 8: 46 da manhã, quando os 5 sequestradores tomaram o avião de passageiros da American Airlines (AAL 11) com rota planejada entre Boston a Los Angeles que levava 92 pessoas entre passageiros, tripulantes e os terroristas. O segundo alvo atingido fora a Torre sul do World Trade Center às 09:03 o avião pertencia a United Airlines (UAL 175) que tinha rota original de Boston a Los Angeles, levava 65 pessoas, durante o choque contra a torre sul do World Trade Center tudo havia sido filmado ao vivo pelas equipes de televisão e transmitido ao mundo. O terceiro alvo atingiu o Pentágono às 9:37, sendo atingido pela aeronave de passageiros da American Airlines (AAL 77) onde 5 terroristas misturados entre os passageiros tomaram o avião que tinha rota planejada de Washington D.C. para Los Angeles carregando 64 pessoas entre tripulação, passageiros e os terroristas. O último avião caiu na Pensilvânia às 10:03, a aeronave pertencia a United Airlines (UAL 93) que saía de Nova York com destino Para San Francisco carregava no total de 37 pessoas. O provável alvo dos terroristas seria ou o Capitólio ou a Casa Branca, mas os passageiros sabendo os objetivos dos terroristas de jogarem nos edifícios tentaram tomar o avião então manobram em direção ao chão atingindo o chão na velocidade de 930 km/h (ANNA, 2006).

Após os choques das aeronaves nas duas torres iniciou-se um grave incêndio e às 9:59 a Torre Sul (WTC 2) desaba após arder em chamas por uma hora e dezesseis minutos e depois a Torre Norte (WTC 1) desaba às 10:28, uma hora e quarenta e dois minutos após ser atingido pela aeronave. Durante a queda da Torre Norte, escombros atingiriam e provocariam o incêndio no WTC 7 que também desmoronaria às 17:20, mas o prédio havia sido evacuado antes e nenhuma pessoa morreu na construção.⁶⁶

Os maiores líderes da Al-Qaeda que participaram ativamente no plano de ataque foram Khaled Sheik Mohamed (KSM), Mohamed Atef e o líder supremo da organização Osama Bin Laden, que no passado fora aliado dos EUA além dele, tribos

⁶⁶ <http://www.wtc.com/about/history#first-1946>, acesso dia 15 de novembro de 2016, às 16hrs10min.

de Mujahedins afegãos receberam treinamento da CIA, armas e dinheiro para combater os soviéticos que estavam invadindo o Afeganistão⁶⁷.

Após os atentados, tanto os EUA como todo o Ocidente passaram a ver o terrorismo de alcance internacional como a principal ameaça a segurança, a Al-Qaeda e Osama Bin Laden tornaram-se inimigos do EUA, passando a caça-lo assim como os membros que participaram no ataque e qualquer apoiador do grupo. O presidente em exercício logo após 11 de setembro declara Guerra ao Terror.

Os objetivos da Guerra ao Terror eram principalmente aumentar as despesas sobre a defesa com o intuito de permitir que os militares façam uma revolução tecnológica, criar sistema eficiente de defesa contra artefatos nucleares, combater a proliferação de armas de destruição em massa e tirar Saddam Hussein do poder.

No plano doméstico, os EUA mudaram completamente após o 11 de setembro, implantando medidas de segurança como controle sobre o tráfego de pessoas em aeroportos e prédios públicos, controle mais rígido sobre as fronteiras dificultando o fornecimento de vistos e qualquer pessoa que fosse para os EUA considerada suspeita era imediatamente detida, centralizaram o centro de comando para contra terrorismo, aprimoraram os serviços de inteligência, todos os departamentos jurídicos do país passaram a desenvolver mais recursos para combate ao terrorismo, começaram a “internar” suspeitos e membros da Al-Qaeda numa zona fora da jurisdição dos EUA: a base Guantánamo, e a promulgação do “USA Patriot Act”.

O “Ato Patriota” foi um decreto assinado pelo presidente Bush em Outubro de 2001⁶⁸, o nome USA Patriot vem da junta das iniciais “*Uniting and Strengthening America by Providing Appropriate Tools Required to Intercept and Obstruct Terrorism*” ou em português: “Unindo e Fortalecimento da América Provendo Ferramentas Apropriadas para Interceptar e Obstruir Terrorismo”. Composto por 1015 seções (artigos e orientações) reunidos em um documento contendo 131 páginas, o *Patriot act* aborda em 10 itens que tem os objetivos de prevenção e combate ao terrorismo assim como combate à lavagem de dinheiro, tráfico de drogas e ao crime organizado assim como o aumento sobre a vigilância interna e externa.

⁶⁷ A invasão da URSS no Afeganistão é comparada como a “Vietnã Soviética”, sendo derrotada pelos grupos guerrilheiros das tribos que lutavam na região montanhosa do Afeganistão e Bin Laden nascido de uma família saudita rica, viajou para lutar contra os “infiéis” organizando os muçulmanos estrangeiros que foram combater no Afeganistão.

⁶⁸ O USA Patriot fora redigido antes do 11 de setembro e assim o decreto foi apresentado ao Congresso norte americano no início de 2001.

No plano externo, Bush muda seu eixo estratégico de uma política externa liberal voltada ao multilateralismo aonde teria uma abordagem menos intervencionista que Clinton para uma agenda baseada nos princípios do unilateralismo, supremacia militar, preempção e exportar democracia, os três primeiros são relacionados ao combate ao terrorismo e o último é sinal da presença de valores liberais na doutrina Bush e que baseado nas alas mais conservadoras dos EUA no qual a missão era exportar a democracia por quaisquer meios necessários até intervenção militar (SANTOS, TEIXEIRA, 2013, pp. 140-142, tradução nossa).

O presidente em exercício George W. Bush então inicia uma série de medidas, dentre elas, países que supostamente patrocinavam o terrorismo ou supostamente possuíam armas de destruição em massa eram inseridos na lista chamada de “eixo do mal”, incluindo Iraque, Irã e Coreia do Norte. Invadiria o Iraque baseando-se na “Guerra Preemptiva”

Nos documentos oficiais dos EUA existem dois tipos de Estados que eram centro das preocupações sobre a segurança dos norte-americanos na questão de atores estatais: os *Rogue States*, ou se traduzido literalmente seria “Estados trapaceiros” é um termo usado para apontar países que são ameaças internacionais devido a seus regimes ditatoriais que violam constantemente direitos humanos, possivelmente patrocinaram terroristas e que desenvolviam ou possuíam as armas de destruição em massa. E os “Estados falidos” apesar do debate das definições, os norte-americanos usam para países que tem governos ineficientes e não conseguem controlar sua população assim como não alcançar todo seu território, tendo grupos criminosos ou terroristas controlando e agindo no lugar do Estado ineficiente, a preocupação era que os “Estados falidos” fossem refúgios e berços para grupos terroristas. As preocupações dos EUA para atores não-estatais eram grupos terroristas, guerrilheiros e o narcotráfico que potencialmente ameaçariam a segurança dos cidadãos, instalações e para o governo norte americano (JULIANO, 2013, p. 5).

Outra constante da política americana é o desejo em identificar um adversário de demoniza-lo. Lidando com aquele adversário tornando-se numa batalha de inspiração bíblica entre as forças do bem contra o mal. O adversário pode ser Hitler, Stalin, o Politburo (órgão político) soviético, ou o comunismo. As forças na II Guerra Mundial pelo Eixo combinado com aqueles encarnados pelo império do mal da Guerra Fria (uso da expressão de Reagan) deram lugar ao famoso “Eixo do mal” de George W. Bush. Em certo momento, Kadafi cortou uma figura muito pálida como a encarnação do mal, mas a mídia comprometeu-se a demonizar este monstro como Washington esperou impacientemente por uma oportunidade para responder ao terrorismo montando um ataque contra o líder líbio. Em 5 de abril de 1986, uma bomba explodiu na discoteca La Belle em Berlim, ferindo duzentos e matando dois

(um soldado americano e um turco). Assim que foi estabelecido uma conexão com o ataque de Berlim com Trípoli. Washington planejou uma ofensiva contra o ditador líbio. Em 14 de abril (na noite do dia 15 na Líbia), com suporte do Reino Unido, e sem o apoio da França, Washington lançou bombardeios F-111 das bases Britânicas com a lista de alvos incluindo o QG de Kadafi. Duas horas depois do ataque, Presidente Reagan apareceu na TV americana dizendo “Acreditamos que essa ação preemptiva contra as instalações dele não somente reduzira a capacidade do Coronel Kadafi para exportar o terror, isso irá fornecerá a ele incentivos e razões para alterar seu comportamento criminoso”. A operação foi um sucesso em vários níveis. Primeiro e o mais importante, foi um grande golpe de mídia, com todas as redes de televisão transmitindo o bombardeio *ad nauseam*⁶⁹, usando imagens brutas tiradas dos próprios bombardeiros. O ataque ajudou a refrescar o ardor de Kadafi; Posteriormente, ele foi subjugado. Finalmente, o ataque foi uma grande vitória foi relacionada a demonstração de Washington para seus aliados europeus que poderia tomar ação por conta própria, Mesmo em sua esfera. Em retrospecto, podemos ver que o modesto ataque de 1986 já havia estabelecido os parâmetros da estratégia americana antiterrorista que os que rodeavam o presidente George W. Bush - que incluía um grande número de antigos associados de Reagan - entraram em vigor após o 11 de setembro de 2001. Entre esses parâmetros estavam a ideia de ligar um ato terrorista a um estado, como o regime talibã ou Saddam Hussein; A ideia de que a resposta militar maciça é uma forma de resolver o problema do terrorismo; O conceito de guerra preventiva; E a determinação americana em agir sozinha, se necessário (CHALIAND, BLIN, 2007, pp. 410-411)

A guerra preemptiva é a única guerra considerada legítima, isto é, guerra de autodefesa onde o um país entra em guerra porque reconhece a ameaça real e iminente de ataque vindo do outro país. No entanto, quando o país invade outro sobre uma “provável” ameaça que é uma guerra contra um país devido a ameaças não comprovadas é chamada de guerra preventiva.

No caso os EUA e principalmente Bush a invasão ao Iraque era justificado na autodefesa onde afirmavam que Saddam Hussein patrocinava grupos terroristas e estava desenvolvendo armas de destruição em massa⁷⁰ justificando a invasão, mas comprovou-

⁶⁹ Ad Nauseam é uma expressão latina que significa repetir várias vezes um argumento até que a discussão seja encerrada.

⁷⁰ As armas de destruição em massa têm a função de matar um grande número de pessoas e animais além da destruição de construções ou ambientes naturais, neste quesito, existem armas Biológicas que são o uso de microrganismos naturais ou sintetizados em laboratório como bactérias e vírus para fins militares, esses microrganismos provocam doenças graves que matam ou deixam graves sequelas nas vítimas que foram expostos a ela, das armas mais famosas temos o Antraz e a temível Varíola. As armas Químicas, que são o uso de elementos químicos naturais ou sintetizados altamente tóxicos que são usados para matar, incapacitar ou deixar sequelas graves nas vítimas, como o Gás Mostarda e o Gás Cloro ambos usados na 1ª Guerra Mundial, Gás de Ziklon B usados nos campos de extermínio nazistas e o Gás Sarin. Armas Radiológicas são a adição de elementos altamente radioativos em armas ou equipamentos convencionais, como a adição de materiais em bombas que tem o objetivo de disseminar no ambiente para matar ou provocar doenças graves devido a longa exposição à radiação, dentro desta categoria existem as “bombas sujas” que são explosivos convencionais que recebem restos de material radioativo de usinas nucleares ou de uso hospitalar. As armas nucleares diferentemente das radiológicas, possuem alto poder destrutivo sendo capazes de destruir cidades, além de espalhar radiação a distâncias maiores, mas são armas tão destrutivas que servem para dissuadir inimigos de atacarem países arsenais nucleares como no caso do “Equilíbrio do terror” durante a Guerra Fria, como as bombas Little Boy e Fat Man

se mais tarde que não existia tais instalações. O maior temor de especialistas militares e governos desde a dissolução da URSS era que grupos terroristas conseguissem alcançar e tomar posse dos arsenais com armas químicas, biológicas ou nucleares, logo que tornariam os atentados mais letais⁷¹.

O primeiro país que seria invadido pelos EUA seria o Afeganistão, que era governado pelos Talibãs, grupo fundamentalista islamista que aplicava a sharia no país, segundo os EUA, prestavam apoio e abrigavam membros da Al-Qaeda e principalmente aos planejadores do 11 de setembro:

Temendo a instabilidade crescente no Afeganistão e desencantado com grupos mujahideen que recebiam suporte desde 1980, o governo paquistanês começaram gradualmente retirar seu suporte para eles em 1994 a favor dos formandos das madraças⁷² afegãs e paquistanesas chamados de Talibãs, um grupo focado no sistema de lei Sharia. Os líderes desses estudantes eram islamistas radicais, muitos dos quais eram homens santos autodidatas. Embora zeloso e, muitas vezes, devoto, não havia grandes estudiosos do Corão ou pensadores religiosos entre eles, nem havia muitos engenheiros, médicos ou burocratas experientes do governo. Líderes talibãs muitas vezes suplantaram líderes tribais pashtuns. Eles eram liderados pelo Mullah Mohammad Omar Akhund [também conhecido como Mullah Mohammad Omar Mujahid, ou simplesmente Mullah Omar], um clérigo de Kandahar e um ex-comandante da resistência anti soviética que perdera um olho na batalha. Seus deputados incluíam muitos veteranos feridos da guerra com a União Soviética (COLLINS, 2011, p. 36, tradução nossa).

O Talibã subiu no poder depois de vitoriosos na guerra civil em 1996 graças ao apoio principalmente do vizinho Paquistão. Sendo uma região segura para a Al-Qaeda que treinava seus membros no manejo de variadas armas, fabricação de bombas para atentados terroristas, inclusive os 19 terroristas que sequestraram os aviões do 11 de setembro. Quando atacaram os EUA não consideraram o risco do Afeganistão sofrer uma invasão, pois os últimos atentados que os norte-americanos sofreram como o primeiro ataque ao WTC anos antes e vários outros atentados as medidas de contra terrorismo dos EUA eram pouco eficientes e não afetavam muito os perpetradores e apoiadores dos terroristas.

O governo de Washington pediu ao Talibã que entregasse Bin Laden, mas quando seu líder Mullah Omar recusou, Bush pede apoio ao Congresso e com os

jogadas nas cidades japonesas de Hiroshima e Nagasaki e a Bomba de Hidrogênio que é muito mais potente.

⁷¹ Já aconteceram atentados com armas biológicas e químicas, como após o 11 de setembro, nos EUA, foram enviadas cartas a políticos norte-americanos que estavam contaminadas por antraz que acabaram matando 5 pessoas. Outro ataque foi a liberação de gás Sarin promovido pelo culto apocalíptico Aum Shinrikyo no metrô de Tóquio matando dezenas de pessoas.

⁷² Madraças são escolas religiosas islâmicas onde os estudantes aprendem profundamente o Islã tendo matéria como estudo do Alcorão, a língua árabe, assim como história do islã e a sharia.

fervores de toda a sociedade norte americana devido ao 11 de setembro, aprovam a resolução:

O uso de meios necessários e da força apropriadamente contra nações, organizações, ou pessoas que planejam, autorizam, cometam ou ajudaram nos ataques terroristas que ocorreram em 11 de Setembro de 2001, ou acolheram tais organizações ou pessoas, em ordem de prevenir nenhum ato de terrorismo internacional contra os Estados Unidos por tais nações, organizações ou pessoas (COLLINS, 2011, pp. 45-46, tradução nossa)

No dia 7 de outubro de 2001, os EUA e depois junto com a OTAN, iniciaram a campanha de invasão ao Afeganistão sob o nome de *Enduring Freedom Operation*, ou Operação Liberdade, Duradoura em português, durante os cinco primeiros dias forças norte americanas. Os objetivos dos norte-americanos eram desmantelar a Al-Qaeda no país, assim como não permitir que o Afeganistão seja uma base para terroristas e derrubar o governo Talibã.

Apesar de derrubar o governo Talibã e impedir que o país vire centro de treinamento e refúgio da Al-Qaeda só encontrariam Bin Laden 10 anos depois, quando estava refugiado no complexo na cidade paquistanesa de Abbotabad, matando-o na madrugada do dia 1 de maio de 2011 no Paquistão durante a operação Lança de Netuno ou *Neptune Spear*⁷³. A guerra no Afeganistão desbaratou a Al-Qaeda, mas dispersaram os líderes e membros para regiões próximas como o Paquistão.

O objectivo derradeiro, reiteradamente invocado por responsáveis da Administração Obama, de impedir que Afeganistão voltasse a servir de santuário à *al-Qaeda* perdeu boa parte do seu sentido. De uma organização com uma hierarquia centralizada a dirigir diretamente o recrutamento, treino e condução das operações a *al-Qaeda* transformou-se ao longo dos últimos anos numa rede cada vez mais fragmentada de grupos e células regionais com operacionais seduzidos pela ideologia da *jihad* mas muitas vezes sem uma ligação directa à organização. A morte de bin Laden, a 1 de Maio de 2011, limitou-se a coroar (simbolicamente, em boa medida) este processo (PEREIRA, 2011, pp. -213).

Antes dos EUA invadirem o Iraque, recorreram primeiro ao Conselho de Segurança da ONU, fundamentando-se no Capítulo VII da Carta das Nações Unidas⁷⁴ para justificar a intervenção no Iraque, mas foi reprovada pela Rússia, China e França (em detrimento da votação a favor dos EUA e Grã-Bretanha. Com a reprovação do

⁷³ Para saber mais como encontraram o esconderijo de Bin Laden e por fim sua morte durante a operação: <<http://edition.cnn.com/2013/09/09/world/death-of-osama-bin-laden-fast-facts/index.html>>, acesso dia 17 de novembro de 2016, às 21 hrs05min

⁷⁴ O capítulo VII da carta da ONU prevê intervenção para países que ameaçam a paz, é recomendado primeiro a ação sem o emprego das forças armadas como sanções, bloqueios, interrupção das relações diplomáticas e econômicas além das sanções (Art. 41), mas caso não funcione nenhuma das medidas anteriores poderá ser usada forças militares (Art. 42)

Conselho de Segurança da ONU, os EUA usando o princípio do unilateralismo invadiu o Iraque, levantando críticas sobre a capacidade da ONU em manter a paz, no entanto, os EUA mantiveram suas participações sobre fóruns multilaterais assim como permanência sobre a importância da ONU no caso pedido de ajuda para o processo de paz após a queda do regime de Saddam Hussein (JULIANO, 2013, p. 4)

Os EUA, contrariando a decisão do Conselho de Segurança da ONU, invadem o Iraque no dia 20 de março de 2003 afirmando que Hussein estava violando a resolução 687 do Conselho de Segurança da ONU sobre proibição da produção e posse de armas de destruição em massa:

Conscious also of statements by Iraq threatening to use weapons in violation of its obligations under the Geneva Protocol for the Prohibition of the Use in War of Asphyxiating, Poisonous or Other Gases, and of Bacteriological Methods of Warfare, signed at Geneva on 17 June 1925, 3/ and of its prior use of chemical weapons and affirming that grave consequences would follow any further use by Iraq of such weapons. Recalling that Iraq has subscribed to the Declaration adopted by all States participating in the Conference of States Parties to the 1925 Geneva Protocol and other Interested States, held in Paris from 7 to 11 January 1989, establishing the objective of universal elimination of chemical and biological weapons, (...) 8. Decides that Iraq shall unconditionally accept the destruction, removal, or rendering harmless, under international supervision, of: (a) All chemical and biological weapons and all stocks of agents and all related subsystems and components and all research, development, support and manufacturing facilities; (b) All ballistic missiles with a range greater than 150 kilometres and related major parts, and repair and production facilities⁷⁵ (...) 32. Requires Iraq to inform the Security Council that it will not commit or support any act of international terrorism or allow any organization directed towards commission of such all acts, methods and practices of terrorism; (Resolução 687 do CS da ONU, 1991, pp. 1-10).

Críticos afirmam no entanto que a existência das instalações de pesquisa e desenvolvimento de armas de destruição em massa passou mais de um pretexto para os norte-americanos se livrarem de Saddam Hussein no Iraque. Os reais objetivos dos EUA para a região eram: “promoção da democracia e zona de paz e livre comércio” favoráveis aos EUA para que no longo prazo pudessem explorar os campos de petróleo do Iraque tornando-se mais independentes da Arábia Saudita. As forças de coalizão, dentre elas americanas e britânicas na primavera de 2003 invadem o país derrubando Hussein e meses depois soldados norte-americanos encontrariam Saddam, mas não encontraram nenhuma arma de destruição em massa e para dar uma legitimidade a invasão: afirmaram que expulsaram um ditador e estabeleceram um regime democrático no Iraque, item que foi pouco mencionado enquanto decidiam se invadiriam ou não o

⁷⁵ Resolução 687: Disponível em: < <http://www.un.org/Depts/unmovic/documents/687.pdf> > acesso dia 18 de novembro de 2016, às 17hrs10min.

país, o governo Bush vendeu a imagem para a população que o Iraque era um dos pilares para a guerra contra o terrorismo (CHALIAND; BLIN; 2007, p.426).

No plano doméstico, os EUA mudaram completamente após o 11 de setembro, implantando medidas de segurança como controle sobre o tráfego de pessoas em aeroportos e prédios públicos, controle mais rígido sobre as fronteiras dificultando o fornecimento de vistos e qualquer pessoa que fosse para os EUA considerada suspeita era imediatamente detida, centralizaram o centro de comando para contra terrorismo, aprimoraram os serviços de inteligência, todos os departamentos jurídicos do país passaram a desenvolver mais recursos para combate ao terrorismo, começaram a “internar” suspeitos e membros da Al-Qaeda numa zona fora da jurisdição dos EUA: a base Guantánamo, e a promulgação do “USA Patriot Act”.

O “Ato Patriota” foi um decreto assinado pelo presidente Bush em Outubro de 2001⁷⁶, o nome USA Patriot vem da junta das iniciais “*Uniting and Strengthening America by Providing Appropriate Tools Required to Intercept and Obstruct Terrorism*” ou em português: “Unindo e Fortalecimento da América Provendo Ferramentas Apropriadas para Interceptar e Obstruir Terrorismo”. Composto por 1015 seções (artigos e orientações) reunidos em um documento contendo 131 páginas, o *Patriot act* aborda em 10 itens que tem os objetivos de prevenção e combate ao terrorismo assim como combate à lavagem de dinheiro, tráfico de drogas e ao crime organizado assim como o aumento sobre a vigilância interna e externa.

Mas em junho de 2013, o jornal The Guardian publica denúncias que a NSA (National Security Agency). A fonte que denunciou a espionagem em massa foi Edward Snowden, ex operador da NSA em posse de quatro computadores com dados secretos da NSA denuncia que os EUA, tinha acesso a provedores de internet das redes sociais, sites de pesquisas e chats online traçando histórico de cidadãos do mundo todo direcionando conectando e relacionando dados online com os arquivos das agências de segurança e inteligência, sabendo onde, quando e o conteúdo dos usuários de telefone e internet. Iniciando a onda de escândalo da espionagem em massa promovido pelos EUA, tendo espionado não somente grupos, empresas, países e pessoas consideradas inimigos, mas também aliados tradicionais.

O presidente Nixon com a finalidade de parar os vazamentos sobre a guerra no Vietnã grampeou, através do FBI, cinco jornalistas e um funcionário do Departamento de Defesa. As escutas acabaram por trazer outras informações

⁷⁶ O USA Patriot fora redigido antes do 11 de setembro e assim o decreto foi apresentado ao Congresso norte americano no início de 2001.

usadas indevidamente, acrescente-se ainda que a Suprema Corte denegou o pedido de liminares do governo contra o *The New York Times* (sic), manchando de forma agressiva o seu governo. É nessa época que surge a lei FISA⁷⁷, a fim de permitir escutas telefônicas em situações ditas justificáveis. Bush acaba por se destacar sobre a prática de Nixon, com o *American Patriot Act*, Bush espionou milhões de chamadas sem mandado através da NSA, sob suspeita das pessoas espionadas estarem envolvidas com a Al-Qaeda. Deve-se considerar que seu sistema de espionagem foi além do permitido pela lei Fisa, e sua principal defesa foi usar o seu poder de “comandante-em-chefe” de acordo com o artigo II da constituição⁷⁸. As explicações de Bush não convenceram, acabando por ruir sua credibilidade e facilitar a eleição de Obama, que tinha como propostas de governo a transparência e uma mínima intervenção na privacidade dos cidadãos. Novamente sob a premissa de buscar segurança ante ao terrorismo, bem como de estar sob disposição legal, desta vez sob a seção 50 USC 1861 do *Patriot Act*. Obama mostra contradição de forma punjante, basta observarmos que o PRISM⁷⁹ é o segundo maior programa governamental de vigilância, perdendo apenas para a China com sua censura a todos os espaços de internet, tão criticada pelos EUA (MELO, 2013, pp. 14-15).

A crítica está na invasão e coleta de dados indiscriminadamente de pessoas do mundo todo indiscriminadamente e contra pessoas que não eram suspeitas de estarem conectadas ao terrorismo, ou seja, empresas, líderes mundiais também tiveram suas informações coletadas, contando também com a cooperação de empresas provedoras de internet: ao se juntar ao programa, não existia mais controle e consentimento e quais dados eram coletados pela NSA, empresas como Google, Yahoo, Facebook, Youtube, Apple, Skype e AOL aderiram ao programa.

Apesar de todos os países e suas agências criarem programas de espionagem cibernética, o problema é a justificativa do ato, no caso dos EUA a justificativa era travestida de combate ao terrorismo, mas o governo dos EUA criou programas de computadores para roubar informações empresariais e corporativas. Que tiveram apenas objetivos de conquistar vantagens econômicas em negociações internacionais, como no caso que atingiram empresas brasileiras Petrobrás, Eletrobrás e conseqüentemente, a presidente em exercício na época Dilma Rouseff estava sendo espionada, demonstrando

⁷⁷ Lei Fisa: *Foreign Intelligence Surveillance Act* de 1978.

⁷⁸ Artigo II, seção 2, 1. O presidente será o comandante em chefe do Exército e da Marinha dos Estados Unidos, e também da Milícia dos diversos estados, quando convocados ao serviço ativo dos Estados Unidos; Ele poderá requerer a opinião, por escrito, do chefe de cada departamento executivo, sobre qualquer assunto relacionado aos deveres de seus respectivos escritórios, e terá o poder de indulto e de perdões para ofensas contra os Estados Unidos, exceto nos casos de Impeachment (Constituição dos EUA, tradução nossa).

⁷⁹ PRISM é o programa de espionagem que coletava informações diretamente de servidores de internet como do Facebook, Youtube, Yahoo, Google e Apple, que continha o nome da pessoa, e-mail, perfil, histórico de chats, vídeos, pesquisa, seus endereços refratando essas informações vistas como “inofensivas” e sem importância com informações relacionadas a questões de segurança nacional (MELO, 2014, p. 8).

a vulnerabilidade que não só o Brasil, mas também países desenvolvidos tem sobre a internet (Revista em discussão, 2013, pp. 7-10).

Apesar do esquema de espionagem em massa, não impediu os ataques terroristas durante a maratona na cidade de Boston em 2013, quando os irmãos Tamerlan e Dzhokhar Tsarnaev, de origem chechena plantaram bombas caseiras feitas de panela de pressão que acabaram por explodirem durante a maratona, terminando por matar 4 pessoas. No entanto, em 2011 a Rússia alertou o FBI para que investigasse Tamerlan Tsarnaev e depois que fora interrogado e foi verificado todos os registros online não relacionaram com nenhuma atividade relacionada ao terrorismo foi liberado. No caso, como dito trecho da entrevista que o Fantástico fez com o jornalista do *The Guardian* que recebeu os arquivos de Snowden, na ocasião da entrevista foi bem claro sobre a suposta eficiência do esquema de espionagem com a prevenção dos atentados.

Fantástico: São milhões de dados gerados todos os dias. A gente viu, por exemplo, o caso do atentado em Boston. Apesar de eles terem um aviso do governo russo de que um suspeito estava envolvido com grupos terroristas, eles não foram capazes de seguir e impedir que esse atentado acontecesse. Qual é a capacidade de análise realmente e de ação a partir desses dados?
Greenwald: É um pouco irônico, porque o problema foi que eles tiveram informação demais e eles não podem conectar essa informação. Porque eles não conseguiram ler todas as coisas. Você tem bilhões de e-mails todos os dias, como eles estão gravando agora. É impossível saber exatamente o que você está coletando. E para mim é muito claro que o objetivo não é para impedir o terrorismo, mas para aumentar o poder de governo americano (G1 Fantástico, 2013).

5.3. Como países reagem a grupos? As táticas e estratégias para prevenir e combater o terrorismo.

Devido a complexa definição do terrorismo, as estratégias empregadas para combater o terrorismo primeiramente não são universais, isto é, não funciona para todos grupos, que acabam por diversas variáveis, mas neste trabalho será baseado nas técnicas e estratégias mais comuns usadas por países, governos, organizações e policias.

Uma prática comum e usada por décadas pelos Estados cujo usada tanto no combate ao terrorismo como desbaratar grupos criminosos era a estratégia *kingpin*, no qual o foco era atacar a liderança dos grupos com o objetivo de desestabilizar a parte operacional e a tomada de decisões estratégicas da organização. A estratégia *Kingpin* para ser sucedida depende de variáveis como o tipo da organização, por exemplo é ineficiente quando a organização é descentralizada já que as lideranças não possuem controle sobre a parte operacional e estratégica do grupo, tendo nessa responsabilidade

os *officers seniors*⁸⁰, assim como o nível da resiliência, ou como ocorre regeneração de dentro das hierarquias no grupo, possuindo procedimentos sobre a promoção de membros e reposição dos “oficiais” casos os antigos líderes ou oficiais fossem presos ou capturados.

Hastening a terrorist group’s demise is the purpose of a leadership decapitation strategy, but this strategy is by no means the only way that terrorist groups may end. Cronin (2006:19) describes six other main ways: unsuccessful generational transition, success, transition to legitimate political participation/negotiation, loss of popular support, repression and transition out of terrorism to either criminality or full insurgency (see Hutchinson and O’Malley, 2007). While comprehensive, the study is largely case-based and lacks large-sample quantitative analysis. In a similar work Crenshaw (1991) examines some forty groups and their reasons for ending. Again, the sample size is too small for the results to be anything but anecdotal (ROWLANDS; KILBERG, 2011, pp.3-4).

A forma que países como os EUA aplicam a estratégia kingpin, podem vir geralmente sobre ataques aéreos, conduzidos tanto por aeronaves tradicionais como por VANTs (Veículo Aéreo Não Tripulado), em inglês UAVs (Unmanned Aerial Vehicles) ou popularmente Drones⁸¹, sendo empregado tanto para reconhecimento como arma de ataque para matar líderes de grupos terroristas como no caso do líder do Talibã Mullah Mohammed Osmani que foi morto quando um Drone destruiu o veículo em que estava viajando. Mas também pode ser empregada por unidades de elite como a Operação Lança de Netuno que matou o líder da Al-Qaeda Osama Bin Laden em 2011.

Outra forma usada também para abalar grupos terroristas é a exploração das agências de inteligência sobre a luta interna de poder e diferenças de ideias que é natural em praticamente todas as organizações terroristas, realçando essas divisões ou criando-as. Como gerar clima de desconfiança entre os filiados e líderes do grupo que possuem diferenças étnicas, sociais e visões políticas provocando divisões internas, incitando a rivalidade entre líderes principalmente das alas mais radicais com os mais moderados ou gerar diferenças e separação entre dois ou mais grupos (HARMON, 2007, pp. 5- 6).

Exemplos de divisão internas de grupos são comuns: por exemplo, o ETA que durante seus cinquenta anos de existência, sofria com debates durante as reuniões internas que definiam suas estratégias como seria conduzido suas ações para que pudessem conquistar a independência Basca combatendo a ditadura Franco ou toda a

⁸⁰ *Officers seniors* ou oficiais seniores é um termo em inglês que designa pessoas geralmente com mais tempo de experiência que administra qualquer organização.

⁸¹ Drones, palavra inglesa para Zangão, são aeronaves que não necessitam ter pilotos a bordo, no lugar, são controlados a distância protegendo o piloto do risco de ser abatido. Por ser uma tecnologia recente, existem debates sobre o uso militar desses aparelhos no âmbito de direito internacional.

Espanha, usando meios políticos ou pelos meios violentos, tendo entre seus membros com inspiração mais nacionalista e outros com inspirações mais marxistas.

Segundo Lutz, James e Lutz, Brenda (2008, p. 261-282) existem formas que países reagem para se prevenir ou reagir a ataques terroristas, a) reforço na segurança; b) reforço nos serviços de inteligência para detectar e prevenir; c) atacar as finanças; d) retaliação; e) guerra preemptiva; f) unidades especializadas no contraterrorismo; g) concessões e reforma; e h) abordagem diplomática.

Existem formas para reduzir ataques terroristas em certos locais, mas não existem medidas de proteção que elimine de vez a ameaça de atentados como, por exemplo, o aumento e o reforço da segurança sobre pessoal importante como membros e líderes políticos e militares e funcionários do governo pode ser efetivo, mas quando o alvo é uma parte considerável da população será uma tarefa muito difícil já que existirá mais chances de vulnerabilidade a ataques. Enquanto locais e estruturas bem protegidas desestimulam terroristas atacarem esses locais, mas não é possível proteger todas construções como escolas, escritórios, empresas, monumentos, universidades, prédios públicos ou particulares e locais de adoração como templos, no lugar das zonas protegidas, terroristas exploram zonas com pouca ou nenhuma medida de segurança como os ataques do Hezbollah a embaixada israelense em 1992 e dois anos mais tarde outro ataque ao centro cultural judeu na cidade de Buenos Aires, local que na época tinha pouco aparato de segurança.

Outro fator é o reforço na inteligência, no entanto, como bem apresentado sobre a espionagem em massa promovida pelos EUA não foram capazes de prevenir ataques terroristas além de violar claramente a privacidade de cidadãos que sequer eram suspeitos de terrorismo porque prevenir um ataque através dos esforços de inteligência é muito mais complexo:

Without someone inside the planning group itself or the chance to interrogate someone involved in the planning, information is not likely to be precise enough to provide the details necessary for effective prevention from normal intelligence sources. (...)US intelligence gathering also increasingly came to rely on technology rather than human resources (Ilardi 2004: 219). While such an emphasis was effective during a cold war against a technologically sophisticated opponent, the reliance on technology has been less effective for dealing with non-state, terrorist groups (...)Security services have some advantages when fighting domestic dissident groups as opposed to foreign ones. Potential operatives or agents will know the language and local culture and will not need advance training to attempt to penetrate groups or gather information. (...)Intelligence operations are likely to be more effective against larger organizations that are more vulnerable to penetration and gathering of information (O'Neil 2003). Difficulties with detection, and therefore prevention, are increased when the dissident group is small. When all the

members know each other on a face-to-face basis, the infiltration of informers is extremely unlikely. The 17 November Movement in Greece survived for as long as it did because of its small size. Constant efforts to penetrate dissident groups or discover facts about them should eventually succeed, but it may take years or decades. Leaderless resistance type of operations further complicate the task of intelligence agencies in detecting planned assaults since the potential terrorists undertaking the attack have no direct organizational link with the planners or ideological leaders (LUTZ; LUTZ, 2008, pp. 263-264).

A terceira forma é o ataque as finanças, no caso, o esforço das agências de inteligência que rastreiam e cortam os fluxos financeiros diretos e indiretos que alimentam grupos terroristas, as origens pode ser financiamento direto de governos, iniciativa privada e pessoas, ou os próprios grupos fundam várias empresas para gerar dinheiro, vem de fontes criminosas como tráfico de drogas, a aliança com criminosos, venda de bens pelo mercado negro. Então como forma de combate ao terrorismo, um dos primeiros alvos são o corte nas receitas porque quando ocorre falta de dinheiro poder tanto reduzir como acabar com a capacidade do grupo de praticar atentados. No entanto rastrear os recursos são mais difíceis que parece, já que assim como grupos criminosos, terroristas recorrem a esquemas de lavagem de dinheiro, bancos internacionais cujo há pouco controle sobre a origem do dinheiro e em paraísos fiscais, mas quando o governo consegue cortar uma fonte da renda, o grupo terrorista procura e cria novas fontes e formas de arrecadar fundos.

Outra medida comum para combater o terrorismo é a repressão, quando Estados passam a violar os direitos de cidadãos ou grupos de pessoas que podem estar conectados aos terroristas, mas para surtir efeito demora por vários anos a custas de muitas vítimas sem probabilidade de eliminar totalmente terroristas, a repressão pode também gerar efeito reverso como retratado sobre o IRA pois quanto maior era a repressão do governo inglês e da Irlanda do Norte contra a população católica, mais pessoas passaram a aderir ao grupo, tendo seu pico de recrutamento logo após o Bloody Sunday.

Partindo do grande exemplo do 11 de setembro que um mês depois, Bush invade o Afeganistão, país que patrocinava a Al-Qaeda fornecendo refúgio para seus membros, países assim que sofrem um atentado retaliam usando meios militares para atacar grupos refugiados em outros países ou simplesmente atacam países que patrocinam o terrorismo, mas a retaliação não se prende somente ao uso militar, países podem decretar sanções econômicas contra países suspeitos de financiar, promover e patrocinar

o terrorismo. A retaliação, no entanto, só funciona contra Estados mas não contra grupos terroristas.

O ataque preemptivo, é uma operação militar iniciada para impedir uma invasão iminente pelo inimigo e na tática antiterrorista o ataque é direcionado a campos de treinamentos ou contra os Estados patrocinadores, no entanto, é efetiva apenas ao curto prazo já que esses ataques dificilmente destroem grupos terroristas. Para o ataque preemptivo funcionar, é necessário que o serviço de inteligência do país tenha informações detalhadas sobre o grupo ou o país como a localização de refúgios no caso dos terroristas, áreas de armazenamento de equipamentos e dos líderes.

As unidades especializadas em contraterrorismo são ramos especiais das forças armadas ou policiais que surgem a partir do momento que países percebem que suas forças de segurança são incapazes de resolver situações relacionadas a atos terroristas como sequestro de aeronaves, situação de tomada de reféns, o maior exemplo dessa transformação foi o sequestro e depois da morte dos atletas da delegação israelense devido a ação descoordenada da polícia durante as Olimpíadas de Munique, Alemanha em 1972, depois dos atentados a Alemanha criou a unidade de elite especializada em resgate de reféns e outros ataques terroristas: a polícia de fronteira GSG 9. No entanto, independente do treinamento das unidades especializadas, pode ocorrer morte de reféns durante missões de resgate.

As concessões e reformas ocorrem quando governos percebem que grupos terroristas surgem devido a problemas internos como discriminação sobre as minorias, ou sofrem de negligencia, vendo que o aumento da repressão só incita mais pessoas a aderirem aos grupos, o governo então propõe reformas e mudanças políticas para que melhore as condições de vida ou promovam igualdade sobre as minorias como forma de reduzir o apoio popular como ocorreu no ETA quando foi concedida mais autonomia na região Basca, mas essas ações não funcionam quando não atendem as reivindicações dos mais radicais onde as concessões não são opção para o governo como oferecer independência total para uma região considerada estratégica. E certas concessões podem gerar oposição armada, como a ascensão de grupos de extrema direita quando o governo dá concessões as minorias.

A forma de combater o terrorismo pode também ser feito através de alianças entre países e organizações como:

The UN has been able to draft at least a dozen multilateral agreements that help to conter specific terrorist acts (Joyner 2004). Major problems, however, still remain for using diplomatic approaches for ending terrorism. Some

countries will avoid signing such conventions since they currently do not face any terrorist threats and since signing and abiding by such conventions may lead to retaliation by terrorist groups (Wilkinson 2000b: 200). In other cases, the problem of definition once again becomes important (Richardson 2000: 203). Governments will need some form of legal definition of terrorism in order to agree to an international convention. Does a murder or assassination of a political figure by a dissident constitute terrorism or a political act? If it is terrorism, can the person be extradited? In the case of a murder without a political motive, extradition would be likely, but once politics becomes involved, issues become less clear cut. It would have been hard to imagine the United States extraditing an individual to Iraq for the assassination or attempted assassination of Saddam Hussein, yet a formal treaty might in theory require such an action. Many states prefer to have flexibility in defining unacceptable violence, and determining on a case by case basis whether or not to cooperate in dealing with cases involving persons accused of terrorism. Conventions and supposed international rules can still be ignored when states choose to do so (Crelinsten 2000: 174). Diplomatic conventions and resolutions, even vague statements and platitudes, can be useful. They help to reinforce international norms against accepting and supporting terrorism (Pillar 2001: 77). As such they may help to set the stage for more meaningful agreements (LUTZ, James; LUTZ, Brenda, 2008, p-276).

Apesar dos acordos serem limitados no combate ao terrorismo na forma de elaboração de acordos multilaterais existem muitos desafios, como por exemplo, unificar a definição da palavra terrorista, termo que sofre modificações e contem diferentes interpretações entre países, ou seja, para um país um grupo é terrorista, mas para outros não. Além das diferenças políticas, econômicas, jurídicas e sociais que pode tanto distinguir como aproximar países sendo mais comum a cooperação mais aprofundada para combater o terrorismo devido a compatibilidade desses fatores.

6. Considerações Finais

Terrorismo é um movimento que geralmente utiliza a violência como método de espalhar o medo psicológico entre os sobreviventes do ataque ou a população restante e preferem a utilização da propaganda para pressionar pessoas e governos a atenderem seus requisitos ou como forma de recrutamento. Diferindo de guerrilheiros, terroristas não se preocupam em usar violência psicológica contra civis, não combatentes, neutros ou estrangeiros e quanto mais propaganda para suas ações, melhor. Isto é, o terrorista defende suas ideias da forma mais radical possível, não recebendo apoio parcial da população, como no caso da guerra de guerrilhas. Seus objetivos podem variar, mas o ponto em comum é chamar a atenção do máximo de pessoas possíveis tanto para atender suas reivindicações como atrair outras pessoas que compartilham de seus ideais para sua causa.

Os grupos terroristas de orientação fundamentalista⁸² figuram entre os mais antigos ao período anterior a Revolução Francesa, esses grupos demonstram que o terrorismo é um fenômeno antigo e que para certos grupos que interpretavam radicalmente suas escrituras sagradas e a inferioridade numérica em relação as forças governantes, empregaram o combate indireto, ou seja, se misturavam entre civis e assassinavam alvos importantes como autoridades, burocratas, e pessoas conhecidas que colaboravam com o governo, ou seja, assassinato político.

As ações de ambos os grupos mudaram radicalmente o rumo da história, as ações dos *Sicarii* fomentaram a rebelião e conseqüentemente a Diáspora, assim como a tradição judaica, transformando a importância do Templo na vida religiosa para o judaísmo rabínico e a importância da Torá como fonte de ensinamento. No final, os *Sicarii* sobreviventes escolheram morrer ao serem capturados pelos romanos, tornando-os mártires da sua causa, dignos de respeito até entre os romanos. Os Assassinos quando se estabeleceram, ajudaram na manutenção do Ismaelismo e seus assassinatos afetaram as bases das potências contemporâneas ao grupo o Império Seljúcida, também lutaram contra os Cruzados de forma que os europeus nunca imaginavam, tornando a ordem lendária, suas ações espalharam medo entre os líderes e potenciais inimigos da ordem.

⁸² Além dos *Sicarii* e dos Assassinos, existiam outra ordem na Índia de bandidos estranguladores os *Thugees* ou *Phasingars* que aterrorizaram os Indianos por mais de seis séculos até ser extinto pelas autoridades inglesas no século XIX, mas devido a poucas fontes disponíveis, não foi possível estudá-la.

O que os diferencia entre si e entre grupos modernos é que os Sicarii atacavam os próprios judeus, que colaboravam com a ocupação de Roma e foi o único grupo terrorista na história que conseguiu alcançar seu objetivo plenamente: provocar uma rebelião contra a ocupação romana e dessa forma influenciaram a história judaica, os Assassinos indo contra os princípios morais da época empregaram o assassinato político afirmando que era mais humano uma pessoa morrer do que milhares de pessoas em um combate entre exércitos, além de terem ciência de que não sobreviveriam aos assaltos, tornou-se uma honra morrer em ação um, tipo de martírio que havia sido herdado das tradições muçulmanas e principalmente xiitas. Diferentemente diferindo dos grupos modernos não matavam inocentes, mas suas ações influenciam o terrorismo fundamentalista de orientação islâmica moderno, importando suas estratégias, fundando bases em regiões remotas fora de alcance de qualquer autoridade.

Sendo assim, o terrorismo de grupos é tão antigo quanto a humanidade e independente do período histórico tem o mesmo padrão: pessoas que compartilham as mesmas ideias radicais, não aceitavam a realidade socioeconômica ou política, e como não era possível o combate direto com as forças armadas do poder dominante, recorriam à luta usando os meios mais violentos para que alcançassem maior publicidade possível para atrair mais pessoas a causa e/ou pressionar outras pessoas, grupos, etnias e principalmente governantes a atenderem suas reivindicações.

O que diferencia terrorismo de grupos com terrorismo de Estado são as armas disponíveis que serão usadas para atingir seu público alvo. O Terrorismo de Estado se resume de duas formas: para uso interno ou contra sua própria população, que é o Terror. O Terror foi a ferramenta usada pelos regimes para manter-se no poder, que se resume a série de medidas repressivas contra seus cidadãos para que o restante da população se submeta a aquele governo. E o de cunho externo que países podem usar dos meios militares (durante guerras) contra populações civis do país inimigo, para que pressione seu governo a se render. Das formas mais claras desse instrumento está o uso dos bombardeios estratégicos contra cidades principalmente durante as duas guerras mundiais, para que o país fosse forçado a se render. Como no caso do emprego de bombardeios estratégicos, *Blitz* ou *Raid*s sobre cidades de Guernica, Roterdã, Varsóvia, Dresden, Hiroshima, Londres, Tóquio e Nagasaki.

Outra forma de terrorismo de Estado usado externamente é quando o país percebe que não é capaz de enfrentar diretamente o país ou potência inimiga e patrocina grupos terroristas que compartilham as mesmas ideias para realizar atentados contra seu

inimigo, essa é uma forma de ataque indireto, ou também países incapazes de fazer frente aos países militarmente mais fortes, como mais famoso caso da Líbia de Khadaffi, que financiou grupos como forma de guerra indireta contra os EUA e o Afeganistão governado pelo Talibã, país que forneceu refúgio para o Al-Qaeda.

Os regimes que empregaram o Terror de forma mais eficiente, ou seja, usaram da repressão contra sua população e somaram a novos mecanismos para controlar toda a sociedade como monopólio da produção artística (como forma de propaganda), educação e mecanismos jurídicos foram os regimes totalitários. Esses surgiram durante o século XX, diferente dos regimes autoritários, no Totalitarismo o líder com o partido único a seu serviço controla todos os aspectos da vida social e privada de seus cidadãos sendo os regimes mais famosos o Stalinismo, Nazismo e Fascismo.

Durante metade do século XX dois tipos de movimentos terroristas apareceram, os grupos de orientação marxistas ou de extrema direita e os movimentos separatistas como o ETA e o IRA que tem em comum as suas origens. No contexto das diferenças sociais ou a repressão de seus governos contra as minorias e etnias, tais grupos se fundamentaram nas experiências dos movimentos de independência africanos. Possuindo tanto um braço político quanto o braço armado, que fez uso do terrorismo para que suas ações tornassem dispendiosos ou caros demais para o governo central manter aquela região concedendo sua independência. Porém, como resultado aos anos da guerra de atrito e as mudanças internas, como o enfraquecimento do grupo tanto devido as operações de contraterrorismo promovidas pela Espanha e Inglaterra, quanto pelo baixo apoio popular, atingindo reformas políticas, sociais e econômicas e pelo desgaste provocado pelo conflito de atrito entre terroristas-governo. Foram muitos danos materiais e humanos entre a população local, terminando por fim durante o final da década de 80, com o abandono das armas e a nova ação por meios políticos.

Os ataques do 11 de setembro foram o ato terrorista mais evidenciado por ceifar a vida de mais de 3 000 pessoas e atingiu grande superpotência, os EUA. Esse atentado herdou uma tendência originando na década de 1990, que era a ameaça de grupos terroristas tomarem posse de armas de destruição em massa, e arsenais dos países que faziam parte da URSS ou Estados com tecnologia de produção de armas de destruição em massa como forma de patrocinar o terrorismo repassa ao grupo armas químicas, biológicas ou nucleares para que esse use contra países como forma de guerra indireta e no ano de 2001, especialistas militares considerava que as armas de destruição em massa caíssem nas mãos de terroristas uma ameaça real e plausível, além da

conveniência de derrubar Hussein e o Talibã e interesses estratégicos como tomar os campos petrolíferos do Iraque. Os EUA então invadem o Afeganistão e o Iraque, a forma de a ocupação dos norte-americanos e seus aliados acabou por desestabilizar ainda mais a delicada região do Oriente Médio, resultando na ascensão de mais grupos terroristas que se inspiraram nas operações de atentados internacionais da Al-Qaeda e que, esses novos grupos são até mais radical e violento que a Al-Qaeda. O Estado Islâmico que foi capaz de em poucos anos praticar atentados em locais símbolos e berço do mundo ocidental, como Paris.

Referências Bibliográficas

- ANNA, Ivan Sant'. *Plano de ataque: A história dos vôos de 11 de setembro*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005. 280 p.
- ARENDR, Hannah. *As origens do Totalitarismo: Antissemitismo, imperialismo, totalitarismo*, ed.1949 (obra original). Tradução Roberto Raposo, 2009.
- BBC Brasil. *Por que o acordo de paz entre Colômbia e Farc é histórico*. Bogotá,Colombia, 2016. Disponível em: <<http://www.bbc.com/portuguese/internacional-36601490>>. Acesso em: 02 set. 2016 às 00hrs e 06min, 2016.
- BOBBIO, Noberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de Política*. 11. ed.Brasilia: UNB, 1998. 1330 p. v. 1.
- BBC, *What is Eta?*; <<http://www.bbc.com/news/world-europe-11183574>> , 2011, acessado dia 11 de novembro de 2016.
- 'BRASIL é um grande alvo', diz jornalista sobre vigilância dos EUA. [S.l.]: G1 Fantástico, 2013.Disponível em:<<http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2013/07/brasil-e-um-grande-alvo-diz-jornalista-que-divulgou-denuncias-de-espionagem-americana.html>>. Acesso em: 21 nov. 2016.
- BURMAN, Edward. *Los Asesinos- La secta de los guerreros santos del islam*. Editora Martínez Roca. Tradução: Joseph M. Apfelbaume. Barcelona, 2002.
- CAMPBELL, Anthony. *THE ASSASSINS OF ALAMUT*, Iran Chamber Society. 2008. (site) http://www.iranchamber.com/history/ismailieh/books/the_assassins_of_alamut.pdf, acessado 28 de junho de 2016 às 15hrs20min
- CHALIAND, Gerard ; BLIN, Arnaud (Org.). *The history of Terrorism: From Antiquity to Al Qaeda*.Los Angeles, California: University Of California Press, 2007. 447 p.
- COLLINS, Joseph J; *Understanding War in Afghanistan*, National Defense University Press, Washington D.C., 2011.
- CUENCA, Ignacio Sánchez; *The persistence of nationalist terrorism: the case of ETA*. 2008.
- DAFTARY, Farhad. *Ismaili Studies: Antecedents and Modern Developments*, Disponível em <https://openaccess.leidenuniv.nl/bitstream/handle/1887/17559/ISIM_9_Ismaili_Studie

s_Antecedents_and_Modern_Developments.pdf?sequence=1>, Acesso em: 31 de agosto de 2016 às 17hrs 36min.

DAFTARY, Farhad; NANJI, Azim. *The Ismailis and their Role in the History of Medieval Syria and the Near East*. The Institute of Ismaili Studies. 2007.

DERBUS, Bärbel. *The Assassins – Suicidal Assailants of Earlier*. Institute of Islamic Studies of Evangelical alliance in Germany, Austria, Switzerland
<<http://www.islaminstitut.de/View-article.89+M5b525b66dd7.0.html>> acessado dia 08 de setembro de 2016 às 13hrs 14min.

ELIAS, Ivi Vasconcelos; *O Mito de Sísifo: a mediação do processo de paz na Irlanda do Norte e a assinatura do Acordo de Sexta Feira Santa*. PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2009.

ESPIONAGEM cibernética Rede vulnerável Para CPI, é preciso aparelhar inteligência nacional e melhorar gestão da internet. [S.l.]: Revista Em Discussão, 2014. Disponível em: <http://www12.senado.leg.br/emdiscussao/edicoes/espionagem-cibernetica/@@images/arquivo_pdf/>. Acesso em: 21 nov. 2016.

EVANS, Richard; *O terceiro Reich no poder: O relato mais completo e fascinante do regime nazista entre 1933 e 1939*, Tradução Lucia Brito, ed. Planeta. 2012.

EXAME, *Os 6 piores casos de hiperinflação da história*. 2011. Encontra-se no site: <http://exame.abril.com.br/economia/noticias/os-6-piores-casos-de-hiperinflacao-da-historia#5>, Acessado dia 13 de outubro de 2016, as 21 hrs e 15min.

FERNANDES, Jéssica Silva; *País Basco: a atuação do ETA na reivindicação separatistas*; PUC Minas; 2010.

GELLATELY, Robert; *Backing Hitler: Consent and coercion in nazi germany*, Ed.Oxford University Press, Nova York, 2001.

GELLATELY, Robert; *The Gestapo and German Society: Political Denunciatio in the Gestapo Case Files*, *Jornal of Modern History* 60, University of Chicago, p. 654-694. 1988.

GOLDSCHIMIDT JR. Arthur, DAVIDSON, Lawrence, *A Concise History of the Middle East*, 9th edition, Westview press, 2010.

GOMIDE, Viviane Vieira; *Memoria e identidade: uma análise dos murais do conflito na Irlanda do Norte*; PUC Minas, Belo Horizonte, 2010.

HARMON, Christopher C. *Vulnerabilities of terror groups*. 2007. 10 f. Lexington Institute, Arlington, Virginia, 2007. Disponível em: <<http://lexingtoninstitute.org/wp-content/uploads/vulnerabilities-of-terror-groups.pdf>>. Acesso em: 22 nov. 2016.

- HEXHAM, Irving. *Concise dictionary of religion*. Regent College Publishing Vancouver. British Columbia. 1993.
- HODGSON, Marshal G.S; *The order of Assassins: The struggle of the early Nizari Ismailis against the islamic world*, University of Chicago, ed. Mouton's-Gravenhage. 1955.
- HOEING, Sidney B. *The sicarii in masada- Glory or infamy?*. Tradition: A Journal of Orthodox Thought. P.5-30. 1972.
- HOSFORD, David; KACHURIN, Pamela; LAMONT, Thomas; *Gulag: soviet prison camps and their legacy*; Project of the National Park Service and the National Resource Center for Russian, East European and Central Asian Studies, Harvard University, <<http://daviscenter.fas.harvard.edu/sites/daviscenter.fas.harvard.edu/files/Gulag%20Final%20Draft.pdf#overlay-context=resource/gulag-soviet-prison-camps-and-their-legacy>>, acesso dia 04 de novembro de 2016 às 20 hrs 20 min.
- IRA, *Irish Republican army "Green Book" (Volumes I & II)*, 1970s (?).
- JACKSON, Richard, MURPHY, Eamon, POYNTING, Scott. *Contemporary State Terrorism: Theory and practice*, editora Routledge. London e New York, 2010.
- JULIANO, Paola G. P., Dimensões unilaterais e multilaterais da doutrina Bush, Simpo RI San Tiago Dantas, encontra-se em <http://www.santiagodantassp.locaweb.com.br/novo/images/simposio/artigos2015/GONCALVES_Omultilateralismo.pdf>, acesso dia 17 de novembro de 2016, às 23hrs40min, 2013.
- KIRAS, James. Terrorism and globalization. In: BAYLIS, Jhon; SMITH, Steve; OWENS, Patricia (Org.). *The globalization of world politics*. 5. ed. Estados Unidos: Oxford University Press, 2011. cap. 22, p. 364-381.
- KUSHNER, Harvey W., *Encyclopedia of Terrorism*, SAGE Publications, 2003.
- LAFUENTE, Javier. *Colombia diz "não" ao acordo de paz com as FARC*: Colombianos decidem, com 50,2% dos votos, rejeitar os acordos de paz entre o Governo e as FARC. El País. Disponível em: <http://brasil.elpais.com/brasil/2016/10/02/internacional/1475420001_242063.html>, acesso dia 07 de outubro de 2016, 11hrs e 11min
- LAQUEUR, Laqueur. *A history of terrorism*. Transaction Publishers. 2002
- LEAL, Fernando D'Eça. *A Guerra Irregular- A Conspiração do Silencio no século XXI?* (1). Revista Militar Assuntos Estratégicos de Segurança e Defesa n°2518. 2011.

- LEAL, Fernando D'Eça. *A Guerra Irregular- A Conspiração do Silêncio no século XXI?* (3). Revista Militar Assuntos Estratégicos de Segurança e Defesa n°2518. 2011.
- LEAL, Fernando D'Eça. *A Guerra Irregular- A Conspiração do Silêncio no século XXI?* (6). Revista Militar Assuntos Estratégicos de Segurança e Defesa n°2518. 2012.
- LOBIANCO, Luís Eduardo. *O Outono da Judeia (Séculos I a.C.-I d.C) Resistência e guerras judaicas sob o domínio romano Flavio Josefo e sua narrativa*. Niterói. 1999.
- LUTZ, James M.; LUTZ, Brenda J. Counterterrorism. In: LUTZ, James M.; LUTZ, Brenda J. *Global Terrorism*. 2°. ed. [S.l.]:Routledge, 2008. cap. 12, p. 261-282
- MELO, Chamênia Gomes de. *Soberania e direitos humanos na era digital: Uma análise da espionagem americana e do conflito privacidade-segurança*. 2014. 40 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em direito)- Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2014. Disponível em: <<http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/6253/1/PDF%20-%20Charm%C3%AAAnia%20Gomes%20de%20Melo.pdf>>. Acesso em: 21 nov. 2016.
- MENDES, Cristiano; GOMIDE, Viviane. *O IRA e o acordo de desarmamento de julho de 2005*. Puc Minas, [S.I.], 2005. Disponível em: <http://pucmg.br/imagedb/conjuntura/CNO_ARQ_NOTIC20051220160412.pdf?PHPSESSID=b9ebda423d8151f5572f357250c9d4c9>, Acesso dia: 11 de novembro de 2016.
- MONTEIRO, Gustavo Feital. *Juventude hitlerista: Propaganda, ideologia e antissemitismo*. Universidade de Brasília. 2013.
- NATIONAL STRATEGY FOR COMBATING TERRORISM*. United States of America. 2003. Disponível em < https://www.cia.gov/news-information/cia-the-war-on-terrorism/Counter_Terrorism_Strategy.pdf >. Acesso em: 22 ago. 2016.
- RAPOPORT, David C. *Fear and Trembling: Terrorism in Three Religious Traditions*. The American Political Science Review .1984.
- ROSA, Cristiana Souza da Rosa. *Pequenos soldados do Fascismo: a educação militar durante o governo de Mussolini*. Antíteses, vol. 2, n. 4, jul.-dez. de 2009, pp. 621-648 encontra-se no site: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses>, acessado dia 16 de outubro de 2016, as 14hrs e 21min.
- ROWLANDS, Dane; KILBERG, Joshua. *Organizational Structure and the Effects of Targeting Terrorist Leadership*. 2011.24 p. Workshop - Carleton University, Ottawa, Canada, 2011. Disponível em:<http://www3.carleton.ca/csds/docs/working_papers/RowlandsKilbergWP09.pdf>. Acesso em: 06 set. 2016.

- PEREIRA, Carlos Santos; *Dez Anos de Guerra no Afeganistão*, <<http://comum.rcaap.pt/handle/10400.26/7647>> acessado dia 17 de novembro de 2016 às 21hrs00min, Revista Instituto de Defesa Nacional Portugal, pp. 179-216, 2011.
- POLAND, James M. *Understanding terrorism: Groups, Strategies, and Responses*, Pearson Education. p. 25-54. 2005.
- SCHWIKART, Georg, *Dicionário das Religiões*. Tradução: Clóvis Bovo, C.Ss.R. Aparecida. Ed.5 2003. SILVA, Rosana Martins dos Santos. *O fracasso do evergetismo romano na Judeia*. Web Mosaica: Revista do Instituto cultural judaico. p 110-113 .2010
- SHEPPARD, Si, *The jewish revolt ad 66- 74*, Osprey Publishing.2013.
- SHEPARD, William S; *The ETA: Spain Fights Europes' s Last Active Terrorist Group*; Mediterranean Quarterly; 2002.
- STATE, US Departmet Of. *Country Reports on Terrorism 2015*. 2016. Disponível em: <<http://www.state.gov/j/ct/rls/crt/2015/>>. Acesso em: 22 ago. 2016.
- SUNY, Ronald Grigor. *The Cambridge history of Russia: Vol III The twentieth century*. Cambridge University Press, Nova York, 2006.
- TEJERINA, Benjamín; *Nacionalismo, violencia e movilizacion social em el Pais Vasco. Factores y mecanismos del auge y declive de ETA*; Papeles del CEIC- International Journal on collective identity research, Universidad del País Vasco; 2015.
- WAACK, Willian. Guerras do Golfo. In: DEMETRIO, Magnoli et al. (Org.). *História das guerras*. 3°. ed. São Paulo: Contexto,2006. p. 453-476.
- WILLIANS, Anne, VIVIAN, Head, *Ataques terroristas a face oculta da vulnerabilidade*, Trad. Isidoro, Debora da Silva Guimarães, Larousse, São Paulo, 2010.
- ZARDO, Guilherme Luthemaier. *A Propaganda Política Soviética: Uma análise de dez cartazes de 1917 a 1945*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 2010.